



Hw 3MLQ 0



No 481

Innocentio - Dic Tom 18 - ff. 255

Harvard College Library



**BOUGHT FROM THE
ANDREW PRESTON PEABODY
FUND**



**BEQUEATHED BY
CAROLINE EUSTIS PEABODY
OF CAMBRIDGE**

ESTUDOS BIOGRAPHICOS.

Recife, 15 de Setembro de 1863.

FURTADO COELHO.—Ahi vai a tua biographia, cuja—2.^a PARTE—que á tua sahida de Pernambuco ainda não estava prompta, só agora acabei de colleccionar. Manda-a imprimir quanto antes, que eu estou ansioso por vel-a correr mundo.

Para o leitor, que já te applaudo, este livro será apenas a confirmação de que elle ha-de muitas vezes ter pensado e sentido a teu respeito; para os que ainda não puderam apreciar-te será—a tua carta de recommendação; e para aquelles que jamais terão de ouvir-te, é o teu diploma.

Dir-se-ha talvez: A biographia de um artista, escripta por um seu amigo?!—Ha mil exemplos, e quando um só não houvesse dal-o-hia eu, por que o artista chama-se Furtado Coelho, e em mim o sentimento da amizade em nada influe sobre a consciencia do critico e do analysta. Esta diz-me que não teei panegyricos de que não careces, e que me repugnariam; fui apenas verdadeiro. Tu bem sabes, sabem todos que o teu nome é presa da admiração geral.

Parabens pela tua estreia no Maranhão! Nem ora de esperar outra cousa.

E o theatro aqui? Ora! ficou morto com a tua retirada; é de todos os corpos a condição, desde que parden a alma. Fala-se sempre muito no teu nome. Alem de admiradores, contavas realmente amizades e sympathias.

Estimei muito saber que o «Carnioli» foi ahi o iniciador de tua gloria. Devia sel-o. Se não houvessem Furtados Coelhos não era tão gloriosa a criação de Feullet. Que vale o marmore antes que Canova, Phydias, Praxitelles talhem a estatua? A arte é o evangelho, pelo ou com o qual o actor transmite a verdade do author. O publico é o marmore, o drama é o escopro, o artista—o estatuario. É o sculptor da intelligencia humana.

E a gloria amigo? Souha sempre com ella; melhor é, de certo, sonhar com o ideal, que viver de olhos abertos contemplando as misérias do mundo! E que misérias! Intelligencias rotineiras, egoismos, ambições desregradas e illegitimas, muita bulha nestes cerebros vasilos; nada mais que o vento a redemoinhar n'uma caverna!

É preciso viver como Jano; ter uma face a olhar para o mundo, e a outra para o ceu. O homem está entre a attração da terra como todos os corpos, e a attração do céu como todos os espiritos. Aqui, lama; lá, alma! Aqui, vozes; lá, cantos!

O artista é um contemplador. A arte é um espelho. A gloria não é só um murmurio no espaço e no tempo. É o—nise em possessão,—da immortalidade; a mais esplendida conquista da rasão humana. É o finito a desabrochar no infinito.

Adeos:—for get me not—.

Teu amigo sincero

F. A. FILGUEIRAS SOBRINHO.

P. S.—Preparo a LEGENDA DE UM PARÁ. Para o anno espero-te na Bahia.

ESTUDOS BIOGRAPHICOS

POR

FRANCISCO ANTONIO FILGUEIRAS SOBRINHO

(Natural da Bahia.)

THEATRO.

VOLUME

I

FURTADO COELHO.

PERNAMBUCO.

1863.

Peabody

HARVARD UNIVERSITY
WIDENER LIBRARY

21423

1.ª PARTE.



BIOGRAPHIA.

FURTADO COELHO.

L'art du théâtre va redevenir une magistrature d'autant plus importante et plus utile, qu'elle ne mêlera plus aucune superstition, aucun erreur, aucun fanatisme, aux maximes de la saine morale.

TISSOT. (ENCYCLOP.)

I.

Como Minerva sahio armada da cabeça de Jupiter, o theatro nasceu, como inspiração artistica, do genio da civilisação. Elle cantou os mysterios do espirito humano ao pé das muzas que esquentavam com beijos ardentes as fronteas laureadas dos poetas, e, em cima da tripode theatral, augurava o futuro, como a Pythonisa do Lacio.

É assim que os guerreiros de Athenas dançavam ao redor do berço de Euripedes.

No dia em que o theatro se abriu para o publico, foi inaugurada a escola da moral, dos costumes, da civilisação, sob as formas estheticas. O coração do povo entumeceo de jubilo, por que se vio estudado por homens de genio, e, sobretudo, discutido, quando o egoismo das individualidades o separava em classes rivaes, e em homens inimigos.

Eschylo fez o *Prometheu*, e a humanidade entrou na sua acção collectiva, (caracter especial do drama moderno) no desenvolvimento da idéa dramatica.

Apoz a tradição e o symbolo, a escola: Thales substituindo Moysés. Apoz a escola, o drama: Eschylo depois de Thales.

O facho da civilisação grega allumiou os altares da poesia romana, e Aristophanes é substituído por Plauto e Terencio.

A idade media, quando o espiritualismo da sociedade christã mudava o fundo da litteratura sob o materialismo da theogonia grega, a idade media viu os famosos *mysterios*, aos quaes se adaptavam as regras scenicas.

Então a idéa entrava na investigação do futuro eterno. Dante, resumindo os poemas legendarios dessa epocha, creou a *Divina Comedia*.

Quando o seculo do renascimento surgiu, appareceu o theatro, engrandecido, como a humanidade, apoz suas peripecias historicas, representando a phase do novo desenvolvimento moral. *Hamlet* substitue *Prometheu*. Shakspeare creou o theatro inglez e inaugurou a escola romantica.

Sob o seculo de Luiz XIV, Corneille e Racine se elevam grandes como sua inspiração religiosa, e a simplicidade grega apparece na harmonia christã. *Poliuto* e *Athalia* são grandes. Molière os segue na comedia, e funda a verdadeira escola cômica da humanidade no relevo dos caracteres typicos de todos os tempos; genero de comedia que pode passar á immortalidade, contra os argumentos de G. Plánche; embora a dos enredos e costumes, variando com elles e com o gosto, com elles morra, porque não representa eternamente o prototypo da natureza humana.

Apoz a philosophia critica, alliada do genio pratico da realidade, a poesia dramatica representou a phase da duvida e do desespero, symptomas da doença do seculo, e da sociedade abalada pelo cahir da velha sociedade. O livre exame e as desillusões da liberdade crearão o drama severo da humanidade, sob os problemas da sciencia, e a grandesa das aspirações eternas do espirito humano.

Goethe creou *Fausto*. É a representação da sociedade em desespero. O genio de Voltaire (*Mephistopheles*) sopra na cabeça de *Fausto*. Se *Hamlet* canta *to be or not to be*, Henrique Fausto pede á sciencia impotente a solução do grande mysterio do universo, o qual pedia D. Juan ao mal, Manfredo ás estrellas, Werther ao amor.

Eis os tres grandes vultos do theatro: Eschylo, Shakspeare e Goethe.

Cada um é nascido *fatalmente* das entranhas de sua sociedade, como necessidade de expressão do genio popular.

Nos nossos dias nasceu uma escola de crença e de regeneração. A impiedade e ao materialismo succedêram o ideal e a alma humana reclamando os seus direitos. Victor Hugo, Lamartine, Sue, Vigny, se levantaram ao toque da missão democratica, e um d'elles (Victor Hugo) exprime a nossa sociedade pela sua expressão—a litteratura.

Que fazia o theatro antigo? *Punia pela tragedia os crimes dos reis, e pela comedia os vicios dos plebeus.*

Que faz o theatro moderno, engrandecido, como a humanidade, de que elle é a expressão, sob as formas especiaes da arte? Elle representa o homem na sua ida para o futuro, que é a obra do progresso e o verbo de Deus, a solução do seu destino em suas variadas situações, ao pé da sociedade e da natureza, animado pelas paixões que Deus deitou no seu coração, como incentivo de seus actos, mas reflectindo nessas paixões o raio da fé, da esperança, da liberdade e da verdade, formando o colorido harmonico no fundo da idéa.

O theatro, como diz Victor Hugo, ensina e civilisa. Nos nossos tempos de duvida e curiosidade, elle tornou-se para as multidões, o mesmo que a Igreja na idade media,—o ponto central que attrahe.

Reflectir os factos; cantar a virtude, este raio do bem; a sciencia, este raio da verdade; cantar com a poesia, este raio do bello, os sentimentos, as glorias, as sympathias e o futuro da humanidade, sob as inspirações da patria, do povo, da sciencia e da religião; harmonisar o fundo dramatico com o da natureza, explicando pelo theatro, pela scena, pela arte, o desenvolvimento do espirito e as grandezas do coração; e, acima de todas as quedas, males, vicios, crimes e horrores, fazer levantar a virtude, o bem e a verdade, (leis infalliveis de Deus) como a religião se levantou do circo das feras, triumphante ao pé dos inimigos vencidos e impotentes, tal é a missão do drama moderno.

II.

O drama é a vida:—acção, caracteres, paixões; um destino em cada homem, um sentimento em cada ente, um movimento em cada vontade. A arte dramatica comprehende a concepção do producto e a sua execução: na concepção o bello é a fonte da idéa, do estylo e do gosto; na execução o drama é a propria acção na sua unidade, fallando á moralidade publica, sob o prestigio do talento do actor.

Na idéa ha o bello, isto é, o grande na natureza humana em suas relações mysteriosas com Deus e a consciencia; na execução ha a moralidade, isto é, a verdade da acção, formada pela combinação artistica das regras da esthefica. As leis naturaes são para o mathematico um estudo severo; o bello e a verdade, contendo em si a grandesa e a moralidade, a concepção e a execução, são o quadro d'onde extrahе o author a côr, a idéa e a forma do seu producto.

Shakspeare é o vulto mais gigantesco do theatro. Porque? Porque unio a verdade da moral á grandesa da acção. Seus caracteres são perfectos: *Hamlet* é a duvida; *Macbeth* é a ambição; *Romeo* é o

amor; *Othelo* é o ciúme. Eis a concepção; é o bello contendo em si a verdade, como a estrella a luz.

A arte deu-lhe todos os segredos dramaticos, os effeitos, os lan-ces, o risivel, o pathetico. Racine e Corneille, tragicos primorosos, analysaram a paixão,—o bello da tragedia; Molière, comico sublime, que não pertence á França, diz um litterato, mas á humanidade, pintou os caracteres da vida real; a arte estabeleceu-lhe as proporções e as côres.

Tartufo é a hypocrisia; *as preciosas ridiculas* é o pedantismo; o *mysantropo* é o scepticismo.

A arte dramatica é pois a *sciencia do bello*; dá proporções, formas, côres e estylo ás producções theatraes. Ha duas regras principaes na arte: unidade de acção, e verosimilhança. A tripode das unidades da antiga escola foí derrubada ao erguer do throno de Shakspeare. É a acção, a verdade que interessa o expectador; o lugar e o tempo, simples accessorios. Aristoteles e Horacio foram desthronados. Cada epocha tem seu espirito.

O author deve fallar aos espectadores de muitas maneiras; pintando as paixões, fallando ao coração; pintando os caracteres, fallando á intelligencia; pintando a acção, isto é, a lucta dos principios contrarios que conspiram para o desfeiche, aonde está a licção moral; fallando aos olhos, transmittindo impressões duradouras, e contribuindo assim para esta grande educação do espirito, por meio do bello, como a religião por meio da persuasão, e fazendo do theatro uma arma de guerra contra o vicio, o crimê e a ignorancia.

Quando Schiller representou os *Salteadores*, a mocidade da Allemanha desertou para as florestas. Tal é o effeito da arte.

Curvai-vos, homens do mundo, ante o poder da rasão humana! Homens do ouro, perdestes a vossa fé?... ignorantes, amais as trevas? O mundo vio tambem seus diluvios de erros; as torrentes caudalosas das paixões; a ignorancia de côlo erguido; os combates, desde os deuses e os heróes até os duellos do espirito; desde as tendas de Achilles, e a criação poetica do Olympo, até ás festas do Hotel Rambouillet. O theatro salvou do naufragio da consciencia as tradições adulteradas da religião, do dever e da moral.

A arte foi a arca sagrada posta ante a magestade do talento que

não morre. . Quereis saber o que é a virtude? quereis conhecer o vicio? quereis o atractivo d'aquelle, e a pintura repugnante d'este? ide ao theatro. De lá sahireis com a alma cheia de idéas, e o coração cheio de sentimentos.

A arte não morre; o talento é como o sol; em quanto este não parar, aquelle não morre.

O drama nasceu, pois, da reunião da tragedia e da comedia; é o character e a paixão,

Ha, porem, um ramo d'arte dramatica que consiste em dar alma ao drama; é a arte da representação, vituperada pelas gerações que passaram, e que agora pede o passaporte de sua entrada honrosa no seculo, á philosophia e á razão emancipadas. Arte sublime, sacerdocio que tem Evangelho e Cruz, martyres e cren-tes. O actor é o oraculo da moralidade philosophica do drama. Tem as regras da scena, a sciencia do pathetico e do risivel na acção; o gesto, a palavra, a attitude, a mimica, é tudo nelle uma interpretação constante e bella da verdade dramatica.

Seu merito é arraigar a verdade no animo do espectador pelo seu movimento e linguagem. Arte bella! Shakspeare e Garrick corriam terras, deixando as turbas extaticas, e seu nome escripto entre os louros da scena. Molière representava ante Luiz XIV, e a França admirava o genio de Poquelin; Talma faz a admiração do mundo, Rachel foi chorada; Malibran e M.^{elle} Mars, respeitadas e collocadas no Pantheon da historia do theatro.

Não admiraricis Kean, Lemaitre? não amarieis Lafontaine que exalta Pariz, como Kean a Inglaterra! Não vêdes perto Taborda e Emilia das Neves enthusiasmando Portugal? João Caetano é seu igual no Brasil, mas está morto,—Terra de genios, mas infeliz como elles!

Para estes, sabei-o, a arte não era uma profissão mais ou menos lucrativa, um ridiculo e torpe aluguel da intelligencia e da linguagem. Não; era uma idea e um estímulo; não queriam dinheiro, mas gloria; não recitavam, mas fallavam e moviam. Hoje a arte tem poucos filhos!

Os preconceitos do passado, quando o clero negava sepultura a Molière, e chamavam á arte um officio mechanico, se fundiram no desprezo desta classe de si mesma, para recrudescerem em pleno

seculo. Os artistas nem sempre amam mais a arte que a profissão; são verdadeiros suíços da arte, como dizia um, alugados ao empresario. Felizmente á marcha do mundo a arte vai-se levantando, e alguns genios aparecem.

No Brasil o theatro é um ramo cultivado; mas a arte é desprestigiada. Alguns talentos, mas sem cultura; alguns genios, mas mortos cêdo; a arte rebaixou. É preciso erguel-a.

Um homem de genio, que desde a infancia amava o theatro com delirio, veio ao Brasil para engrandecer-se na scena, e engrandeceu a arte, criando o gosto, introduzindo a escola moderna; bannindo pelo realismo as exagerações da escola antiga, em desharmonia com as idéas da sociedade, e fazendo da arte um sacerdocio sagrado, por que a arte é a representação do bello, e por tanto de Deus, na sua missão evangelica de civilisação. Elle o comprehendeo.

Este homem é Furtado Coelho. Vocação irresistivel, illustração, talento, probidade,—eis os seus titulos de actor e de homem.

A imprensa brasileira saudou a sua entrada no theatro, como uma data gloriosa nos annaes da arte dramatica nacional.

III.

O genio nasce com a consciencia na arte e na sua missão. O poeta apostropha; o pintor bosqueja, e o actor declama. Ao passar destes vultos obscuros, ao primeiro albor de suas inspirações, quem não dirá: aquelle é talvez Paçcal? . . este, talvez Mozart?

A individualidade artistica revela-se no seu *eu*, em busca da idéa que o agita; adivinha-lhe o curso, o alvo; descobre sua vocação, aplaude-a internamente; eis a consciencia do artista; é o seu baptismo. Mais tarde elle dirá, ao fervôr das ovações: eis a minha confirmação!

Não ha homem de genio para quem a palavra — *gloria* — seja mais electrica e esplendida do que para o actor. Sua palavra move aquelle mundo que o ouve; arrasta-o a seus pés. O seu gesto, a sua attitude, o seu movimento impressiona, faz rir ou chorar; muda os espectadores da admiração para a contemplação, do sonho para a realidade, do riso para as lagrimas, da arte para a natureza. De repente os *bravos*, os applausos, os triumphos, as corôas alastrando o chão da scena. Amanhã o seu nome na historia. No futuro a admiração.

Mas é preciso que o actor seja um homem de bem; que ame sua arte, como o seu Evangelho; que seja para a scena, o que a scena é para seus sonhos de gloria,—um throno de que se faça rei.

Sentir, instruir-se, exforçar-se,—eis tudo.

O actor tem duas grandes difficuldades a vencer na epocha actual; os restos dos prejuizos de classe, e a vida que teem levado os actores em seu proprio desamor. A primeira vae-se desarraigando, como todos os abusos, só plantados n'algum espirito enfermo, que vê na ebulição das idéas da nova escola, que fundaram a sociedade moderna, uma doença em vez de uma civilisação; a outra vae-se extinguindo, pelo amor da arte que vai nascendo.

Já se foi o tempo que o clero negava sepultura ao actor.

Molière insepulto! Tinha rasão Voltaire de redicularisar coisas desta ordem.

Quando a revolução de 1789 destruiu os privilegios da nobreza feudal, entre os quaes, estava o de professar as armas, declarou que não eram as armas que honravam os homens, mas os homens as armas. A arte ennobrece o actor, como o actor ennobrece a arte. O actor da-lhe seu talento; a arte da-lhe sua gloria.

A arte é um altar, o actor um sacerdote; as offerendas neste altar tambem lhe cabem.

Na epocha actual ha uma aspiração incessante de elevação e nivelamento de todas as classes.

A nobreza titular cahio como um galão pregado no uniforme da estupidez, com que se vestiam os homens no reinado de Orlando.

A democracia fez seu epitaphio.

O artista que ennobrece a arte é digno de respeito, como de glorias.

O genio não tem classificações. Shakspeare é igual a Miguel Angelo; Rossini é igual a Newton.

A nobreza do mundo é a da intelligencia. A outra era o privilegio de *morrer com a cabeça cortada, e de duellar em pontos de honra.*

O nobre adulterava com a mulher do plebeu, e tolhia-se a este o direito de defeza; entretanto que o nobre podia matar o plebeu apanhado em adulterio.

Por isso diz Voltaire, no seu—*Ensaio sobre os costumes*: Ha na historia humana coisas terriveis e ridiculas !

As constituições livres, sahidas da fornalha que incendiou o mundo do passado, e allumiou o do futuro, consagram a elevação pessoal pela virtude e pela intelligencia. Grande triumpho !

O homem que se ennobrece é nobre. Perante o direito são todos iguaes, como perante Deus, de quem elle é o representante na sociedade.

O artista nasce com sua idéa; de sonho passa á aspiração:—flama celeste, ebulição intima, genio; sente estremecer-lhe a cabeça, como a mulher fecunda as entranhas:—exforço, iniciativa, estreia, primeiro raio de sol no horisonte. Rembrandt prepara as tintas; Poquelin ri-se no salão de Carlos d'Angènes.

O voto publico,—eis a corôa. Feliz a fronte que a provoca, e que a merece. Vós, homens do mundo, abri fileiras; quando o genio passar, atirae-lhe flores.

Mirabeau agonizando tinha a França por enfermeira. Os funeraes de Byron são as lagrimas da posteridade. Diante do tumulo de Humboldt e de Gœthe, o orgulho dos reis se confunde. Hypocrates recusa os presentes de Artaxerxes; Alexandre respeita a casa de Pindaro; a armada ingleza salva as bagagens de Bufon, e Frederico II saúda o rei Voltaire.

É assim que os homens se devem curvar ante a grandeza dos vultos gigantes da intelligencia e da arte.

Haverá um destes vultos neste folheto? Ha. É Furtado Coellro.

IV.

Furtado Coelho pertence a esta grande familia intellectual, que se perpetúa do primeiro ao ultimo seculo.

Descendente de Platão pela idéa,—aos olhos do historiador, elle não tem outra familia que a das intelligencias.

Só o genio pôde dizer o que dizia Napoleão de si:—*A minha nobreza data de mim.*

Que importam as listas chronologicas dos reis? A realesa foi feita; o talento e o genio nascem reis. Quem os sagra? a Divindade. Quem os adora? a humanidade.

Os reis são ás vezes usurpadores; o genio conquista e vence pela grandeza de sua força,—a idéa.

Pode-se dizer d'elles o que Voltaire dizia de um só: Uns reinam pelo direito de nascimento, outros pelo direito de conquista.

Na biographia de um desses homens só se deve escrever suas glorias.

Mas para vós, homens do mundo, vou dizer-vos a familia humana de que descende o grande artista.

Furtado Coelho, nascido em Lisboa a 28 de Dezembro de 1831, é filho de João Pedro Coelho, Empregado nas Repartições Superiores de Fazenda em Portugal, e de D. Lucia da Costa Cordeiro Pinheiro Furtado. Por seu pai, descende de Antonio Pedro Coelho Pereira de Barros, que exerceo, até sua morte, importantes cargos publicos.

Por sua mãe, é neto do Tenente-General Eusebio Candido Cordeiro Pinheiro Furtado de Mendonça, Commandante Geral, que foi, da Arma de Engenharia, militar distincto, que prestou relevantes serviços ao seu paiz, e já hoje fallecido; e bisneto do Marechal de Campo Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado de Mendonça, morto no exercicio do Commando Geral, tambem da Arma de Engenharia, e Moço Fidalgo da casa de S. M. Fidellissima.

Esta familia tendo-se distinguido pelas armas, destinára-o á profissão militar.

Assim foi elle matriculado na Eschola Polytechnica de Lisboa, para seguir, como seus avós, a arma d'Engenharia. Mas a terrivel revolução de 1846, interrompendo os cursos das academias, fez com que o nosso joven abandonasse os seus estudos, e se empregasse como Amanuense da Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra.

Desde pequeno o seu sonho de ouro, o seu pensamento, a sua visão do futuro, foi o theatro. Era assim que, contrariado e triste, obedecia a seus pais que o desligavam de sua idéa risonha e feliz.

Este sentimento d'arte palpitava-lhe nas entranhas, mas elle o calava com medo de contrariar-os,

Esta feição da vida do nosso artista é semelhante á de Garrick, que, para não desgostar sua mãe, fugia da cidade natal, para representar em longiquas terras.

O preconceito da classe ainda está arraigado na intelligencia pouco reflectida das massas. Passa como herança de prejuizos e erros que a geração que morre deixa á geração que nasce.

Elle não queria *deslustrar* sua familia pela profissão da arte dramatica. Mas o espirito, que desposa uma idéa, não a abandona. É por ali que se conhecem as vocações.

Callando este sentimento intimo, deixava seu emprego para viver com os actores, e em intimidade com todos elles.

O que o tinha um pouco aliviado desta lenta e continua contra-

riedade era a musica, que, desde pequeno, cultivou com grande brilho.

A musica! Como lhe não cantaria ella as harmonias da gloria? a embriaguez dos triumphos da scena? Eis o que elle sonhava: Um mundo a seus pés, que elle move, que elle civilisa, que elle educa, e que tambem eleva o artista até a adoração popular.

A gloria! ultima montanha do genio. É de lá que elle pode ver surgir o sol da posteridade.

A idéa, nascida do sonho, como este do pressentimento, transbordava do espirito para a realidade. Era preciso vencê-la, ou fazer d'ella o seu estandarte para passar o Rubicon do destino, como Cesar para entrar em Roma.

Foi isto que fez com que Furtado Coelho indo visitar seus pais a Vianna do Minho, (em 1851)ahi se agregasse a uma associação dramatica particular dos mancebos mais distinctos da cidade, que eram seus amigos, e que o receberam com abundancia de satisfação. Offerece-se a representar qualquer papel importante na primeira recita. Dir-se-hia que elle queria experimentar-se. Mas essas intuições intimas, esses pressentimentos secretos não mentem nunca. O drama representado, e em que fez o papel de protagonista foi o *Pagem d'Aljubarrota*, de Mendes Leal. O temor de entrar em scena, as primeiras e novas impressões diante de um mundo novo, contemplando o ceu do futuro, fizeram-o tremer.

Mas o successo dessa noite, os applausos vivos do publico, sagravam-lhe na frente a corôa de actor. A mão do destino o baptisava com o oleo da gloria, em nome de Shakspeare e Garrick. Não lhe bastou isso. Era um publico amigo que o tinha julgado. Era mister o publico severo que forma as reputações immorredouras, com o stridor de suas ovações. Mas como pisar n'um theatro publico o descendente de generaes? Embora a democracia, rainha do seculo, com o passaporte da philosophia, eleve todas as classes ao nivel do mesmo direito, e, portanto á igualdade das mesmas aspirações, todavia nem todos os homens honram igualmente a grandeza de todas as vocações, filhas da mesma rasão immortal.

Que terrivel dilema: desagradar a seus pais, (embora as glorias do artista sejam tão grandes e tão puras como as da espada do general) e seguir seu destino, ou fazer-lhes a vontade e perder sua

individualidade artistica. Que restava fazer?... Como diz Riche-lieu:—*La nuit porte conseil*; esperar, porque o tempo traz a solução de todos os problemas. Pela opposição de seus pais nenhum empresario admittil-o-hia no gremio de suas associações.

Mas como apparecer sobre o palco de um theatro publico, no meio de uma grande capital, e provocar, com o seu talento; o enthusiasmo dos expectadores, e ouvir-lhes os *bravos* e sentir-lhe os applausos? Como realisar esse sonho de todos os instantes, que lhe escaldava o cerebro? Fosse de que modo fosse era preciso que tal acontecesse. Assim foi.—«Ao menos tocarei piano n'um expectaculo qualquer, n'um concerto, n'um beneficio, emfim entrarei em scena, e poderei do palco contemplar uma sala cheia de expectadores.» Não era tudo, mas era alguma coisa.

Assim Furtado Coelho promoveu no theatro de D. Fernando um expectaculo-concerto em beneficio de uma familia necessitada.

Pede aos artistas, seus amigos, que o ajudem n'esse empenho; ao distincto actor Tabora, ao violoncellista Cossoul, ao barytono Celestino, á Companhia Dramatica Francesa; e um magnifico expectaculo saudou a gloria do artista, e a philantropia do homem.

Seu avô, desesperado com estas idéas theatraes e artisticas, en-via-o para Vianna, e ahi o nosso joven declara a seu pai o seu sonho, isto é, sua vida e seu destino, e que não queria outra gloria, outra fortuna, outra carreira que a de artista. *A digito gigans.*

A vocação crescia e transbordava: a arte tinha um filho distincto, que o prejuizo social queria afastar do livro dos eleitos da gloria.

Mais que os homens pôde o destino. Essas contrariedades não o abalavam do firme proposito em que estava. Sua fantasia pintava-lhe mais coloridas estas miragens da scena. Aquelle mundo, que applaudia Molière e Kean, fascinava-o como a visão de Colombo.

Chorou sobre as glorias de Talma e Garrick, como Themistocles sobre os tropheus de Milciades. Esta lagrima revelou-o—genio.

Lembrou-se de um stratagema. Vir ao Brasil, irmão gêmeo de Portugal, povo intelligente e amigo, sem quem lhe tolha os passos.—Bravo!... eureka!...

A solução chegava. Calla-se a respeito de suas pretensões, e re-

gressando a Lisboa, dispõe a pouco e pouco o animo de seu avô a fim de mandal-o para o Brasil, para seguir o commercio que tanto fascina os portuguezes. No emtanto frequentava ás occultas as caixas dos theatros; estudava a litteratura dramatica; e com estes estudos e vocação fez diversas obras de que fallaremos depois.

Seu avô, convencido de que sua *mania* estava curada, manda-o para o Brasil acompanhado de cartas de recommendação.

Com que jubilo não veria elle as plagas brasileiras, que iam ser a patria de sua nomeada. Nellas pisando, poudo exclamar emfim: Achei o meu mundo!

V.

Desembarca no Rio de Janeiro em Março de 1856. Qual não foi porem o desapontamento do nosso joven ao saber que no Rio tinha parentes collocados no alto da representação publica? *

A sorte o tentava e o experimentava. Cumpria vencel-a; cumpria clamar como Cesar: *Veni, vidi, vinci!*

Com a delicadesa que o destingue, não quiz chocar seus parentes, entrando como actor no theatro. Com tudo estudou-os, e tomou a direcção d'aquelle que estava mais em harmonia com a escola moderna, que era o *Gymnasio*, sendo convidado pelo seu empresario Joaquim Heliodoro Gomes dos Santos, a tomar o cargo de ensaiador e director artistico, e ahí introduzio a escola realista, e opêrou uma revolução regeneradora na arte dramatica.

Grande sensação fez no mundo das letras, porque com elle entravam o gosto e a escola.

* O conselheiro Bellegarde, ministro d'estado honorario, senador Eusebio de Queiroz, conselheiro Bivar, e coronel Conrado de Niemeyer.

Furtado Coelho acabava de publicar, em folhetim no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, um artigo sobre arte dramatica, que fez muita sensação.

Recebido em todos os circulos litterarios do Rio, breve relacionou-se com os talentos que figuram nas letras patrias. Introduzio a moda de recitar versos ao piano, causando uma agradavel harmonia na união do verso e da musica, estas duas harmonias da intelligencia humana.

Os jornaes saudaram o novo athleta da arte, e o publico presentia-o ancioso.

Receioso, porem, como dissemos, de desagradar a seus parentes, não quiz desde logo entrar em scena.

Mas quantas vezes, na sua cadeira de ensaiador, ao enthusiasmar algum artista talentoso no estudo de seu papel, elle estremezia de inveja, e se enthusiasmava tambem a um ponto extraordinario? E quando mais tarde, nas noites de representação, elle ouvia o publico applaudir esse artista, exclamava em varias situações: —Parte d'aquellas palmas são para mim; e nem talvez o publico pense nisso, nem elle o sabe, nem eu as recebo.—E accrescentava no recato de sua angustiada impaciencia:—É preciso portanto que ellas rebentem ao som de minha propria voz!

Porfim não podendo mais conter-se, e affrontando ridiculos preconceitos, offerece ao empresario para representar. Este, em seus calculos financeiros, comprehende desde logo os lucros que lhe proviriam de uma tão distincta e tão bella aquisição para seu theatro; no entanto duvida aceitar a proposta, lembrando-lhe as censuras em que, elle empresario, incorreria no animo de *parentes e amigos (?)* de Furtado Coelho,

O nosso artista desespera-se de ver diante de si sempre a mesma barreira dos prejuizos banaes e susceptibilidades absurdas.

Decide, pois, a despeito de todas as considerações, escripturar-se como actor em qualquer companhia dramatica, na primeira que lhe apparecesse. Em seu desespero e anciedade, seria capaz de escripturar-se n'uma companhia de roça, se n'essa occasião não acontecesse achar-se no Rio de Janeiro, em demanda de alguns artistas, um tal João Ferreira Bastos, empresario do theatro

de Porto Alegre , capital da provincia do Rio Grande do Sul.

Mais que depressa o nosso heróe entra em accordo com João Ferreira Bastos, que, pela sua parte, e segundo o que a seus ouvidos chegára a respeito de Furtado Coelho, se congratula pela acquisição que acabava de fazer.

VI.

Em Agosto de 1857 estrejava o distincto neophito no theatro de Porto Alegre, no papel de *Rafael Didier* das MULHERES DE MARMORE.

Os Rio-Grandenses, publico intelligente e entusiasta, mais de uma vez sentiram-se arrebatados por seu talento, e applaudiram e victoriarão, como deviam, os primeiros passos e sinceros esforços de uma verdadeira e extraordinaria vocação.

Rapidamente, eis que de dia em dia o seu talento se desenvolve e se avigora; com o frenesi de uma paixão insaciavel, procura no mais aturado estudo descobrir seus erros, e corrigil-os; busca prescrutar os segredos mysteriosos e as bellezas supremas da sua difficil arte, e pol-os em pratica. Nestas lucubrações gloriosas, animado por um publico que, desde a sua estreia, cada vez mais coroava seus esforços, e recompensava em applausos constantes o brilhante desenvolvimento de sua vocação, eil-o em breve grangeando um nome, e alcançando para elle uma reputação nos trez theatros de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande.

A imprensa e muitos de seus admiradores levaram ao Rio de Janeiro o conhecimento desta nascente reputação.

É então o proprio empresario do Gymnasio que lhe offerece o seu theatro, em cuja companhia anteriormente, se bem que com pesar, tivera escrupulo de admittil-o.

Desejoso de apparecer perante o publico da capital do Imperio, Furtado Coelho accede ao convite de seu amigo empresario, e vai ao Rio de Janeiro. Mas já não era o neophito que ás cegas aceitaria qualquer papel, só com o desejo de pisar as taboas encantadas do palco; era um artista applaudido, um actor de nome, dispondo de um escolhido repertorio,

Estreiou, no Rio de Janeiro, no papel de *Jorge Bernard*, na comedia—POR DIREITO DE CONQUISTA—de Scribe e Legouvê. A anciedade e a expectativa publica fez com que fossem ao theatro nessa mesma noite, muitos actores dos diversos theatros. Nunca se vira um tão grande numero de actores assistindo a uma representação dramatica.

Era tambem a curiosidade ver como um actor com um anno de scena disputava o lugar de *primeiro-galan*, que Amoedo, um dos mais distinctos artistas d'aquelle theatro, tinha occupado.

Os applausos publicos, as ovações d'essa noite sagraram o vulto scenico que electrizou as turbas. Os jubilos dessa gloria lhe devem ser uma recordação bem grata,

Depois leyou, em seu beneficio, o drama «PEDRO» de Mendes Leal, o typo do drama moderno portuguez. Nozas corôas conquistou por essa occasião,

Elle procurava os papeis mais difficeis e brilhantes. O Gymnasio chegou á sua phase mais gloriosa, Mas o vôo não parava.

Querendo crear uma empresa sua, aonde o material e o moral do theatro tivessem o brilho e o apparatus dos dramas modernos, organisou uma companhia de distinctos artistas, tomou a empresa sobre seus hombros, e de repente surgio o *Theatro das Variedades* sob sua direcção.

Mas luctando com a repugnancia do publico pela localidade do mesmo theatro (*Praia de D. Manoel*), e despendendo grandes ordenados com a numerosa e excellente companhia, preferio fechar as portas do theatro a sacrificar o espirito artistico ao espirito

mercantil. Era ainda uma prova do amor da arte que cultivava.

A existencia desse theatro foi curta mas brilhante.

Ahi representou importantes papeis; sobretudo o de *Visconde* do drama «*OMPHALIA*» escripto para elle pelo distincto poeta brasileiro Quintino Bocayuva.

Firmado o seu nome, e firmada a sua escola no Rio de Janeiro, elle quiz começar a visitar os outros theatros do Brasil, para continuar a propaganda d'essa escola, a escola da verdade, cujas raizes elle acabava de plantar ali com os mais felizes resultados.

Os reiterados convites que teve da provincia de S. Paulo decidiram-n'ò a ir a essa provincia aonde a fama do seu nome tinha chegado.

Desembarcando em Santos, a pedido do amavel publico d'essa cidade, representou em seu theatro, e todas as demonstrações de admiração lhe foram tributadas na scena e fóra d'ella.

Chegado a S. Paulo, houve uma como emulação de testemunhar-lhe sympathias e admirações, a ponto de offerecer-lhe o publico desta intelligente e heroica cidade uma corôa de oiro e prata, como um signal bem significativo do grande apreço em que o tinham.

A academia, que figurava e figura na imprensa, e que tinha sua influencia no theatro, composta desta mocidade illustrada e liberal, brilhante estrella do ceu da patria, o tinha colocado no vertice da admiração. A's demonstrações dessa corporação, Furtado Coelho respondia com palavras eloquentes, e chegou a traduzir o seu agradecimento pela «*Marcha Academica*» dedicada aos mesmos estudantes;—hymno de esperanza e futuro, que fazia a mocidade levantar-se em extase para lhe dar extrepitosos bravos.

Publico cheio dos santos transportes pelo bello e pela vèrde, verdadeiros athenienses em materia de gosto e de arte, com a sua imprensa, que nunca cessou de applaudir o nosso artista, S. Paulo é uma das lembranças mais gloriosas da sua vida.

Nesta provincia, aonde se demorou perto de um anno, alem dos theatros de Santos e de S. Paulo, representou nos theatros de Campinas, Itú, e Sorocaba, cedendo a convites e pedidos dos publicos d'essas trez cidades.

Depois disso, a saudade de voltar ao primeiro lugar em que rece-

Lêra os mais animadores applausos, fêl-o regressar ao Rio Grande do Sul.

Na viagem para o Rio Grande o vapor da carreira faz escala por Santa Catharina, aonde se demora 12 horas. Constando na cidade que entre os passageiros do paquete ia o artista Furtado Coelho, uma comissão de cavalheiros distinctos conseguiu do notavel viajante que ali demorasse o seu itinerario por alguns dias, afim de ser apreciado o seu talento, cuja fama era tão apregoada no meio dessa pequena cidade, aonde seus habitantes mal pensariam vêl-o. A cidade do Desterro, capital da provincia de Santa Catharina, é um pittoresco lugar, mas pobre bastante pela quasi nenhuma actividade commercial de seu porto; em compensação, porem, encontra-se ali uma sociedade muito sympathica e muito intelligente.

Tem um pequeno theatro, aonde uma associação dramatica particular dos mancebos mais considerados da cidade dão uma a duas representações por mez, e aonde raras vezes tem apparecido uma ou outra fraca companhia de máos artistas. Para terem o praser de admirar-o, esses curiosos, que formavam a maioria da commissão, offereceram-se a representar com o nosso artista, e em quatro espectaculos, que por essa occasião tiveram lugar, a affluencia do publico foi a ponto de ficar, em todas essas noites, muita gente sem lugar no theatro.

As demonstrações de enthusiasmo subiram ao excesso de, nas duas ultimas representações, muitos expectadores saltarem ao palco, por cima da orchestra, a coroar e abraçar o homem que os electrifava, e a acompanharem-n'o á sua residencia com musica, foguetes, e acclamações. D'ali sahio um mez depois, por entre as felicitações de seus admiradores, e deixando indeleveis saudades. É esta uma das paginas mais notaveis e interessantes da vida de Furtado Coelho.

Chegado ao Rio Grande, á vista dos progressos que tinha feito desde que d'ali sahira, foi acolhido ainda com maior abundancia de ovações.

Organisára, logo que chegou, uma empresa sua, reunindo immediatamente, sob seu prestigio, diversos actores que ali se achavam fóra do theatro.

Furtado Coelho, foi ainda mais apreciado no animo cavalheiroso

que o destingue, quando concedeu espontaneamente o producto de um espectáculo para os festejos do—7 de Setembro—em Porto Alegre; sendo tão louvavel esse acto de cavalheirismo e illustração, sobretudo quando esse cavalheiro é um portuguez.

Ahi representou elle, pela primeira vez, o seu drama—O Actor—que concluiu nas proximidades de sua sahida de S. Paulo, e a acção que teve foi immensa.

Esse povo já conhecia e havia applaudido diversas producções do mesmo auctor.

E o norte? pensava elle, depois de haver colhido novos louros, e acalmado as saudades dos lugares, aonde dera os primeiros passos de sua brilhante e gloriosa carreira.

É preciso chegar até lá.

As festas do sul murmuravam échos ao norte.

Furtado Coelho vem pois a Pernambuco. O publico o esperava ancioso.

A sua estreia foi o muito romantico drama «DALILA», do muito poeta Octave Feuillet.

Carnioli, quando na scena do 5.º acto descreve a morte de Amelia, foi tão desabridamentê lacerante e pathotico, que chorava-se com o actor que tambem chorava. Tal é o sentimento e a alma do verdadeiro homem d'arte. Sente como se fôra positivamente o actor de um drama real.

Os applausos foram immensos. Diziam todos: Temos um genio!

Pernambuco só tinha visto colossal João Caetano; via agora Furtado Coelho. A ideia foi confirmada.

A imprensa o estudava, e o esboçava.

Comtudo para o publico de Pernambuco, não affeito á escola moderna, Furtado Coelho foi uma surpresa. Acharam-n'o grande, admiravel; mas não sabiam defini-lo, nem sua escola, nem explicar o que se passava em torno de si.

Revelação instinctiva do sentimento do bello, n'um povo, quando se lhe desenvolvem as faculdades affectivas e intellectuaes.

Conheciam que essa escola os agradava, e porque? Porque os representa na vida real, na qual todo o homem quer ter o segredo de seu sentimento, e de seu destino. Porque essa escola daguerreotypa os homens no estado social, com suas imperfeições e virtudes,

com o seo bello e o seu feio, com a sua luz e a sua sombra, e elles querem conhecer pelo theatro o typo de todas as virtudes, para as quaes devem marciar e chegar.

Ainda em Pernambuco foi elle quem propagou pertinazmente a escola realista. Alguns actores tinham já representado alguns dramas modernos, mas não éra isso fructo de estudo e systema; e alem disso acontecia que eram interrompidos pela interposição de dramas antigos, fóra do gosto, e alheios ao sentimento da actualidade.

Ora quando se tem uma escóla sua, consegue-se fazer, com a representação systematica de dramas, cujas idéas são as da epocha, um bello curso de moral, de gosto, e aperfeiçoamento da arte.

Ainda nesta provincia o nosso artista recebeu felicitações de diversos amigos, seus admiradores nas provincias aonde esteve, recordações de seus triumphos, e estímulos de novas glorias.

Os publicos da Bahia, Maranhão e Pará esperam-n'o anciosos. Não sabemos qual d'elles será o preferido. O que é certo é que todos elles desejam impacientemente contribuir com seu enthusiasmo para abrilhantar ainda mais o pedestal de glorias, sobre que assenta o nome de Furtado Coelho.

.
Furtado Coelho tem todas as proporções phísicas e moraes da scena; a voz sonora, flexivel e cheia, a fronte larga, a estatura regular, e a consciencia do bello na alma. A sua maior eloquencia é a do gesto; é ella só que pertence ao genio.

Shakspeare quando representava inspirava o horror. Kean, Gerriek e Kemble apossavam-se tanto de seus papeis, que produziam nos expectadores todos os effeitos artisticos—o heroico, o apaixonado, o risivel e o pathetico. Baron, o grande discipulo de Molière, era admiravel. Por que?—pela naturalidade.

Lekain fazia arrancar gritos ás mulheres, pintando o heroismo do amor. Por que?—por que sentia; era o homem se revellando no artista. Perguntae-o a Voltaire que o elogiou.

Talma identificava-se com o seu heróe a ponto de assombrar a platéa, sobretudo quando representava de Nero. Perguntae-o a Napoleão que o admirava e lhe apertava a mão.

Modernamente Bocage, Frederick Lemaitre, e Lafontaine, tão celebres pela escola realista, fóra da qual o homem está fóra da natureza, e o prestígio da arte se torna infecundo.

Pelo que conhecemos da arte dramática contemporânea, Furtado Coelho é o mesmo que Lafontaine.

VII.

Furtado Coelho, chegando ao Brasil, encontrou a arte dramatica em abandono, a classe pouco amante da gloria, e o gosto das representações fóra das regras da apreciação.

Apenas um homem de genio, o maior vulto do theatro brasileiro, o immortal João Caetano, sustentava o esplendor da scena, a dignidade da classe, e o amôr da arte. Homem distincto por suas virtudes pessoaes, artista engrandecido pelos seus talentos e estudos, respeitado e admirado por todos, Talma no Brasil, como o dissera Arago, João Caetano está morto para o theatro.

Em cima de seu sepulchro a arte ha-de escrever pela mão do genio, entre os louros da scena, a palavra: *immortalidade!*

Quem resta a occupar o lugar vago pela ausencia de João Caetano? Só um homem:—Furtado Coelho. Homem, é igualmente distincto por suas virtudes; litterato, conhecido por suas obras e conversações; artista, elle tem a corôa da popularidade do sul ao norte do Brasil.

Entrando para o Gymnasio, no Rio de Janeiro, elle deu aos ar-

tistas o exemplo de se poder viver para a arte, e para a gloria da scena; deu ao publico a senha do bom gosto e da escola, desprezando a velha rotina da declamação melodramatica, em desharmonia com a civilisação moderna.

João Caetano era especial na escola antiga. Furtado Coelho, apostolo da nova escola, representa a phase dramatica contemporanea, como seu creador.

A imprensa brasileira assim o disse.

Senhor, como nenhum outro, dos segredos da nova escola, seu creador no Brasil, os theatros e as companhias precisam da sua presença para poderem attingir o bello e a verdade nas suas representações. Desde 1857 no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, em S. Paulo, e em Pernambuco, a companhia que mais floresce é sempre aquella que o conta no seu gremio, e se aperfeiçoa ao impulso de sua intelligente direcção.

As que elle em sua peregrinação artistica, vai deixando, teem de lamentar sua ausencia, e de decahir da altura a que elle as levára. Desde 1860, em que Furtado Coelho deixou a côrte, o Gymnasio, em completa decadencia, procura em vão, sustentar a sua antiga nomeada do primeiro theatro do Brasil.

VIII.

Furtado Coelho creou em Portugal, em 1853, em colaboração com o distincto escriptor Antonio Cesar de Vasconcellos Correia, o *Jornal do Commercio*, de Lisboa, que é hoje a primeira folha daquelle paiz.

Em 1855 publicou um volume de poesias intitulado—*Sorrisos e Prantos*—em que brilham as inspirações da patria e do amor.

Escreveu, em Lisboa,—*O Agiota*—drama em 5 actos e prologo, que foi representado com grande applauso no theatro de D. Maria 2.^a, em Setembro de 1855, e muito bem recebido pela imprensa.

Entre outras composições musicaes feitas em Portugal, em que brilham as suas walsas de recitação ao piano, compoz e publicou o *Hymno da Regencia*, dedicado ao Rei D. Fernando, que o brindou com um mimoso alfinete de brilhantes e rubis.

No Brasil escreveu mais para o theatro. Suas obras dramaticas são escriptas na escola e no gosto moderno. O seu primôr é—*O Actor*—aonde o poeta desenvolve a grandiosa idéa da reabilitação da arte dramatica.

Escreveu—*Um Episodio da Vida*—comedia-drama em 3 actos, e representada nos theatros do Rio Grande do Sul;—*Procure-me depois d'amanhã*,—comedia em 1 acto representada no Rio Grande, Rio de Janeiro e S. Paulo;—*Nem por muito madrugada amanhece mais cedo*, mimoso proverbio, cheio de graça, e representado no Rio Grande, e Rio de Janeiro;—*A Tarantula*,—peça em 1 acto (ornada de musica, tambem composição sua) onde a finura, o sentimento, e a naturalidade estão perfeitamente combinadas. *O Agiota* tambem foi representado em Pernambuco e no Rio Grande.

No Brasil tem igualmente composto muitas peças musicaes de um gosto aprimorado, taes como: *A Valsa Tamberlick* que no Rio de Janeiro fez um verdadeiro furôr; *O Canto do Boabdil*, e *O Pranto da Virgem*, que teem uma unção de ternura de chamar lagrimas; *A Marcha Academica*, offerecida aos academicos de S. Paulo que extremecem de enthusiasmo ao ouvil-a; *A Valsa Tamanduatehy*, dedicada aos Paulistas; *A Pernambucana*, magestosa e difficil valsa de concerto, offerecida aos Pernambucanos; *A Polka Academica*, offerecida aos estudantes da Academia do Recife; melancolicos *Nocturnos*, e bellos *Cantos*.

Furtado Coelho é um dos socios fundadores da SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS ARTES DO RIO DE JANEIRO, que teve principio em 1856, e que hoje se acha n'um grão de desenvolvimento espantoso, tendo já prestado grande impulso ás Bellas-Artes no Brasil. No primeiro anno de seu exercicio, a Sociedade elegeo-o Conselheiro Supplente, e Membro da Commissão de Redacção, demonstrando assim o apreço em que tinha seu talento e habilitações.

É tambem Membro do *Instituto Dramatico de S. Paulo*.

IX.

O artista dá á arte seu talento; a arte lhe dá sua nomeada.
Ella tem seu Evangelho. É preciso muita vez carregar-lhe a cruz.

O que é o theatro hoje? é uma escola. É nas mãos do mestre que está o futuro da humanidade.

Fallar ás turbas, fazendo da scena um Sinaï, e da arte um Décálogo; ensinar como Tacito, prophetisar como Dante, é fazer do theatro uma tenda do progresso, armada em praça publica em frente do vicio e do erro.

O artista não está longe de Leonidas. Se o futuro é um Thermopilas, a arte é uma espada, ao mesmo tempo que é um archote.

Que diz o artista ao mundo que o ouve?—os segredos da sociedade e do espirito, os mysterios de todas as classes; explica o homem e a providencia; falla do passado e do futuro, louva a Deos, a verdade e o ideal, e fulmina as oppressões, os erros e as trevas. A poesia é a philosophia; a historia é a prophecia; por isso elle une

as maximas de Minos á profundeza de Pascal; ajunta á Ode de Pindaro as proclamações de Kossout.

O artista de genio é o emulo de Marco Aurelio no governo, de Tacito na critica, de Napoleão na tatica, de Shiller na harmonia, de Rubens na pintura, de Molière na comedia, de Bethowen na musica; é um raio da aureola divina.

Os quadros tristes de Ruysdael, o olhar sombrio de Alberto Durer, os gemidos de Paganini, os movimentos de Rachel, os idyllios de Chenier, e as vozes de Malibran teem o cunho da originalidade d'alma que os produz.

A imaginação do artista é a palheta de Rafael, é o escôpro de Phidias, é o teclado de Mozart, é o scenario de Talma.

É assim que a vida destes obreiros do progresso se enche de palmas e corôas; é a planicie de Galaad, cujo perfume refrescava os pés dos viajores.

Para o artista de genio como Furtado Coelho, o theatro é um edificio cuja base é um altar, cujas paredes são pyramides, cuja cupula é o céu—a representação do ideal e do immortal.

O futuro é a aurora de glorias que nasce no horisonte do genio. Elle vê no passado as urnas perfumadas do Capitolio, e no futuro os altares do Pantheon.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

A brilhante carreira deste notavel artista está, por tal forma, confirmada pelo voto da imprensa—este orgão solemne da opinião publica; está tão engrandecida pelas penas dos escriptores e criticos, e tão laureada pelas enthusiaslicas inspirações dos poetas, que julgamos dever addicionar, em complemento a este trabalho biographico, uma—2.^a PARTE—composta de artigos extrahidos da imprensa periodica *, e mais documentos e escriptos que colligimos, d'entre outros, nos papeis e jornaes que, accedendo ao nosso pedido, o mesmo artista, com a melhor boa vontade e delicadesa, pôz á nossa disposição, e que muito devem concorrer para se formar uma idéa perfeita da sua individualidade artistica.

F. S.

* N. B. Os extractos da imprensa começam da sua estreia no Rio de Janeiro, visto que da provincia do Rio Grande, aonde encetou sua carreira, elle só conserva, desse tempo, algumas cartas e poesias, das quaes escolhemos as que adiante vão publicadas.

2.^a PARTE.

DESCRIPÇÕES, NOTÍCIAS, E APRECIACÕES
GERAES.

VARIOS ARTIGOS E OPINIÕES EXTRAHIDAS DA IMPRENSA Á CERCA DA
REPRESENTAÇÃO DE ALGUNS PAPEIS.

THEATRO DAS VARIEDADES.

O ACTOR.

CORRESPONDENCIA.

POESIAS.

DESCRIÇÕES,

NOTÍCIAS, E APRECIÇÕES GERAES.

I.

Hoje no Gymnasio representa-se o drama—*As Mulheres de Marmore*, e a comedia—*Por Direito de Conquista*.

Na primeira peça desempenha o Sr. Furtado Coelho o papel de *Desgenais*.

Ainda não emittimos juizo sobre este novo artista com que acaba de enriquecer-se a excellente companhia do Gymnasio. O Sr. Furtado Coelho possui tres predicados magnificos para um actor dramatico: intelligencia, instrucção e bella presença. A sua voz agradável e sonora, suas maneiras delicadas e finas, segundo o pede o personagem que representa, completam as qualidades que o tornam, desde já, distinctissimo na difficil carreira que encetou. Anima-o alem disso um sincero desejo de progredir, e com isso se vai longe.

No papel de Jorge Bernard, do *Direito de Conquista*, e no de Filipe, da *Herança do Sr. Plumet*, typos absolutamente diversos, revelou o Sr. Furtado o que é já, e o que se deve esperar d'elle.

Os applausos merecidos que conquistou, provaram-lhe que o publico é mais intelligente do que o querem fazer as mediocridades que vivem á sombra da sua indulgencia.

(Correio Mercantil do Rio de Janeiro de 9 de Janeiro de 1859).

II.

O Sr. Furtado Coelho abraçou a carreira artistica, levado por uma verdadeira vocação. Antes de ser actor foi mestre. A sua dicção é castigada, o seu gesto verdadeiro; tudo na sua figura e nos seus ademanes denota q homem bem educado e intelligente.

Para elle a arte não é uma profissão mais ou menos lucrativa; é uma vocação, uma affeição, um dever grave que procura desempenhar respeitando-se a si e ao publico.

Sabe que não está no palco como um automato alugado por um empresario para repetir palavras; sente que tem uma missão, e quer

cumpril'-a. D'ahi o cuidado com que prepara os seus papeis, com que acentua cada phrase, com que sacrifica o effeito á verdade, com que se caracteriza, com que não faz da immodestia e da filauicia uma corôa do triumpho.

Se perseverar na marcha que vai seguindo, não só ha-de ser um artista eminente, mas ha-de ennobrecer a sua classe, levantar'-a da abjecção a que alguns a teem atirado pela sua crassa ignorancia, ou pela vaidade com que repellem a mais innocente critica.

O Sr. Furtado foi uma brilhante acquisição, não dirêmos só para o Gymnasio, mas para o theatro dramatico em geral.

(Correio Mercantil do Rio de Janeiro de 23 de Janeiro de 1859).

III.

THEATRO DO GYMNASIO.—A 5 do corrente teve lugar neste theatro o beneficio do sympathico joven o Sr. Luiz Candido Furtado Coelho, e nós como apreciadores do merito, e desejosos de darmos um testemunho de homenagem a esse genio fecundo, a essa flor que vai desabrochando, e cujo peso abate a outras que, já ha muito robustecidas, desafiam o furor dos ventos, não podemos furtar-nos ao desejo de fazermos a mais succinta descripção dessa noite que certamente ficará assignalada na carreira desse artista, que é hoje a gloria deste theatro.

Ás 8 horas estava o theatro apinhado de um numeroso e brilhante concurso de expectadores, entre os quaes, pela maior parte, distinguiaim-se as pessoas mais gradas desta côrte, que anciosos esperavam o começo do expectaculo, e por consequencia o momento de satisfazerem ao insigne artista o enthusiasmo de que elle lhes éra credôr, já pela grande sympathia que, em tão curto espaço, tem sabido grangear da sociedade fluminense, pela amabilidade do seu character, docilidade de suas palavras e lhanesa de seu trato, como, o que é mais que tudo, pela sua alta e bem cultivada intelligencia, aquilatada na imprensa, na poesia, na musica, no piano, e hoje na arte dramatica.

Deu principio ao expectaculo o Proverbio: *Nem por muito madrugar amanhece, mais cedo*, mimosa composição do beneficiado, que se recommenda tanto pela linguagem, como pela naturalidade e graça de todas as scenas, e em cujo desempenho o distincto artista mostrou quanto pode o seu talento. Seguiu-se ao piano pelo beneficiado

uma brilhante fantasia de sua composição que foi entusiasticamente applaudida.

Terminou o espectáculo a representação do excellent drama—*Pedro*—do Sr. Mendes Leal, no qual o eminente artista, desempenhando o papel do protagonista, revelou o seu genio deslumbrante a ponto de levar os expectadores a tão subido gráo de enthusiasmo, que não se satisfazendo em o chamar á scena por mais de seis vezes, nestas occasiões, assim como em todos os actos, foi o palco alcatifado com flores que choviam dos camarotes, e o artista presenteado com duas mimosas corôas, com uma chuva de *bouquets*, poesias analogas, e, por todo o theatro, acclamado o primeiro actor da escola dramatica moderna.

Findo isto, perto de quatrocentas pessoas se dirigiram á porta da caixa do theatro, afim de receberem o eximio artista, e o acompanharem até sua casa, o que teve lugar, seguindo o acompanhamento pelo largo do Rocio, rua dos Ciganos, e campo da Acclamação, aonde estava postada uma banda de musica á sua espera, e que tomando a frente dessa immensa comitiva, que era guiada por fachos conduzidos por alguns cavalheiros distinctos, seguiu pela rua de S. Pedro, até á residencia do artista, que a franqueou ás pessoas que tão espontaneamente o acompanharam.

Apenas entrado e apparecendo em uma das janellas, o que de novo fez rebentar entusiasticos vivas das pessoas que haviam ficado na rua, disse, pouco mais ou menos:—que, para poder bem expressar sua gratidão e reconhecimento, seria mister medil'—os pelo enthusiasmo de todos que o ouviam; que elle recebia tão expontanea demonstração de affecto e apreço, não como uma homenagem devida ao artista já consumado, mas como uma generosa animação, e um forte incentivo que o levasse a proseguir corajoso na arte que, com tanta felicidade, encetára.

Sendo a expressão destes sentimentos interrompida pelo auditorio com muitos *não-apoiados*, e tida por excessiva modestia, propria do verdadeiro talento, o artista, agradecendo de novo tantas provas de consideração, concluiu fazendo as seguintes saudações:

—«A todos os artistas que fazem do trabalho uma honra, e da arte uma gloria!

—A todos os filhos do Brasil, terra por excellencia hospitaleira, generosa, sympathica, e illustrada!

—A todos os portuguezes, seus patricios, antigos amigos dedicados e fieis aos filhos do Brasil!

—A todos os demais estrangeiros aqui presentes, que nutrem iguaes sentimentos!»

Recebidas estas saudações, uma por uma, com um enthusiasmo inexplicavel, dirigio-se o insigne artista ao salão interior de sua casa, aonde estavam reunidas cerca de cento e cincoenta pessoas, que foram servidas em uma esplendida mesa, que um seu companheiro de casa e amigo dedicado lhe havia preparado para o surprehender *. Ahi fizeram-se muitos brindes, dos quaes recordamos os seguintes: em diversas occasiões ao joven artista, a que correspondiam freneticamente todos os cavalheiros presentes; a diversos artistas distinctos; a muitos dos illustres convivas e á illustrada redacção do *Correio Mercantil*.

Em seguida fez o Sr. Quintino Bocayuva ** um discurso brilhante, no qual, ainda uma vez, revelou seu grande talento e muita eloquencia, sendo extraordinariamente applaudido; e depois o joven artista dirigio em breves palavras uma saudação ao Sr. Bocayuva, na qual entre imagens poeticas e brilhantes o exaltou como um dos mais distinctos ornamentos da imprensa brazileira. Durante estes agradaveis momentos, a banda de musica—*Recreio Musical Luso-Brasileira*—dirigida pelo seu distincto professor o Sr. Cardim, tocou escolhidas e variadas peças, distinguindo-se a *Polka-Furtado Coelho*, composição do mesmo professôr.

Às 4 horas da madrugada tudo estava silencioso.

[Correio Mercantil do Rio de Janeiro de 11 de Fevereiro de 1859].

IV.

Depois da retirada do Sr. L. C. Furtado Coelho, será muito difficil, senão impossivel, que o Gymnasio torne ao pé em que se achou por tanto tempo.

[Revista Dramatica de S. Paulo de 3 de junho de 1860—Correspondencia do Rio de Janeiro].

V.

Um artista de genio, diz Eduardo Plouvier, é aquelle que, na occa-

* O Sr. Gaspar Antonio da Silva Guimarães, distincto photographo.

** Redactor, hoje, do Diario do Rio de Janeiro, author dos dramas «Omphalia, Mineiros da Desgraça &c.» Jornalista, poeta e author dramatico muito distincto.

são, quer, pôde e sabe esquecer-se de si proprio:—e querer esquecer-se de si proprio, poder alienar a propria individualidade, saber perder o sentimento do *eu*, é talvez o maior obstaculo com que lucha um artista. Aquelle que o superar dê-se-lhe a palma do triumpho.

É a verdade: o homem que de sua existencia physica guarda apenas o que é identico á criação do poeta, e que entrega sua alma, seu viver todo a essa criação com que se identifica, deve cingir a corôa do artista, deve ter a aureola do genio. Animando com o seu sôpro uma figura immovel e muda, impassivel e morta, da-lhe o movimento e a vida; manda que ella sinta e que falle. Como o pelicano da Fabula, ao sêr que anima dá o sangue das veias: esquece-se de que existe para viver em outrem; perde a alma, porque a entrega a outro corpo; ao entrar em scena, deixa o *eu* no camarim, mas ao voltar a elle encontra-o laureado.

Esta é a vida do artista a quem compete reclamar a palma do triumpho, no dizer do escriptor que citámos.

Em nome da arte pedimos essa palma gloriosa para o actor Luiz Candido Furtado Coelho; e seja ella, alem do emblema do artista, a merecida distincção para aquelle que, mais de coração e com maior desinteresse e empenho, entregou-se a uma profissão que a estulticia da era actual chega a considerar aviltante.

Aquelle que deixa o paiz que o vio nascer, que abandona o lar da familia, junto do qual sentou-se desde a infancia, que vem a um paiz extranho só para realisar uma idéa, certo não pôde ser accusado de interesseiro e egoista. Furtado Coelho abandonando patria e familia, procurando em terra extranha reformar o gosto absurdo de platéas já insensíveis e gastas, tem incontestavel direito aos nossos louvores, e á nossa gratidão.

Em quanto o estrangeiro assim trabalha, alguém que é desta terra, que nella viu a luz, que dispõe de maiores recursos, passa uma vida de nababo, fumando os estipendios da nação. Deus se compadeça dos filhos ingratos!

Furtado Coelho amava a sua arte; a sociedade, ou antes meia duzia de fatuos, que a elle se ligavam, dissuadiam-n'ô da carreira que desejava encetar; o filho que tinha fugido do seu paiz natal, que não receiára sacrificar o amôr da casa paterna, não devêra attender a prejuizos e preconceitos estupidos, mas teve de lutar com elles; o futuro acenava-lhe á gloria; esse amôr d'arte éra como a tunica de Nesus que já não podia arremessar de si, sem dilacerar as carnes; e o artista venceu.

Desde então os parvos poderiam evitar'-o; o actor antecipou-os; não crusou mais o limiar das portas que antes o recebiam como amigo. Não foi uma ingratidão, foi um sacrificio completo.

Quem ousará negar que este homem vive e trabalha hoje pela arte e só para ella?

E que porta se te não abrirá de par em par quando tu, artista, a procures?

[Revista Dramatica de S. Paulo, de 17 de Junho de 1860].

VI.

Consta-nos que o insigne artista dramatico, Furtado Coelho, do Gymnasio do Rio de Janeiro, ha poucos dias chegado da côrte, resolveu-se, a pedido de alguns de seus amigos, antes de seguir para a capital da provincia, a dar algumas representações no theatro desta cidade.

O Sr. Furtado Coelho é um dos raros exemplos de illustração artistica, cuja origem excita naturalmente o interesse do publico; profundo e incançavel estudo o elevou ao alto grão de sua arte que poucos attingem, e o renome que adquerio na scena da côrte, aonde sempre foi recebido com enthusiasmo, lhe assegura igual acolhimento do publico Santista, que nunca deixa de prodigalisar a sua protecção ao artista de verdadeiro merecimento.

Nós, que não costumamos encher columnas com artigos bombasticos e panegyricos, para elevar mediocridades ao pinaculo da gloria, crêmos que não somos suspeitos, escrevendo estas poucas linhas em homenagem de um moço, que por seus talentos e bellas qualidades é digno de geral estima.

[Revista Commercial de Santos, de 23 de Novembro de 1860].

VII.

O faustoso dia de S. M. o Imperador foi festejado no theatro, segundo o estylo; houve grande enchente, graças ao Sr. Furtado Coelho, que ainda uma vez deu provas de seu extraordinario talento, e continua a colher novos e bem merecidos louros.

[Revista Commercial de Santos, de 4 de Dezembro de 1860].

VIII.

O Sr. Furtado Coelho não é só o regenerador da arte dramatica na côrte, mas em todo o Brasil;—habilissimo ensaiador, actor magistral, conhecedor em theorica, profundo e consciencioso, dos segredos e difficuldades da arte scenica, elle é ao mesmo tempo o interprete pratico mais intelligente e perito, que se encontra no nosso paiz, dos sublimes preceitos do theatro moderno. O Sr. Furtado Coelho é o creador da escola realista nos theatros brasileiros.

[O Progresso, de Santos, de 6 de Dezembro de 1860].

IX.

Seguiu hontem para a capital da provincia o Sr. Luiz Candido Furtado Coelho, e foi acompanhado por grande numero de seus amigos até á serra do Cubatão.

Se jamais um artista em parte alguma soube grangear sympathias, e recebeu do publico sinceras demonstrações de estima, e reconhecimento de seu talento dramatico, foi por certo o Sr. Furtado Coelho durante os poucos dias de sua estada nesta cidade.

Os Santistas, fazendo justiça ao merito do eximio actor, ainda na ultima noite que representou no nosso theatro lhe deram uma prova de alta consideração.

Foi-lhe offerecida nesta occasião por um negociante desta cidade, uma memoria com um brilhante de subido valor, com que os amigos mimosearam o distincto artista, que deixou em todos os corações saudosas recordações, e a quem da nossa parte felicitamos e desejamos todas as venturas na sua honrosa carreira. Seja elle feliz e volte breve ao seio dos Santistas que o receberão a braços abertos.

[Revista Commercial, de Santos, de 26 de Dezembro de 1860].

X.

Acaba de realisar-se o nosso sonho; a esperanza que se alimentava em nossos corações traduzio-se em realidade. O distincto actor o Sr. Luiz Candido Furtado Coelho, que tantas e tão repetidas vezes tem recebido os mais freneticos applausos dos seus innumeraveis

admiradores, accedendo aos continuados convites que lhe foram feitos, resolveu mimoscar-nos com algumas representações, confirmando dest'arte a justa reputação que gosa o seu brilhante talento.

Acolhido com todo o enthusiasmo pelos Santistas, mais de uma vez o Sr. Furtado Coelho revelou-se com todo o brillantismo da inspiração e do talento, sendo por isso applaudido de um modo que muito se aproximou do delirio. Penhorado por tão digno acolhimento, e pelos numerosos mimos com que foi obsequiado, dirigio-se o distincto artista á nossa bella Paulicea, deixando a saudade gravada nos corações desses nossos comprovincianos.

Aqui chegado, tem sido o Sr. Furtado Coelho visitado pelas pessoas mais distinctas, as quaes não sabem o que admirar se a illustração, se o tracto fino e delicado, que bem patenteia a nobresa de sua alma.

Como pianista o Sr. Furtado Coelho é admiravel; a agilidade das suas mãos affeitas á pressão das teclas, o sentimento com que executa as mais difficeis peças, finalmente a rapidez com que compõe uma musica qualquer, (facto que aqui se tem dado diante de testemunhas); tudo isto, faz do Sr. Furtado Coelho, um idolo digno da adoração d'aquelles que sentem um verdadeiro enthusiasmo pela arte.

[Correio Paulistano, da cidade de S. Paulo, de 3 de Janeiro de 1861].

XI.

Muito se tem fallado no talento, no genio emfim do Sr. Furtado Coelho, como o primeiro artista que tem vindo a S. Paulo. Todas as pessoas que tem tido a fortuna de ver e ouvir este distincto artista sobre o palco, são unanimes em que o Sr. Furtado Coelho é um interprete fiel do pensamento dos modernos dramaturgos, já quando falla e já quando, com um solemne e eloquente silencio, e somente gesticulando, faz o expectador comprehender os sentimentos que dominam a alma do personagem que representa.

Tudo isso é verdade; mas ninguem ainda disse palavra ácerca de um grande merito do Sr. Furtado Coelho, e que para nós é de summa valia. É a mestria com que tem ensaiado todos os espectaculos que tem ido á scena depois da sua chegada; é a paciencia e o geito que para esta especialidade da arte dramatica elle tem em subido grão. Só quem tem presenciado o trabalho insano do ensigne artista em todos os ensaios, em fazer comprehender aos nossos actores, já o pa-

pel que vão representar, já os ademanos que devem ter, já o modo de fallar, &c., fazendo repetir uma scena duas, trez e quatro vezes, para que ella se aproxime o mais possivel do natural; só quem tem sido testemunha dos exforços e da paciencia do Sr. Furtado Coelho neste mortificante trabalho, é que pode comprehender o seu genio e dedicação pela arte.

E convem dizer que a intelligencia e o trabalho do Sr. Furtado Coelho não tem sido em vão. A companhia, apesar de muito inveterada nos exageros e vicios da escola melodramatica, ou melhor diremos, nos vicios inherentes a quem não tem tido escola alguma, tem feito progressos, a nosso vér espantosos, que, estamos certos, evaporar-se-hão com a retirada do sol, cujos raios tem-n'a esclarecido ultimamente.

[Correio Paulistano de 9 de Janeiro de 1861].

XII.

As folhas da capital referem o entusiastico acolhimento do Sr. Furtado Coelho, e o brilhante resultado de suas primeiras representações. O insigne artista foi, como em toda a parte em que tem pisado o palco, coberto de freneticos aplausos.

[Revista Commercial de Santos de 8 de Janeiro de 1861].

XIII.

Nesta noite pela primeira vez tivemos o prazer de adunir ao Sr. Furtado Coelho como insigne pianista e compositor, na sua valsa de concerto—*TAMANDUATEHY*; é uma bellissima peça, rica de pensamento e expressão.

(Correio Paulistano de 26 de Janeiro de 1861).

XIV.

O Sr. Furtado Coelho deixa por momentos sua corôa de actor, e apresentou-se ao publico com a de musico.

A valsa—*Tamanduatehy*—composição sua, é uma dança de anjos

travéssos que sorriem e choram ao mesmo tempo, são ondas de harmonia que se derramam como os exquisitos perfumes do Oriente. A intelligencia, graça e sympathia do actor refundia-se no musico, e a seus pés cahiram as provas não equivocadas do entusiasmo e admiração. A vida brilhante do poeta, actor, e musico é uma historia que a mãe patria guardará orgulhosa no fundo do coração.

(Correio Paulistano de 28 de Janeiro de 1861).

XV.

O entusiasmo sempre crescente pelo eximio artista o Sr. Furtado Coelho manifestou-se por uma maneira digna do publico de S. Paulo. Alem de poesias recitadas da platea e camarotes, foi-lhe offerecida em nome dos habitantes desta capital uma rica e bem trabalhada corôa de ouro e prata, por entre os mais freneticos applausos.

Depois do expectaculo, um numeroso concurso de admiradores do Sr. Furtado, acompanharam-n'o à sua residencia, com uma banda de musica à frente, demonstrando assim o quanto é admirado e apreciado este verdadeiro e talentoso artista pela população de S. Paulo.

(Correio Paulistano de 29 de Janeiro de 1861).

XVI.

Depois da «Viurinha», teve lugar a offerta da corôa por um nosso joven patricio, notavel pela sua intelligencia e presença de espirito em tão verdes annos. Interprete dos sentimentos do publico paulistano, o intelligente joven fez uma breve allocução da qual transpirava a candura de seu coração, que mais realce dava às phrases que proferia; depois do que depositou nas mãos do Sr. Furtado Coelho o mimo que acabava de lhe ser offerecido por um povo cheio de nobres feitos. O publico mandando tocar a musica, e pedindo que se conservasse a scena aberta, depois de acolher o discurso e a offerta da corôa com os mais significativos applausos, exigio que o distincto artista a collocasse sobre a frente.

Depois desta scena em que o entusiasmo tocou ao delirio, foram recitadas algumas poesias, em referencia ao acto que se acabava de celebrar. O distincto artista com a frente enramada de loiros, foi

chamado á scena muitas vezes, e outras tantas saudado unanimemente pelo publico.

Durante todo este acto esplendido, subiram muitas girandolas ao ar.

Terminado o expectaculo alguns amigos do Sr. Furtado Coelho quiseram causar-lhe uma agradavel surpresa, e conduziram-n'o em triumpho até á sua habitação, acompanhado de todo o povo que havia assistido ao expectaculo.

Chegados á habitação do Sr. Furtado Coelho, tivemos o prazer de ouvir-o n'um brilhante improviso, no qual mostrou sua gratidão ao publico que tanto o tem obsequiado, enthusiasmando-se em seu dizer por «uma mocidade em cujo cerebro se agita a intelligencia, em cujo coração arde o fogo do patriotismo, em cujas mãos reside a força, em cujos labios habita a eloquencia da palavra!»

O discurso do Sr. Furtado Coelho foi acolhido com immensos applausos, apparecendo nessa occasião em uma das janellas do edificio o talentoso academico José Antonio Fernandes Lima, que deu vivas ao distincto artista, sendo unanimemente correspondido pelo povo que enchia o largo.—Assim terminou essa noite que ficará gravada na memoria de todos, como uma gloriosa recordação do justo apreço que os Paulistas sabem tributar ao verdadeiro merito.

A commissão incumbida de obter o producto para a corôa de ouro e prata que foi offerecida ao Sr. Furtado Coelho, compoz-se dos Srs. Caetano Ferreira Balthar, capitalista; Augusto Emilio Zaluar, jornalista; e Antonio Manoel dos Reis, academico.

(Correio Paulistano de 30 de Janeiro de 1861).

XVII.

ACTO DE CARIDADE.—Folgamos de ter de reconhecer em publico que o eximio artista o Sr. Furtado Coelho reúne a todos os dotes, aquelle que assimelha mais e mais a alma ao ser divino, que lhe prestou uma particula de sua luz e belleza sem fim.

O nosso artista predilecto, longe de fazer um monopolio estúpido do talento, serve-se d'elle tambem como um balsamo consolador para as dores dos que soffrem.

É assim que elle com a maior promptidão se prestou a trabalhar em beneficio de um pobre preso.

Dizer o que o Sr. Furtado Coelho é como artista, seria enunciar o que está radicado no animo de todos.

O Sr. Furtado Coelho é inquestionavelmente o actor de mais recursos que tem pisado o nosso palco. Resta pois apreciar'—o como homem; e como tal é necessario confessar que o Sr. Furtado Coelho revella no mais descuidoso dos seus movimentos uma esmerada educação, e no altivo de seu olhar a nobresa de sentimentos que ornarn este perfeito cavalheiro.

(Correio Paulistano de 8 de Fevereiro de 1861).

XVIII.

Furtado Coelho é um verdadeiro artista, que dá vida ao palco, e que domina a scena como rei. Furtado é a reabilitação da arte perante a sociedade.

(Tymbira—jornal academico de S. Paulo, de 29 de Julho de 1861).

XIX.

Artista dramatico, poeta e musico, Furtado Coelho é um typo de intelligencia; tudo investiga, tudo observa, tudo estuda; e por isso tudo acha, tudo conhece, tudo comprehende.

Sua vontade guiada pelo pharol do seu talento, é um rochedo no qual se quebram os obstaculos que surgem na vida do artista! Respeitar o merecimento, desprezar a impostura—eis a sua maxima. Para elle, existencia, Deus, patria, familia, amôr, futuro, tudo emfim resume-se na arte! É a luz que o illumina, é a idéa que o afaga, a imagem que o consola, a flôr que o incanta, o astro que o guia! Romeiro da arte, com o peito cheio de esperanza, a cabeça povoada de idéas, e os olhos fitos no horisonte, eil'—o caminhando ao templo da gloria; sempre impavido, sem temer as intemperies do tempo, as urzes do caminho, as maquinações da inveja, o monotono grasnar do corvo, que tenta ás vezes perturbar o melodioso canto do cysne!

[Correio Paulistano de 13 de Agosto de 1861].

XX.

Furtado Coelho é o artista dos estudantes e das mulheres tambem.

Quem escreveu o *Pedro*, quem escreveu o *Rafael*, contou com Furtado Coelho no palco.

[Forum litterario, de S. Paulo, de 6 de Setembro de 1861].

XXI.

O Sr. Domingos Martins de Souza, solícito em proporcionar ao publico Santista espectaculos dignos de sua illustração e amôr pelo progresso das artes, teve a feliz idéa de não deixar passar na cidade de Santos o exímio artista Furtado Coelho, sem que ainda em algumas noites tivéssemos o prazer de apreciar em nosso theatro este artista predilecto da scena dramatica.

Lembrar o que é Furtado Coelho como apostolo iniciado da arte, é o mesmo que desdobrar de novo aos olhos de seus admiradores as bellas e gloriosas paginas de seus triumphos e ovações por toda a parte onde seu genio, e intelligencia tem sido comprehendidos e apreciados.

Não precisamos fazel'—o.

Basta darmos esta noticia ao publico, e congratularmo-nos com elle pelas agradaveis noites que teremos de gosar.

[A Civilisação, de Santos, de 22 de Setembro de 1861].

XXII.

Sobe hoje á scena a *Redempção*. Sobre ella basta dizer-se que é de O. Feuillet, e que a tradução é tua, meu caro Redactor; se esse drama é uma das primeiras composições dos nossos dias, a tua tradução não lhe fica inferior; havendo em alguns pontos mais poesia.

Sabemos que pelo lado litterario o teu trabalho agradará. Pela execução, não basta estar ella entregue a Furtado Coelho,—ao chefe da escola em que a *Redempção* prima?

[A Civilisação de 3 de Novembro de 1861].

XXIII.

No ultimo vapor dos portos, (*o Imperador*) aqui chegou com destino ao Rio Grande do Sul, o Sr. Luiz Candido Furtado Coelho.

Alguns amigos, e muitos admiradores do talento do insigne artista, a quem cabe a gloria de ter, o primeiro, ensaiado no Brasil a moderna escola dramatica, a qual, sob sua esclarecida direcção tanto tem medrado, solicitaram do illustre actor a condescendencia de honrar o nosso theatrinho com alguma recita de sua escolha, para assim proporcionarem aos Desterrenses uma occasião de apreciarem e admirar seu talento.

Bem curto era o espaço de tempo de que o digno viajante podia dispôr; mas a sua bondade natural, e o desejo de obsequiar a seus amigos e admiradores foi bastante para vencer todas as difficuldades.

(O Argos de Santa Catharina de 21 de Novembro de 1861).

XXIV.

O Sr. Furtado é nosso antigo conhecido. Este artista recebeu do céu a scentelha sagrada, que arrebatou o espirito ás regiões pelo genio conhecidas; e da natureza recebeu as formas materiaes que desafiam a attenção do publico—expressão, sensibilidade, physico agradável, e perfeita educação.

Este conjuncto de dons, poucas vezes reunidos n'uma pessoa instruida e de atilado engenho, deve contribuir essencialmente para o tornar excepcional na arte que professa, e merecer-lhe sempre estrondosos applausos, como os que echoaram na sala do theatro 7 de Setembro na noite de domingo.

O papel pelo Sr. Furtado Coelho escolhido, é de muita difficuldade, porem esperamos apreciar'—o melhor n'alguma d'aquellas produções singulares, em que o notavel artista desenvolve todo o seu talento e seus recursos, e subjungando seus proprios adversarios, e impondo silencio a seus parciaes criticos, lhes deixa apenas a força para exclamarem—*bravo!*—e unirem suas palmas ás do publico arrebatado.

(Commercial, do Rio Grande do Sul, de 23 de Dezembro de 1861).

XXV.

Furtado Coelho não é um nome que se recommende: o publico conhece-o; sabe quanto é o primor do artista que assim expressa em

versos lindos como o sentimento, o que lhe passa n'alma; como traduz o pensamento de outros na eloquente phrase do tablado.

(Correio do Sul, de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, de 15 de Junho de 1862).

XXVI.

Como artista, o Sr. Furtado Coelho deixou-nos indelevel lembrança do seu merecimento. E foi logo apoz sua retirada da provincia que, aparecendo na corte, suscitou verdadeiro enthusiasmo como representante do progresso da arte.

Por nossa parte consideramo-l'ó, d'entre os primeiros actores do Brasil, como o mais apto a acompanhar o adiantamento da sua arte, já pelas felizes disposições naturaes, já pelo cùltivo litterario que possui, tão pouco frequente ainda nos seus collegas, mesmo nos que estão na primeira plana.

(Mercantil, de Porto Alegre, de 15 de Junho de 1862).

XXVII.

OFFERTA:—Furtado Coelho é um verdadeiro artista: franco e cavalheiro antes de tudo.

O producto da meia recita do dia 3 a beneficio dos festejos tendo sido escasso, em lugar de reclamar o seu quinhão, cedeu-o espontaneamente em favor d'aquelles; e o fez com tanto garbo e singelesa que mais realçou a dadiva com isso, que com o valor d'ella.

Hospedes assim honram o seu paiz, e ganham-lhes adhesões. Como não sermos nós amigos dos portuguezes, quando elles se identificam tanto assim connosco?

(Correio do Sul, de Porto Alegre, de 6 de Setembro de 1862).

XXVIII.

FESTEJOS PELO ANNIVERSARIO DA INDEPENDENCIA.—Aproximava-se o anniversario do primeiro dia nacional, já entrava o mez de Agosto, sem que o enthusiasmo popular tivesse feito um movimento que revelasse-lhe as forças latentes; dormitava como o oceano em calma, e a face espelhada inculcava um tristonho symbolo de quietação,

de indifferença quasi; é que nas massas, como no oceano, como nos misteres e factos mais simples da vida, é preciso um agente que lhes dê a iniciativa, que motive a acção.

A imprensa, o *Mercantil* antes de todos, fallou aos brios do povo, ateou a chama do patriotismo, que laborava frõuxa e tenue.

A municipalidade, a encarnação legal mais legitima do povo, tomou como lhe aconselhava a origem, a primasia no que só obra do povo devia ser. Bastou um passo seu, um leve toque de sua authoridade para que um prodigio se operasse. Nomeou uma commissão para organizar e dirigir os festejos; mas não era essa a difficuldade capital, eram os meios. D'onde havê-los? Do patriotismo, da boa vontade da população.

A commissão composta dos Srs: Dr. Dario Rafael Callado (chefe de policia), brigadeiro Francisco Antonio da Silva Bittencourt (director do arsenal de guerra), e vereadores Antonio Manoel Fernandes, José Pinto da Fonceca Guimarães, e José Leal de Azevedo, aceitou corajosamente o encargo, obdecendo ao influxo de seus sentimentos nobres, sem accaso lembrar-se dos entraves que os cercavam, ou fazendo-se timbre de os levar de vencida á força de dedicação e de actividade.

Conseguiram-n'ó tão cabalmente quanto possivel.

A camara que entrava com o contingente de trez prestimosos membros, tomou generosamente a frente da contribuição que ia solicitar o concurso do povo, inscrevendo-se cada membro com a quantia de 40\$000 reis.

A cidade foi dividida por pequenos districtos, e nomeada para cada um uma commissão de trez membros para solicitar donativos da generosidade publica.

Em pouco menos de oito dias apresentavam ellas uma quantia superior a dois contos de reis. Nacionaes e estrangeiros, responderam, presurosos, ao apello patriotico, uns com esse impulso de amor materno, que nasce da palavra—patria,—outros com a benevolencia que a gratidão sugere.

Um artista, como o amor da arte sabe formal'—os, cavalheiro desprendido, livre, porque a liberdade é o pedestal das artes, associou-se galhardamente á cotisação popular.

Furtado Coelho é o artista; a sua dádava a meação do producto de um expectaculo de sua companhia dramatica. Todas as bolsas, a do rico, a do remediado, a do operario, tinham expendido para a festa a parte proporcional de suas forças; era agraval—as pedir—lhes mais,

quando ainda novos e extraordinarios dispendios se anteviam, e para muitos a quem a satisfação d'elles era imperativa, seria preciso appellar a um duplo exforço no futuro, ou estreitar a economia para reparar o excesso de gastos que a quadra exigia. Assim foi que o espectáculo teve uma casa resumida. Furtado Coelho comprehendeu o que havia de mesquinho em fazer partilha de uma escassa somma. Pertendera a metade della, não como interesse, mas como attenuação aos gastos avultados de sua empresa. Auxiliai-os com 4, por exemplo, era-lhe necessario, com 2 porem era-lhe dispensavel, ao mesmo tempo que o seu offercimento cahia no incompleto, no apocado. Era de seus sentimentos, de seu character, não contar mesquinhasas; assim o fez, abrindo mão em favôr dos festejos da parte que se reservára. Todos lhe aplaudiram o acto. E o nome do talentoso e nobre artista firmou-se com mais um traço indellevel na memoria do publico, que é o fanal da tradição.

(Mercantil, de Porto Alegre, de 16 de Setembro de 1862).

XXIX.

Ao terminar o espectáculo do dia 7, houve uma scena com que ninguem contava.

Furtado Coelho apresentou-se ao publico com um menino pela mão, alvo e loiro quasi como um typo saxonio. Era um ex-escravo.

O artista, tomado de emoção, explicou, em elegantes e inspirados termos, como o facto se dêra.

Lourenço é o nome da criança; é um d'esses pobres entes que nascem escravos. O incidente da côr foi-lhe uma fortuna. Foi a estrella que o evocou do dominio das *cousas* possuidas, para o das *cousas* que se possuem. Mendanha *, o philantropo artista, condoeu-se d'aquella miseria infantil. A compaixão seria uma banalidade, um peso terrifico para os que soffrem, sem um meio de soccorro, sem uma esperança que sorrisse. Um remedio, um lenitivo aos que soffrem, é a idéa connexa dos que se compadecem.

Mendanha, o veneravel maestro, o sentio, travou da mão do entisinho fragil, ignaro de sua condição miserrima, e lá foi caminho da residencia do Dr. Callado.

Concitou este a ajudal'-o na sua obra de remissão, lembrou o gran-

* Regente da orchestra do theatro de Porto Alegre.

de dia da liberdade do povo, contando que o atomo se soccorria da immensidade, que lhe seria grato reproduzir n'aquella creaturinha escrava, um fac-simile da sua emancipação, quando tambem suas forças eram minguadas, indecisas, inexpertas.

A idéa foi aceita, mas a providencia que, dizem, se ingere nas pequenas como nas grandes cousas, interveio com o inexpêrado.

Os membros presentes da assembléa provincial, cotisavam-se para commemorar em um baile o seu patriotismo. De subito occorre a um uma idéa, a communica aos collegas, abraçam-n'a todos, por que a caridade serve-lhe de base, a humanidade de pedestal. A idéa era a libertação da criança. Transmittem-n'a ao Dr. Callado que a applaude. Reunem-se os fundos, e no mesmo dia a criança recebeu uma carta, um papel publico que lhe valia uma vida inteira de esperanças.

Furtado Coelho narrou isto ao publico, por pedido de Mendanha, consternado de alegria. O publico applaudio, e o panno desceu cobrindo uma liberdade mais illuminada pelo sol do Ipyranga.

(Mercantil, de Porto Alegre, de 16 de Setembro de 1862).

XXX.

Dois actos eminentemente patrióticos vimos praticar em honra do dia Sete; foram a liberdade de dois miseros de condição, e o dote de uma orphã. Coube a gloria destes feitos á companhia *Jacuby*, á Sociedade Firmeza e Esperança, ao veneravel Mendanha, ao artista Furtado Coelho, e a uma senhora.

(Diario do Rio Grande, de 18 de Setembro de 1862).

XXXI.

O que porem não é talvez inutil de lembrar, é que o digno artista Furtado Coelho, estrangeiro como é, associou-se de coração e de meios á rememoração de nossa autonomia politica no seu recente anniversario.

É uma divida que não devemos esquecer, tanto mais sagrada e obrigativa, quanto a moeda que a constituiu foi o cavalheirismo. Estes compromissos nunca os deixou prescrever o publico de Porto Alegre.

(Mercantil, de Porto Alegre, de 3 de Outubro de 1862).

XXXII.

Furtado Coelho é tudo!—poeta, escriptor, dramaturgo, musico e artista dramatico; e seu genio se expande em cada um desses ramos, ora como o regato que percorre verdejante planicie, ora como a corrente caudalosa de impetuoso rio!

Lá bem longe, junto aos campos do Ypyranga, um filho d'esse paiz disse de Furtado Coelho:

«Genio das artes, immortal artista,
«Que nos dominas a um acéno teu;
«Agua sublime, que, cortando as nuvens,
«Busca os segredos devassar do cou!

E em verdade assim é, pois que um só gesto, o seu simples entrar em scena o diz.

Furtado Coelho, uma vez ouvido, não se lhe pode mais fugir, porque attrahe e prende, como se tivesse fman.

(Diario de Pernambuco de 10 de Março de 1863).

XXXIII.

O Sr. Furtado Coelho é o artista do seculo; illustrado e de imaginação pura e viva, sabe dar côres naturaes á personagem que executa, como se fosse facto passado comsigo mesmo; e nos momentos solennes eleva-se sem um gesto, sem uma palavra que esteja fóra do conveniente.

Tudo nesse artista revela um genio, revestido dos predicados necessarios ao artista de sua ordem.

Quando se é artista como esse senhor, não se precisa dos mil atavios que enfumaçam o quadro, para fazer sobresahir o personagem que representa, mas sim deixa-se que a expontaneidade da natureza traga á luz da evidencia o sublime do retracto que o artista desenha com mão de mestre.

A arte e a classe dramatica devem orgulhar-se por esse seu membro importante, e os dramaturgos darem-se mil parabens ao verem ir á scena trabalho seu, estudado, ensaiado e representado por Furtado Coelho.

[Diario de Pernambuco de 13 do Março de 1863].

XXXIV.

O Sr. Furtado Coelho sancionou o juizo que já se formava ao seu respeito. Mõço intelligentissimo, litterato, musico e poeta, elle pisa em scena com a consciencia do bello, da acção e da conveniencia e regras artisticas.

Demosthenes dizia, que a eloquencia éra trez vezes a acção; é o que se pode dizer da declamação scenica.

O Sr. Furtado Coelho sabe bem isso. A voz é soberba, o porte elegante, a phrase varia com o sentimento que ella exprime; conhece o jogo artistico, o machinismo do theatro, é um perfeito artista.

Elle tem os caracteres do orador de Cicero—*vir probus, dicendi peritus, sobrius audientum, etc.*

(Jornal do Recife de 18 de Março de 1863).

XXXV.

Esperamos a regeneração da arte dramatica entre nós, sobretudo pelo brilhantismo do Sr. Furtado Coelho, e sua companhia.

O theatro, como instrumento do progresso, não pôde morrer; é a necessidade da expressão moral da sociedade na sua vida, nos seus costumes, tendo em vista o ideal.

(Jornal do Recife de 21 de Março de 1863).

XXXVI.

Pertence a esse numero o Sr. Furtado Coelho, o primeiro interprete da escola actual do drama, que não grita, que não braveja, que não declama, porem que seduz, arrebata, eleva até ás regiões sonhadas do verdadeiro enthusiasmo pelo genio.

Sua palavra é uma nota de sentimento e de naturalidade; seu porte é o da realidade; seus gestos, seu todo, enfim, exprimem o conjuncto do que o costume e a epocha tem determinado e observado.

Sublime apostolo do theatro, como soube elle ccmprender bem a sua missão de artista!

[Publicador Maranhense de 25 de Abril de 1863—Correspondencia de Pernambuco].

XXXVII.

A noite foi bella; o luxo, o caracter, a representação, tudo sahio bem, graças ao fecundo talento e incançavel actividade do illustrado artista Furtado Coelho.

(Jornal do Recife de 20 de Junho de 1863).

XXXVIII.

N'um dos intervallos da Omphalia, tocou a orchestra uma lindissima polka do Sr. Furtado Coelho á mocidade academica. Depois seguiram-se bravos e palmas que duraram por minutos. Foi uma completa ovação. Caminha bom genio; eleva a arte, porque ella tambem te eleva. Dá-lhe teu genio, porque ella tambem te dá tua nomeada.

O Lafontaine da arte dramatica no Brasil é tambem aparentado com Thalberg.

(Jornal do Recife de 22 de Abril de 1863).

VARIOS ARTIGOS,

E OPINIÕES EXTRAHIDAS DA IMPRENSA, Á CERCA DA REPRESENTAÇÃO DE ALGUNS PAPEIS.

PEDRO.

NO DRAMA EM 5 ACTOS, DO MESMO NOME; ORIGINAL PORTUGUEZ DO SR. MENDES LEAL.

XXXIX.

Abstendo-nos de fallar circumstanciadamente de todo o desempenho do drama *Pedro*, de Mendes Leal, peça escolhida pelo Sr. Furtado Coelho para nella desenvolver, em toda a plenitude da propria seiva, robustez e elasterio, o seu genio artistico, diremos que, no primeiro acto, o Sr. Furtado Coelho esteve natural e verdadeiro, reproduzindo com a mais bem simulada humildade, mas ao mesmo tempo firme consciencia de seu valor pessoal, a posição secundaria que Pedro, o filho do mordomo, occupava em casa do conde de Santiago. A scena entre o heroe do drama e a fada de seus sonhos, Maria, foi magistralmente jogada.

O que diremos das scenas seguintes entre Pedro e os seus trez sarcasticos e estultos *cabriões*, e das posteriores até á ultima? Nada mais senão que o Sr. Furtado Coelho attrahia com crescente força a atenção geral, e se tornava o alvo unico de todos os olhares, e corações!

No segundo acto aonde ha uma bella scena, uma scena de um effeito dramatico immenso, a do incendio, o Sr. Furtado Coelho se houve igualmente de um modo magnifico. Era na verdade o escriptor principiante, cujos primeiros passos na vida litteraria são vacillantes e cheios de medo, em toda a sua modestia, timidez e receios, e ao mesmo tempo na triste carencia de recursos pecuniarios.

Depois, aquella licção que elle dá aos seus antigos motejadores, de desapêgo á vida, de coragem e dedicação a bem da sua antiga amada que o despresára, salvando-a das chamas, como foi representada com calor e ao vivo!

E a ultima scena—a final?

Que gestos surprehendedentes! . . . Que expressão phisionomica inimitavel! . . . que certesa engenhosa e feliz de inflexões!

Dizer que o terceiro, o quarto e o quinto actos foram desempenhados pelo insigne actor com arte, intelligencia dramatica, finura, graça, tacto scenico, vigôr de convicção e um successo incriveis, é tão somente proferir uma verdade que centenaes de pessoas testemunharam.

O Sr. Furtado Coelho mostrou exuberantemente nessa noite, como já o tinha revelado aŝaz nos expectaculos anteriores em que representára, que reúne a uma vocação natural e decidida para o theatro, a um espirito talentoso e culto, a uma figura graciosa e attractiva, a uma pratica illustrada do palco, uma elegancia e um bom gosto para caracterisar-se rarissimos, uma mimica sobria e eloquente, uma delicadesq de ademanes e maneiras proprias da mais elevada e polida sociedade, uma serenidade, emfim, admiravel quando pisa a scena, e que é nelle evidente signal de que domina a arte dramatica do alto do seu genio, e maneja-a a seu bel praser, como o piloto emerito que, com o timão em punho, sulca impavido as ondas do oceano embravecido, zombando de horrascas e perigos!

Apoz o drama, deu-nos o artista uma amostra do seu talento musical, tocando uma Fantasia no piano. Destresa magica, e gosto purissimo, são os caracteriscos do Sr. Furtado Coelho, quando se senta ao instrumento querido de Thalberg e Listz; o distincto actor sabe arrancar das teclas harmonias celestès, que arrebatam e fasciam. O piano, sob seus dedos, grita, geme, chora, ri, exprime em uma palavra, com inaudita verdade e na sua linguagem melodiosa, toda a variedade de inefaveis affectos do coração humano. O Sr. Furtado Coelho, não é um *virtuose* consumado, mas é um amador, que comprehende com a alma a arte de Rossini, essa poesia dos sons, como já a denominou alguem, e gosta de divertir-se com ella nos seus lazeres.

Uma triplice corôa artistica fulgura na frente do Sr. Furtado Coelho. Elle é poeta, duas vezes poeta; poeta ligeiro e poeta dramatico. Possui lindos versos, de que recita alguns ao piano com exquisito mimo, e algumas composições scenicas de subido merito.

A ovação que o distincto artista colheu do publico santista, na noite de 30 do passado, foi completa e unanime. Flores, poesias, applausos, frenetico enthusiasmo, nada faltou á glorificação do seu genio artistico. O Sr. Furtado Coelho deve estar contente com a recepção modesta, é verdade, mas cordial, da sociedade de Santos.

Mais duas palavras.

Quando uma nação possui um talento do quilate do Sr. Furtado Coelho, deve estremecer de praser ao ouvir preconisar os seus triumphos por toda a parte por onde passa, deslumbrando tudo, como o principe dos astros. Portugal, a patria de Garrett, de A. Herculano, de Mendes Leal, e de Rebello da Silva, assim como se orgulha de haver dado o ser a estas notabilidades litterarias, não pode e não deve deixar de se rever com delicias, admirar e cobrir de honrosos galardões um dos seus mais dignos filhos, um dos seus mais esforçados artistas nacionaes—o Sr. Luiz Candido Furtado Coelho.

(O Progresso, de Santos, provincia de S. Paulo, de 6 de Dezembro de 1860).

XL.

A salla do theatro estava cheia, e a sociedade que nessa noite ali se reunio, foi o primôr da sociedade Santista; cavalheiros e familias que ha muito tempo não frequentavam o nosso theatro ali estavam todos.

O Sr. Furtado Coelho mostrou-se nessa noite artista em toda a extensão da palavra. O papel de *Pedro*, representado com tanta maestria, é a expressão mais perfeita da nova escola dramatica, que atirou para longe os gritos, as contorsões, os gestos ridiculos e insupportaveis com que até hoje nos temos visto mimoseados na scena.

Seria longo enumerar as situações em que o talentoso artista nesse drama, sobe a uma altura difficil de attingir-se.

Diremos só duas palavras, porem de uma verdade tão eloquente, quanto é profunda a convicção que nól-as dicta: *extasiou e commoveu!*

Eram para nós bem authenticas as opiniões que a respeito do Sr. Furtado Coelho por mais de uma vez viramos insertas nas folhas do Rio de Janeiro; porem hoje disemos, com o testemunho da nossa propria consciencia, que é não só um actor insigne, mas sem rival no theatro moderno.

Chamado repetidas vezes á scena no fim do drama, foi o distincto interprete de Mendes Leal coberto de flores e corôas, que vinham de todos os lados do theatro cahir-lhe aos pés. As palmas e os bravos estrepitosos repercutidos de todos os angulos da sala, disiam que o tributo de admiração e enthusiasmo era unanime.

Na terceira vez que foi chamado á scena recebeu o Sr. Furtado Coelho uma corôa de louro, e dois *bouquets* que lhe offerteram uma menina e dois meninos, filhos de uma das mais consideradas familias desta cidade. Era interessantissimo então esse quadro!

O rei do palco curvado a receber das mãos da innocencia o premio do seu não vulgar talento, e de seus constantes esforços!

Houa pois ao povo Santista que sabe galardoar o verdadeiro merito, quando elle se revella em tão subido gráo, dando assim a Cesar o que é de Cesar.

Acompanhado a casa por grande numero de cavalheiros, e seguido da orquestra do theatro que expontanea e graciosamente se prestou a companhal-o ao som de bonitas peças de musica, (demonstração esta de que até hoje não havia exemplo nesta cidade) o Sr. Furtado Coelho ainda ali foi repetidas vezes enthusiasmicamente applaudido e proclamado o seu talento.

O Sr. Furtado Coelho não se revellou nessa noite somente um grande actor; mostrou-nos tambem que éra pianista eximio; e tanto mais digno de admiração quanto o piano é para elle um mero recreio de suas horas vagas. A natureza tem predilectos com quem se faz prodiga em excesso. A estes, como o Sr. Furtado Coelho, é a modestia que os caracteriza, tanto quanto um baloufo e estúpido orgulho acompanha a outros com quem a mesma natureza foi remissa!

(Revista Commercial, de Santos, de 7 de Dezembro de 1860).

XLI.

Depois da agradável sensação que experimentámos assistindo ao bello desempenho da «*Probidade*», aguardámos com impaciencia a representação do drama «*Pedro*» em cujo papel o Sr. Furtado Coelho enlaçou mais um louro na sua corôa de glorias, accrescentou mais uma nota ao seu hymno de triumpho, conquistou mais um titulo á nossa sincera admiração.

«*Pedro*»—essa mimosa composição que nos traz sempre á lembrança o nome do seu illustrado author, uma das mais brilhantes constellações engastadas no horisonte litterario de Portugal; «*Pedro*»—essa criação de elevados pensamentos, de idéas magestosas—idéas e pensamentos que tendem a desenrolar ante os olhos do expectador attento, o mais bello dos episodios da vida—a juventude, com seus risos e tristezas, com suas esperanças e desconsolos, com seus amo-

res e loucuras, com seus enthusiasmos finalmente; «*Pedro*» personificou-se na pessoa do distincto actor.

Em Furtado Coelho reúnem-se a magestade do porte, a belleza da expressão, a nobresa d'alma, a sublimidade dos pensamentos e as grandes esperanças que elle depositava no seu porvir, que lhe apparecia em sonhos bello e deslumbrante, como um raio de luz a fulgir na immensidade das trevas.

O Sr. Furtado Coelho, no papel de «*Pedro*», não é apenas um artista incumbido de illudir o expectador, reproduzindo as acções de um heroe que o escriptor idealizou; em scena elle é o mesmo «*Pedro*», com o mesmo porte, com a mesma expressão, com a mesma voz, com os mesmos sentimentos, com o mesmo talento, com o mesmo amor. Sente como elle, enthusiasma-se como elle, desespera como elle, ama como elle, vingá-se como elle, e finalmente immortalisa-se como elle, dando vida á creação dramática que o author concebeu na sua fantasia!

E por isso a platea ri quando elle ri, entristeceu-se quando elle sente, angustia-se quando elle chora, extasia-se quando elle se enthusiasma, applaude quando elle vinga, allegra-se quando elle sobe.

Honra ao talento! Honra a Furtado Coelho que, patenteando os reflexos do seu acrysolado engenho, tanto ennobrece a arte, ennobrecendo-se a si proprio!

Seria longo desenvolver cada uma das scenas de que se compõe os actos do drama a que nos referimos, acompanhando o distincto artista, que vai sempre subindo em merecimento, á proporção que o drama vai caminhando para o final desenlace.

Congratulamo-nos com o Sr. Furtado Coelho, pela ovação que tão justamente lhe foi feita. Ella é o fructo de seus continuados estudos, e do util resultado que tem sabido tirar do inexgotavel thesouro de talento de que é dotado.

(Correio Paulistano de 6 de Janeiro de 1861).

XLII.

«*Pedro*» é a iniciação da nova escola dramática que Mendes Leal se applicou a introduzir. Escrevendo-o, sentio, soffreu com os seus personagens, e revelou-os. As idéas philosophicas e sociaes apparecem ahi como uma caprichosa dissertação que convence o auditorio do magisterio que se incumbem.

O character de Pedro é de uma rara elevação: é o homem ennobrecido pelo trabalho e pela magnanimidade. A posição que alcança conquista-a legitimamente. Essa criação desnuda o coração do escriptor, revellando as magoas e difficuldades, e a luta proflada e dolorosa que tem sido talvez a sua vida, e que soffre o homem que, cedendo ás aspirações de sua alma e ás ambições da intelligencia, se appresenta isolado a contender contra a sociedade.

Para nós é o maior drama de Mendes Leal. Se o folhetim de hoje permittisse faria considerações extensas.

Esperamos occasião. *Pedro* é o papel de Furtado Coelho. Não conhecemos, nem sabemos onde achar quem como elle o represente, nem imital-o. Em poucas palavras:—O genio tem seus mysterios que respeita mesmo quem os ignora!

(Correio Paulistano de 13 de Julho de 1861).

XLIII.

O THEATRO MODERNO - PEDRO - MENDES LEAL - FURTADO COELHO.—As transformações sociaes reflectem no theatro o brilho de sua nova phase. Após a grande luta que creou a sociedade moderna nas bases da razão e da humanidade, surgio uma ordem de cousas que tinha sua razão de ser nas aspirações do espirito humano.

Um dos preconceitos do seculo passado éra o da nobresa de sangue, de titulo, de nascimnto, de herança, de côr, de raça, de tudo quanto se chama o merito da força, do erro, das trevas, da espada, da riqueza, e, até, da ignorancia e do absurdo. Ora a revolução que achára tambem os direitos do homem, não podia consentir nessa desigualdade que éra uma ironia á razão, e um epigrama á justiça e á civilisação.

Destruio este edificio feito de poeira, e fundou e inaugurou a verdadeira nobresa, a nobresa constitucional, a nobresa do talento, da virtude, dos serviços á patria, do merito pessoal. Outr'ora bastou Cervantes para matar a degenerada cavallaria andante; Molière destruiu a nobresa feudal, mas foi a revolução que lhe fez o epitaphio no programma da nova. O theatro, expressão da civilisação de um povo e da humanidade, representou a democracia ascendente na opinião arraigada nos instinctos populares, fructificada na Encyclopedia, no Contracto Social, na declaração dos direitos, etc.

Eis o que representa o drama «Pedro» do Sr. Mendes Leal.

A litteratura portugueza teve no fim do seculo XVIII uma phase de decadencia; só appareceram dois grandes genios que illustraram Portugal—Filyntho Elysiso e Bocage. Mas bem cedo a linguagem degenerou, e os vicios de elocução chegaram com o *elmanismo*.

Nestas condições só um genio poderia salvar Portugal.

A natureza produziu Garrett. Foi elle quem traduzio o seculo na poesia e nas letras. Creou o theatro moderno, e fez a lingua, enriqueceu-a, e se immortalisou em quasi todos os generos.

Mas quanto não restava aos seus successores que vinham achar os caminhos aplainados?!

O mais illustre successor de Garrett no theatro foi e é incontestavelmente o Sr. Mendes Leal. Elle subio ás alturas gigantescas do theatro moderno.

O que é *Pedro*?—É a intelligencia que sobe pela sua força contra o prejuizo que a insulta na sua condição social, e contra a ignorancia que a não comprehende.

É a vingança heroica do homem probo e educado contra os imbecis e os insolentes.

É o presente contra o passado, a rasão contra a tradição, o real contra o absurdo, a verdadeira legitimidade moral contra as pretensões dos accidentes, o nascimento, a riqueza, etc. É a explicação do lado serio, grandioso, moral do homem, contra seu lado ridiculo, pretencioso e estúpido.

Não sabem que das classes pobres é que sahem os grandes homens. Entre o luxo de que sente os vicios, e a pobreza de que escuta as afflições, sahe o homem de idéas justas, de espirito e coração. Ao pé do pobre, cujas vestes tem buracos, e ao pé do rico, cujas togas tem nodoas, o homem sabe que a unica ambição legitima é ser honrado e intelligente.

Este, quando algum Quixote mostrar o quadro genealogico da fidalguia estúpida dos seculos barbaros, quando não queira repetir o *qu'est-ce que cela prouve* de Laplace, pôde bater na frente, como Chénier, pôde cuspir, em nome da rasão, nesses papeis borrados que serviram outr'ora de escudo á barbaria, e hoje é salvo conducto do vicio e da torpesa.

Pariás, escravos, servos da'gleba, proletarios, plebeus—miseraveis, opprimidos. Sacerdotes sem fé, ricos sem caridade, reis de nascimento, conquistadores de sabre na mão, nobres sem espirito, fidalgos sem virtudes,—miseraveis, oppressores. Por toda a parte a guerra da estupidez contra a intelligencia, do vicio contra a virtude; ou-

tr'ora Socrates, depois os Gracchos; Jesus Christo e João Huss; os judeus e os socialistas. Por toda a parte tambem os Melytes e Tiberios, os Catilinas e Alexandres Borgias.

Onde se eleva o merito, a inveja arma sua tenda; a coruja vem rodear a alampada do templo para apagal-a.

Esta guerra fatal na vida humana se traduz por uma pretenção ridicula contra o principio divino. É como diz admiravelmente V. Hugo nos Miseraveis: «Zero, não querendo andar nú, vestio-se de vaidades». Vêde: nobresa de bolsa,—ironia á pobresa honrada e laboriosa: nobresa de nascimento e titulo,—ironia ao talento e ao merito pessoal.

Unidades de raças, unidade de Deus, fraternidade, igualdade,—palavras vãs nessas cabeças vãs.

Como os grandes rios, cujas nascentes são obscuras, assim os grandes homens. Como o rio que levanta as cousas mais leves, diz Bacon, deixando no fundo as mais solidas, eis a fama. Gulliver teve talvez essa idéa de nobresa quando pintou a raça de Lilliput. Garrett admiravelmente pintou o nobre de hoje no D. Quixote, e o frade no Sancho Pansa do seculo XIX; (*Viagens na minha terra*). Eis o que é Pedro. Um moço obscuro e pobre, insultado pela nobresa enfatuada e viciosa, e pela ignorancia que a corteja, e que procura, para se vingar, elevar-se para olhar do cimo da gloria com desprezo e compaixão para seus algozes.

Só se pôde ver Pedro, vendo-se Furtado Coelho. Quando elle entrou em scena com aquella pallidez de *Hamlet*, aquella olhar de *Anthony*, aquella phisionomia de *Werther*, todos os olhos se fitaram n'elle. Seguia-se seu movimento, seu gesto, seu olhar, sua palavra, tudo seu. Quando elle falla, parece que toca no teclado divino da nossa alma, percorre uma escala nos sentimentos, e nosso applauso é o echo destas harmonias.

Dir-se-hia um destes artistas divinos, um Paganini na rabeca, um Græthe na poesia, um Raphael na tela, que dá á alma, objecto de seu estudo, o som, a harmonia e a côr que elle quer, para fazer sahir d'ahi uma coisa gigantesca e divina como se se pusesse a cabeça de Shakspeare no corpo de Miguel Angelo.

No 3.º acto quando Pedro diz:—«a filha do conde de Santiago não desce nunca!»—não podia ter igual; sua attitude, seu todo era mag-nifico. Entra tanto no fundo da peça, que arranca lagrimas, faz estremecer todas as fibras, faz mover com um seu gesto a turba que o escuta, como Jupiter fazia mover o mundo com um olhar. Temos fé

que Furtado Coelho ha—de civilisar este theatro, ainda meio barbaro, sobretudo para apreciar tão distincto engenho.

Elle reduz tudo a um enthusiasmo que acaba n'um extase. Elle que vive, que respira estas idéas que tinha Pedro, a democracia e suas muzas, liberdade, igualdade, talento, gloria: elle que tem talento e gloria, que conquista, por onde passa, corações, como Cesar terrenos: elle que desconhece esta nobresa mentirosa e ridicula de Orlandos e D. Quixotes, como não executaria esse papel, que póde ser o seu, e que em algum ponto o tem sido, elle que tem o maior merito da scena—o movimento, a acção, a vida e a alma de todo o drama?! Ao seu nome eu só ajunto um ponto de admiração.

(Jornal do Recife, de 4 de Abril de 1863).

XLIV.

Quem vio, porem, esta peça desempenhada pelas transactas companhias, não lhe pode dar o devido apreço e valor.

Se ella tanto nos agradou outr'ora, quanto nos deve arrebatat e extasiar agora, sendo o papel do protagonista desempenhado pelo predilecto filho da escola moderna, o Sr. Furtado Coelho?

Este intelligente e distincto actor, comprehendendo perfeitamente a parte que para si escolheu, manifestou toda a sublimidade do talento com que a Providencia o dotou.

Se já d'elle formavamos o melhor conceito em vista dos papeis do *Cavalheiro Carnioli e Paulo*, que elle magistralmente desempenhou nos dramas—«Dalila», e «Lucia Didier»—hoje podemos confiadamente dizer que nunca na scena pernambucana luzio um astro tão brilhante.

(Jornal do Recife, de 17 de Abril de 1863).

XLV.

Ao subir á scena o drama do Sr. Mendes Leal, por tantos almejado, começaram a rarear as fileiras dos incredulos, porque já tinham pelo menos um papel a confrontar desempenhado na mesma scena por dois artistas differentes, cada um na sua escola.

Se o que, pela primeira vez*, nos fez admirar a excellencia e pri-

* Germano Francisco de Oliveira.

mor do bello drama «*Pedro*», o tivesse apresentado em scena naquella naturalidade e perfume da sociedade moderna, em que primam todas as composições deste genero, e se elle não fosse adepto das velhas usanças e seguisse docilmente as regras da nova escola; nós hoje talvez não admirassemos tão extasiados o brilho da nova conquista, por que tudo foi novidade para nós no desempenho do papel do filho do mordomo.

Não fazemos allusão desairosa, nem taes sentimentos se casam com o nosso modo de encarar as cousas; reconhecemos as intelligencias dos dois artistas, e a distancia que as separa.

Não censuramos, nem bajulamos; gostamos de apreciar devidamente os meritos, e de expôr as nossas idéas conforme o nosso entender.

(Jornal do Recife de 23 de Abril de 1863).

CARNIOLI

NO DRAMA «DALILA» DE OCTAVE FEUILLET; IMITAÇÃO DO SR. ANTONIO DE SERPA.

XLVI.

A maneira porque o Sr. Furtado Coelho executa o papel de *Carnioli* pode sim imitar-se, mas não exceder-se.

(Correio Mercantil, do Rio de Janeiro, de 14 de Abril de 1860).

XLVII.

Ha muito tempo que não se leva em nossos theatros um drama mais bem desempenhado. O Sr. Furtado Coelho no papel de *Carnioli* esteve sublime; poucos actores serão capazes de imital-o. É bem conhecido o seu talento como artista e ensaiador; que o diga o Gymnasio que floresceu, e tão grandes enchentes teve durante o tempo que este insigne artista ahi representou e servio de ensaiador; desde a sahida deste artista, ou por outra, desde a ultima noite que elle fez o papel de *Maximo Odier* no *Romance de um moço pobre*, nunca mais o Gymnasio teve uma casa cheia.

(Correio Mercantil, de 16 de Abril de 1860).

XLVIII.

«Durante este tempo (diz Carnioli) os dedos do velho, descansando sobre as cordas, tiravam de quando em quando do instrumento sons... gemidos, que penetravam até ao fundo d'alma. Ella accordou e disse: Meu pai, tenho dous favores a pedir-lhe... o primeiro é que me dê um ar de riso—o velho tentou sorrir-se.—Depois, continuou ella, que me toque hoje o canticco do Calvario.—Não, não, disse o bom velho, com voz pungente querendo simular uma alegria, só no dia do teu casamento.—Ella sorriu, e olhou-o fixamente; elle abaixou os olhos sem replicar. Com um gesto doloroso, sacudiu os cabellos brancos sobre a fronte mais palida que o marmore, e pegou no arco... Ouvientão o famoso canticco do Calvario... o canticco sublime!... Em quanto tocava, grossas lagrimas lhe cahiam uma a uma sobre as mãos tremulas e inspiradas... Chorava!... chorava o instrumento... choravam as cordas... o arco, a madeira, o cobre... tudo chorava!... só ella não chorava, por que já não tinha lagrimas!...»

Ninguém, absolutamente ninguém poderá ouvir Furtado Coelho recitando esta narração dolorosa, e arrebatadora ao mesmo tempo, sem que sinta estremecer-lhe as fibras do coração, e o pranto orvalhar-lhe o rosto, trahindo o sentimento que o provocou. A posição, o gesto, a voz, tudo revella no distincto artista o estudo e a meditação; suas palavras parecem humedecidas de pranto; e como se esse *canticco sublime* soasse ainda a seus ouvidos, seu corpo ainda estremece só ao lembral-o.

(Correio Paulistano, de 10 de Janeiro de 1861).

XLIX,

Artistas como Furtado Coelho nunca ouviram da critica um *De profundis*, porque elles não fazem da arte um *funebre cantochão*.

Beaumarchais tinha razão querendo fazer do treato uma tribuna; é por que elle conhecia que a arte tem a sua eloquencia, assim como a religião a sua magestade. Hoje a scena tem oradores. Nos *meetings* academicos não se tracta de outra questão; é o theatro, o *Corpus juris* do caloiro, o *Autran* do quinto-annista.

Para «*Dalila*» artistas como elle. Furtado Coelho encarregou-se do papel de «*Carnioli*»; duas palavras explicam o que queremos dizer: ha scenas, ha situações dramaticas, cuja structura, quasi fantastica,

só o poeta e o proprio artista conhecem! Furtado faz do assumpto a epopéa do coração!

(Correio Paulistano, de 23 de Junho de 1861).

L.

DALILA.—O Sr. Furtado Coelho, reconhecido, nas provincias mais illustradas do imperio, como um insigne artista da escola moderna, é o professor assiduo e dedicado de toda a sua companhia, e escolheu, para reentrada no palco do nosso theatro, o papel de «*Carnioli*», no magnifico drama «*Dalila*».

Que belleza de pronuncia, que mimica e gesticulação tão adequadas no homem que diz a André—«o casamento achata as bossas intellectuaes, e faz christalisar o cerebro como o interior de uma colmeia!».

Mas para que buscar exaltar o talento de um artista, que firmou uma reputação á custa de uma vocação maravilhosa, cultivada por um estudo illustrado e continuo?

[Ecco do Sul, provincia do Rio Grande do Sul, de 25 de Dezembro de 1861].

LI.

No quinto e sexto quadros do drama, o Sr. Furtado tornou-se sublime, quer na raiva por ver sacrificado o seu amigo aos caprichos de uma miseravel mulher, quer na dôr extrema, por vê-lo succumbir aos desgostos cavados em seu coração por essa mesma mulher, cujo unico desejo éra saciar-se de gosos, quaesquer que fossem as dores que semeasse.

Aquella scena em que descreve a André a maneira por que vio arrastar-se a vida de Amelia e Sertorius é de um extremo valor, e arranca lagrimas aos corações sensiveis; e em verdade é tal a naturalidade com que a joga o Sr. Furtado Coelho, que só seres impedernidos deixariam de comprehender, e impressionar-se.

[Diario de Pernambuco, de 13 de Março de 1863].

LII.

Ainda veio á scena a immortal producção de Feuillet! Ainda avidos ouvidos se encheram das harmonias daquella linguagem; e cora-

ções piedosos choraram sobre as chagas de André, maldizendo o vicio e a vaidade da mulher.

Ainda uma vez (e que vez!) o Sr. Furtado Coelho subio ao nivel da idéa, do sentimento e da scena! Para os artistas de talento tão subido, viver é encher os seus caminhos de flores, e sua fronte de corôas.

O Sr. Furtado já está tão vinculado ao bom gosto, ao enthusiasmo, aos ouvidos e aos olhos do publico desta provincia, como seu nome á gloria. É hoje uma necessidade tê-lo. Elle está criando o gosto, e elevando a arte; está leccionando a moral e despertando a emulação.

(Jornal do Recife, de 15 de Abril de 1863).

FILIPPE PLUMET.

NA COMEDIA: «HERANÇA DO SR. PLUMET»; TRADUÇÃO DO FRANCEZ DO SR. DR. HENRIQUE CESAR MUZZIO.

LIII.

O Sr. Furtado Coelho (Filippe) revellou mais uma corda no seu arco para os que o viram no papel de «Jorge Bernard», e no de «Desgenais.»

O homem delicado e altamente intelligente, que chega a vencer os preconceitos de uma familia de verdadeiros fidalgos, entrando para o seu seio—*por direito de conquista*;—o jornalista sarcastico, o amigo leal e dedicado, o moralista severo, que profliga *as mulheres de marmore*, pôde, descalçando as luvas e a fina bota envernizada, transformar-se n'um velho prematuro, que traz impresso no rosto o stygma da devassidão; em cuja alma, porem, ainda dormem bons sentimentos, que em hora dada, em momento opportuno, accordam com toda a energia de uma protesto eloquente.

(Correio Mercantil, do Rio de Janeiro, de 23 de Janeiro de 1859).

LUIZ DE ABREU.

NO DRAMA—«A JUSTIÇA»; ORIGINAL PORTUGUEZ DO SR. CAMILLO CASTELLO BRAMCO.

LIV.

Entre os modernos escriptores portuguezes, occupa o Sr. Camillo

Castello Branco um logar notavel pelo cunho de vigorosa originalidade, que sabe dar ás suas composições.

Como dramaturgo, o Sr. Castello Branco prima na maneira porque delinea e põe em scena o typo cynico e repugnante do D. João moderno.

Seus dramas, cheios de paixão e movimento, têm um dialogo animado e prendem fortemente a attenção do expectador.

A *Justiça*, que acaba de representar-se no Gymnasio em beneficio do Sr. Moutinho, é uma das melhores composições do fecundo escriptor, e em que os lances dramaticos mais impressionam o publico.

A execução foi excellente. O Sr. Furtado Coelho teve as honras da noite no papel de «Luiz de Abreu».

Este artista soube dar a esse typo revoltante um cunho de sarcasmo imprudente e devasso que realisa perfeitamente o pensamento do author. A ultima scena em que «Luiz» morre ferido por um pai, que seus ultrages levaram ao desespero, foi jogada magistralmente pelo Sr. Furtado.

(Correio Mercantil, do Rio de Janeiro, de 2 de Junho de 1859).

LV.

O Sr. Furtado Coelho no difficil papel de «Luiz de Abreu», juntou mais um louro á sua coroa de artista. Esse character cynico e depravado foi perfeitamente comprehendido. Houveram scenas em que o talento de Furtado elevou-se ao zenith da perfeição.—A ultima scena em que «Luiz de Abreu», que se reputa salvo, entregando-se á justiça, é fulminado por Fernando, pai da victima deshonrada, é de um effeito maravilhoso.—O expectador ouve o estampido do tiro, presencia a agonia rapida do moribundo, vê o cambalear do corpo, a queda, e afinal os derradeiros extremecimentos de assassinado, que exala o ultimo suspiro. É admiravel esta queda, que faz o expectador sentir a raiva, a commoção e os mais encontrados sentimentos quasi que simultaneamente.

(Correio Paulistano, de 23 de Janeiro de 1861).

RAFAEL.

NO DRAMA DO MESMO NOME; ORIGINAL PORTUGUEZ DO SR. ERNESTO BIESTER.

LV.

O enthusiasmo do expectaculo do dia 7 do corrente foi o mais so-

lemne testemunho de quanto o publico sabe applaudir e admirar o eximio artista que faz as delicias da scena.

Foi mais uma victoria alcançada na arena da arte, mais um louro entrelaçado na coroa do actor, mais uma nota accrescentada ao canto do poeta, mais um brado de enthusiasmo áquelle que honra o palco com o prestigio do seu talento, e a reputação do seu nome.

Quanta gloria não acompanha o artista que sabe comprehender a sua augusta missão, e trabalha para elevar a arte do abatimento em que as vulgaridades a tem sepultado! Oh! como é bello de contemplar o artista, o homem amante do bello, em pé, erguida a fronte, o olhar altivo, encarando a multidão, que o escuta pasmada, que extasia-se com suas palavras, que electriza-se com seus olhares, que ri-se com seus risos e chora com suas lagrimas! Que doces e inefaveis commoções não hade experimentar esse coração de artista; quantas vezes o praser que lhe transborda do intimo d'alma não lhe fará desflorar um sorriso, que é logo desfeito por uma gota de lagrima que lhe escorrega pela face!

Homens diferentes dos outros homens! Almas grandes! Corações generosos! Eu vos admiro com enthusiasmo, eu vos bem digo com effusão, eu vos louvo com sinceridade! Salve!—Furtado Coelho, cujo nome pôde figurar com honra na galeria dos artistas mais eclebres, é a incarnação do que a escola moderna tem de mais elevado e sublime, do que a arte dramatica tem de mais bello e magestoso.

Elle nasceu para ser artista, e a arte para ser interpretada por elle. Astro luminoso, por onde elle passa ficam os vestigios da sua passagem; aqui, ali, por toda a parte onde a arte recebe um culto os caminhos alcatifam-se de flores, os poetas empunham as lyras, os pintores lançam mão da palheta, a imprensa apregoa seus triumphos, e o publico do alto de sua soberania, representando a posteridade, colloca-lhe sobre a fronte uma corôa de louros que por sua vez symbolisa a immortalidade do seu nome!

Todos o viram, todos o admiraram, todos o applaudiram nesse *Rafael* tão rico de sentimento, de amor e de heroismo, como o concebeu um dos ornamentos da litteratura portuguesa, e como o interpretou uma das glorias do theatro moderno. Longe iriamos se apontassemos as bellas desse drama, mostrando ao mesmo tempo o brilhantismo com que o Sr. Furtado Coelho se houve nesse papel. Falle por nós todo esse publico que correu ao theatro afim de admirá-lo, os victoriosos applausos com que frequentemente o interromperam, as corôas, bouquets, escriptos, poesias, e preciosos mimos que lhe foram

offertados nessa noite de tanta gloria para o artista, e de tanta satisfação para o publico.

A final coberto de applausos, rodeado de trophcus alcançados no palco, foi o Sr. Furtado Coelho conduzido até a sua habitação ao som da musica; acompanhado de grande numero de amigos e admiradores que não cessaram de levantar entusiasticos vivas ao heroe da scena!

Pode-se subir tão alto no conceito publico, pode-se merecer tanto; porem mais é quasi um impossivel!

(Corrcio Paulistano, de 13 de Agosto de 1861).

LVII.

Furtado Coelho representou a parte de *Rafael*. É uma das suas mais felizes creações. O artista comprehendeu e revelou-nos de uma maneira indiscriptivel esse nobre e poetico personagem, que parece ás vezes despir a forma humana para se perder no vago das existencias espirituaes. O olhar, a expressão da phisionomia, a unção angelica de suas palavras, tudo concorreria para dar ao artista um cunho sobrenatural, e envolvê-lo n'uma aureola de sympathia.

Se Furtado Coelho, no desempenho de *Rafael*, ultrapassou os limites de seu papel, foi passando dos dominios da verdade estetica ás proporções do ideal. Não éra um homem, éra um anjo!

A plateia delirou. Uma chuva de corôas e flores, acompanhada de prolongados applausos, victoriou esta noite o singular artista que rivalisou mais uma vez com o genio de Laferrière, Lafontaine, e Feish-ter.

(A Civilisação, de Santos, de 6 de Outubro de 1861).

LVIII.

Passemos sem a transição do templo de Deus, ao templo da Arte. Em um adora-se a divindade, e no outro a sua manifestação sublime. O sagrado e o profano prende-se, por uma secreta alliança, no consorcio da pura idealidade.

A arte é divina, por que a sua origem se perde nas mais elevadas regiões do mundo espiritual.

Representa-se pela segunda vez o *Rafael*.

Os espectadores assistem a esta representação com a mesma ansiedade que á primeira. Anima-os o mesmo interesse. A execução do drama correu admiravelmente. Furtado Coelho no final do 3.º acto foi superior, se possível é, ao que tinha sido na primeira noite.

(A Civilização, de Santos, de 13 de Outubro de 1861).

LIX.

O Sr. Furtado Coelho, que neste papel tem entusiasmado as platéias que o tem visto, esteve no gráo de merecimento em que o tem collocado a critica geral. O character sympathico, a resignação, o olhar, a ternura discreta do mancebo amator, como foram bem trazidos.

Quando o general o provoca e diz:—*tome a espada de seu pai*, e elle responde:—*tomarei!*;—quando elle offerece o peito ao irmão; e afinal quando elle aponta os mundos desertos que vai correr até que o dedo de Deus lhe diga: *pára!*—sublime! foi sublime!

(Jornal do Recife, de 6 de Junho de 1863).

ALFREDO TOVAR.

NO DRAMA—PURGATORIO E PARAISO; ORIGINAL PORTUGUEZ DO SR. CAMILLO CASTELLO BRANCO.

LX.

A excellente companhia do Gymnasio, acaba de colher novos applausos com a representação do bem escripto e interessante drama, original portuguez, *Purgatorio e Paraiso*.

O Sr. Furtado Coelho, no papel de «Alfredo Tovar», esteve na altura do juiso que geralmente se forma do seu notavel talento dramatico.

(Correio Mercantil, do Rio de Janeiro, de 14 de Maio de 1859).

HENRIQUE SOARES.

NO DRAMA A—PROBIDADE;—ORIGINAL PORTUGUEZ DO SR. A. C. DE LACERDA.

LXI.

Na *Probidade* que ante-hontem foi á scena, o entusiasmo dos espectadores foi extraordinario; de momento a momento os bravos e

applausos estrepitosos vinham coroar os rasgos de verdadeira inspiração com que o talentoso artista Furtado Coelho fazia realçar o character nobre e generoso de *Henrique Soares*.

(Revista Commercial, de Santos, de 27 de Novembro de 1860).

LXII.

Conforme annunciámos representou-se ante-hontem o drama *A Probitade*, em que debutou o Sr. Luiz Candido Furtado Coelho.

Fomos do numero daquelles que o applaudiram com todo o enthusiasmo e que confirmaram a lisongeira reputação de que se fez preceder nesta capital o distincto artista.

Parenos aqui. O Sr. Furtado Coelho está acima de todo o elogio.

A sua influencia já se fez sentir tambem no pessoal de nossa companhia; notámos mais expressão e animação nos nossos actores.

[Correio Paulistano, de 1.º de Janeiro de 1861).

LXIII.

O papel de «Henrique Soares» foi desempenhado pelo Sr. Furtado Coelho.—O seu porte magestoso, o scintillar de seus olhos, a fronte elevada, a franquesa de seu semblante, e finalmente o seu talhe esbelto commecaram desde logo a chamar sobre si toda a attenção, até que a final conquistou o imperio de todos os corações, e empunhou o sceptro da sympathia geral.

No prologo, a amabilidade com que interroga o subalterno em quem respeita a sciencia pratica da navegação; o seu sentimento e ao mesmo tempo a dignidade com que responde ás infundadas arguições que lhe são dirigidas por um commandante menos bem informado sobre o facto; o acto de valor e heroismo por elle praticado quando a fragata se acha em perigo; esse orgulho justificado pelo seu talento, por ter salvado todos do naufragio; foram scenas dignas de um elevado artista, e seriam bastantes para firmar a reputação do Sr. Furtado Coelho, se de ha muito ella não estivesse estabelecida por meio de trabalhos mil vezes mais difficeis, nos quaes a sua inspiração o leva ao zenith da gloria.

Nos segundo e terceiro actos não apontaremos uma unica scena, por que todas ellas foram admiravelmente desempenhadas.

Não obstante a intemperie do tempo, houve uma verdadeira enchente, e todos os camarotes estavam occupados pelas mais distinctas familias da capital.

(Correio Paulistano, de 3 de Janeiro de 1861).

LXIV.

Basta de espectaculos eleitoraes, vamos aos theatraes.

Neste mundo, Furtado Coelho é o pensamento que agita todos os espiritos, é a palavra que se houve em todos os labios. No Domingo 30 de Dezembro, ouviu pela primeira vez o publico de S. Paulo o grande artista portuguez no drama—*A Probidade*.

Nessa noite, embora tenebrosa, encheu-se o theatro, e pouco antes de subir o panno lia-se a sofreguidão e ancia da curiosidade em todos os rostos.

O desempenho do Sr. Furtado Coelho já foi apreciado nessas palmas fervidas de enthusiasmo, nesse arrebatamento da plateia que vingou-se das emoções que lhe fez sentir chamando-o á scena para cobri-lo de applausos.

Foi ainda apreciado pela penna dos jornalistas que já lhe teceram devidos elogios. Estes disseram—Furtado Coelho é um genio, porque dá vida e alma ás palavras frias do author; eu direi elle é um genio quando mesmo no seu silencio eloquente, quando o author não lhe dá palavras, e elle falla com os olhos que se movem rapidos, com o rosto que se expande em jubilo, com as mãos que se estorcem com raiva, e com o peito que arqueira em ancia.

A influencia benefica do genio já se reflectio na companhia toda. Alguem já disse—o contacto do genio é como a força benigna do sol; este creia e vivifica, aquelle anima e dá vida aos que d'elle se approximam.

É uma verdade que ainda uma vez se realisou.

A Probidade éra um drama cansado; tornou-se uma novidade para o publico de S. Paulo. Éra um soporifero, que quem padecia de vigílias ia comprar na botica do Sr. Henrique, sita no largo de Palacio; tornou-se um estimulante activo de bom gosto.

Deos conserve o Sr. Furtado Coelho entre nós, e que as aguas do Tamandateby o façam esquecer as da Carioca.

(Correio Paulistano, de 8 de Janeiro de 1861).

LXV.

Ao Sr. Furtado Coelho coube o papel de «Henrique Soares».

Qual é o prisma porque um artista vê a arte? que intuição desconhecida possui elle para contemplar de perto o grande e o bello moral? que faculdade mysteriosa é essa que o faz sentir todas as dores e todas as alegrias, como se sua alma se multiplicasse, ou se Prometheu lhe soprasse no craneo todo o fogo sagrado n'uma vida collectiva que encerrasse em germen os sentimentos de todos os seres?

Seria longo ennumerar todos os pontos em que o talento do Sr. Furtado Coelho se manifestou com todos os seus brilhos. Na scena de desanimo o seu rosto exprimia todos os trances, todas as saudades de uma alma que sente partir-se a cadeia de sonhos encantados que a prendia ao mundo. Nos dous actos do drama vê-se-lhe passar pelos labios o sorriso amargo e pungente de uma alma dilacerada pela desillusão, e a ironia aguda e penetrante como a ponta de uma lamina; sua fronte abatida revela o remorso fundo que lhe cava na alma uma chaga de agonias.

(Jornal do Recife, de 8 de Agosto de 1863).

CARLOS.

NO DRAMA—CYNISMO, SCEPTICISMO E CRENÇA—ORIGINAL PORTUGUEZ DO SR. A. C. DE LACERDA.

LXVI.

O theatro desta cidade tem estado animadissimo, graças ao distincto artista Furtado Coelho. A primeira peça em que o Sr. Furtado mostrou as flores do seu talento foi o drama—*Cynismo, Scepticismo, e Crença*.—Ahi no papel de «Carlos» (o cynico) o Sr. Furtado justificou a reputação que acompanha o seu nome. A concurrencia dessa primeira noite foi tal, que muitas pessoas tiveram de retirar-se sem bilhete.

(Revista Commercial, de Santos, de 27 de Novembro de 1860).

LXVII.

Molière já tinha escripto o *Misanthropo*; o caracter severo de um homem que, em face das miserias e vicios da sociedade, não cré nas juras, nas acções, na consciencia dos homens.

Elle foge do mundo por que sua alma não é feita para encarar face a face o vicio triumphante, a virtude martyrisada e succumbida, e a morte das esperanças de noss'alma na crença. Molière, ha mais de um seculo pois, conhecia este typo do homem cynico, calculista e systematico, zombando de tudo, porque a riqueza é o seu salvo conducto, é a ponte de apoio que fizera desesperar Archimedes.— Esta comedia *Cynismo Scepticismo e Crença* é tirada de Molière.

Ha trez typos principaes:—o cynico, este character infame que se resume em Luculo pela gula, em Lovelace pela lascivia, em Saffie pela insolencia.

Ter dinheiro, raciocina elle, é ter a chave do mundo; assim o disse Filippe da Macedonia. Com elle se compram todos os praseres, fim natural do homem, e com elle se faz o manto que encobre a nudez do vicio.

Sabe-se a historia dessa rainha que perguntada se toda a mulher se vendia, respondêra: «é conforme o preço!». Elle doura os degrãos da infamia; elle é a corôa que assenta bem na cabeça da victima. Com elle se piza no pudor e no amôr—esta herança da primeira mulher, na probidade e na intelligencia—esta fortuna do espirito humano.

Eis como raciocinia Carlos—o cynico. É a theoria de Bentham na moral, de Machiavel na politica. Os meios são bons quando elles servem a conseguir os nossos fins.

O sceptico vê e estuda o character de Carlos, e cada vez mais descre de tudo, até do amor de sua amante.

A crença é a mulher, feliz em toda a parte, com sua ingenna credulidade, com seu coração cheio de sympathias ardentes e de crenças no amôr e na felicidade—sua vida, seu ideal.

O Sr. Furtado Coelho (Carlos) elevou-se como um gigante. É como um diamante seu talento; cada dia se lhe descobre uma nova face, um novo brilho. O seu gesto, o seu sarcasmo, a sua insolencia—admiraveis!

(Jornal do Recife, de 8 de Abril de 1863).

O GENERAL.

NA COMEDIA—O GAIATO DE LISBOA—.

LXVIII.

O Sr. Furtado Coelho, já tão applaudido por nós, deu-nos mais uma grande prova de seu extraordinario talento.

O General é uma bella creação; é um trabalho completo, sem um *senão*. Verdade na acção; nobre arrebatamento, quando a situação o exige; gravidade propria, ás vezes meio faceto;—nada mais artistico, mais perfeito do que o typo do *General*.

E os expectadores reconheceram o peregrino talento do distincto actor, acompanhando cada scena com estrepitosos bravos e applausos.

O Sr. Furtado Coelho tem a arte scenica fechada na mão, e molda-a a seu talante como mestre e como poeta que é.

(Revista Commercial, de Santos, de 11 de Dezembro de 1860).

LXIX.

O Sr. Furtado Coelho, no papel do *General*, revellou mais uma vez o brilhantismo de seu genio creador.

O bem caracterizado de sua phisionomia, onde se debuxavam os traços de uma alma dotada dos mais nobres sentimentos; seus movimentos perfeitamente adaptados a um corpo enfermo, que vai pouco a pouco enlanguecendo, o metal de sua voz tremula e socegada, finalmente, essa eloquencia magestosa e attrahente que o cerca, mesmo quando não pronuncia uma unica palavra, e apenas volve os olhos, ou faz um simples gesto; fizeram-n'o subir a uma altura que só podem alcançar intelligencias como a do Sr. Furtado Coelho.

É no papel do *General*, aonde se póde bem aquilatar o merito do distincto artista, que tem de empregar os recursos da arte, amoldando sua voz, seu gesto, seu talhe, suas posições, á voz ao gesto, ao talhe, ás posições de um personagem cujo caracter é inteiramente opposto áquelle em que costuma representar.

Quem vio o Sr. Furtado Coelho no papel de *Henrique Soares* na *Probidade*; quem o vio desempenhando o *Pedro*, e depois o *Carnioli* na *Dalila*, facilmente ajuisará do elevado talento do artista que fez esquecer esses diferentes caracteres no *General*, aonde será difficil a qualquer actor imital-o.

[Correio Paulistano de 16 de Janeiro de 1861].

LXX.

Furtado Coelho é o general gotoso na sua rude decisão, e maneiras assoldadadas.

(Mercantil, de Porto Alegre, de 24 de Agosto de 1862).

LXXI.

O Sr. Furtado Coelho revelou-se—centro. Novo papel, novo brilho; execução de mestre. Gesto, mimica, tudo lhe ia magnífico. A voz, às vezes arrastada era tão natural, o frenesi tão original, as reflexões sobre a honra tão justas, que o elevaram aos Alpes da admiração. O Sr. Furtado Coelho (*General*) ainda não era conhecido nestes paíes. Foi uma nova aparição—e tão brilhante!

O entusiasmo, as palmas, os bravos! Que mais quereis artista?! e por cima de tudo isso, teu nome em cada coração!

(Jornal do Recife, de 15 de Abril de 1863.)

LXXII.

O Sr. Furtado Coelho, depois do papel do *General* que desempenhou na mesma comedia, foi proclamado unanimemente, por credulos e incredulos, o genio da arte dramatica, e o mais perfeito e sublime actor que tem pisado na scena brasileira.

Silencio! Abram campo ao talento que passa triumphante e laureado para o caminho da gloria! Mais um nome immortal para a historia dos grandes homens, e dos grandes genios que ennobrecem e divinizam a especie humana.

Quando tão luminosos astros brilham no seio do genero humano, mais nos convencemos da existencia da divindade, pois que só della é que póde dimanar o perfume e a graça com que se enfeitam as suas privilegiadas creaturas.

(Jornal do Recife, de 23 de Abril de 1863.)

O VISCONDE.

NO DRAMA—*OMPHALIA*—ORIGINAL BRASILEIRO DO SR. QUINTINO BOCAYUVA.

LXXIII.

Pelos nossos theatros nada se passa de novo: sabe-se somente que está para subir á scena o drama *Omphalia*, devido á penna de um distincto escriptor brasileiro.

Será mais uma occasião de apresentar-se o magico talento do grande actor que dirige o theatro das Variedades, o Sr. Luiz Candido Furtado Coelho.

(A Legenda, de S. Paulo, de 1 de Agosto de 1860—Correspondencia de Rio de Janeiro.)

LXXIV.

Furtado Coelho, o artista elegante e natural por excellencia, o actor, discipulo de si mesmo, e cujo talento flexivel, e cheio de poderosa seiva, sabe dar relevo aos papeis mais difficeis e originaes, Furtado Coelho distinguio-se de um modo surprehendente na interpretação do character extranho do *Visconde*. É uma das suas mais felizes creações scenicas. Houve momentos em que pela intonação vigorosa da phrase, energia eloquente do gesto, e profundo sentimento da linguagem, o seu genio, abrasado no fogo sagrado, transportou o espirito dos verdadeiros apreciadores, dos athenienses presentes, para servir-me de uma designação recente de F. Octaviano, ás mais elevadas alturas da idealidade artistica. Furtado Coelho é, folgamos de repetir-o, um artista que, pelo seu talento dramatico, honra com distincção a sua patria, e rivalisa com as maiores grandezas litterarias de Portugal.

(A Civilisação, de Santos, de 27 de Outubro de 1861).

LXXV.

Teve lugar ante-hontem a reentrada no nosso theatro da companhia dramatica sob a direcção do Sr. Furtado Coelho, com a exhibição do magnifico drama em 7 quadros—*Omphalia*—producção do illustrado brasileiro Quintino Bocayuva.

A respeito do drama e sua representação, chamamos a attenção do leitor para o que em seguida publicamos, escripto por um nosso amigo que assistiu a essa representação:

«Ainda sob a impressão agradável do effeito que em mim produziu a exhibição do drama *Omphalia*, vou escrever, ao correr da pena, o que é esse drama, e qual foi a sua execução.

«*Omphalia*, como drama, é uma concepção sublime; elegancia de linguagem, belleza de phrase, lances dramaticos arrebatadores, tudo se encontra nelle; como peça litteraria, ella honra as letras

do Brasil, e por si só constitue a reputação de seu author.

«Assim é, que os expectadores que assistiram na noite de 19 á representação desse drama, julgam e julgam com aquella calma que vem após o entusiasmo do que se vê, bello e grande, extasiando o coração.

«O Sr. Furtado Coelho, mostrando no papel do *Visconde* todos os seus recursos como artista, e como moço illustrado, firmou seu nome; a principio o *Visconde* dissoluto, o homem cynico, luctando com a *Baronesa*, com essa mulher de espirito forte, de uma corrupção de sentimentos a toda a prova, nesse luctar terrivel, do vicio contra o vicio, nessa depravação de costumes e habitos da grande sociedade, e mais tarde na redempção de seus sentimentos, quando, tocado pela mão da providencia, se rehabilitou aos olhos dessa mulher, aos olhos de seus amigos, apresentando-se como homem de bem, a par do honrado Dr. Eduardo, houve-se o Sr. Furtado Coelho na altura de consumado actor; enriqueceu-se ante o publico, deve tel-o tambem feito ante a sua consciencia, cravando assim no trilho do seu progresso artistico um marco que attestará, nos fastos do nosso theatro, o seu glorioso triumpho na interpretação desse papel, e pelo qual se assignala a communhão das intelligencias do dramaturgo Quintino Bocayuva e do artista Luiz C. Furtado Coelho.

(O Commercial, de Rio Grande do Sul, de 21 de Junho de 1862).

LXXVI.

O theatro brasileiro conta muitos vultos talentosos. Não teve um Shakspeare para creal-o, e dar leis ao gosto e ao seculo, mas a escola dramatica portugueza servio-lhe de modelo. É, talvez, o ramo litterario mais culto em Portugal.

Apoz Magalhães que fez apparecer *Antonio José*, e que deu a se nha aos novos crusados da arte dramatica, veio a brilhante pleiade de Macedo, Alencar, Pena, e, finalmente, Quintino Bocayuva, alem d'outros. *Omphalia* é, talvez, a melhor producção do theatro moderno brasileiro. Rica pela idéa que faz seu fundo, dicção castigada, immagens abundantes e serias, pathetico e sublime, gosto e eschola.

Omphalia é ainda a historia da seducção do homem pela mulher a ponto de arrojalo nas ruinas da sua honra; e, depois de satisfeita sua vaidade, o desprezo e o cynismo.

O homem morre depois da luta. O amôr concentra as faculdades,

aspirações e idéas de um moço; neste nó vital assenta a esperança da felicidade, affagada com ancia, como a morte, se o desprezo a trahir. No dia do desengano a vaidade pôde contar uma victima ou mais.

A mulher cortezã é o typo principal da peça. É como na fabula, (Omphale que tem a seus pés Hercules) a mulher que, auxiliada pela sua belleza e vaidade, pisa sobre um coração puro e o repouso de uma familia. É o retrato da Baronesa. Jorge é sua victima, é o novo André Roswein. O Dr. Eduardo é o protector de Jorge, que não consente que elle se case com uma cortezã.

Mas este moço despreza tudo, conselhos, lagrimas de sua mãe, honra e fortuna, para viver—Hercules impotente—aos pés da Baronesa. Mas o Visconde que se regenera, (considerando na infamia desta mulher e da sua *coterie*) mostra a Jorge, que se tem casado com ella, que elle é deshonrado. O desespero e a deshonra o matam, e a vergonhosa Baronesa pede perdão e arrepende-se.

É o lugar em que pecca o drama. *Omphalia* devia ter sempre a seus pés *Hercules*. Ella devia cantar, cynica, a victoria sobre o cadaver de sua victima, para reproduzir o quadro do vicio triumphante na sociedade, e a historia dos amores fortes, como a morte, no dizer da escriptura. Entretanto como as *Omphalias* pôdem arrepender-se de seus vaidosos triumphos, o Sr. Quintino Bocayuva deu-lhe esta solução, que aliás agradou assaz. Nisso «*Dalila*» de Feuillet, está acima de toda a concepção. O preparador da peripecia é o visconde que, trahindo-a, fal-a arrepender-se pelo mal que tem causado; e o nó do drama se firma na resistencia do Dr. Eduardo e da familia de Jorge á união deste com a Baronesa.

O Sr. Furtado Coelho, no Visconde, esteve magnifico. A sua ironia fina, a sua mudança foram cabalmente executadas. E o gesto, o riso, a mimica? Oh! que talento!

No 3.º acto quando elle começa a historia ironica da Baronesa, é de um merito superior.

(Jornal do Recife, de 22 de Abril de 1863).

FRANCISCO VIEIRA.

NO DRAMA—O PODER DO OURO—ORIGINAL PORTUGUEZ DO SR. JOSÉ MARIA DIAS GUIMARÃES.

LXXVII.

O poder do ouro é a historia philosophica do dinheiro. impondo leis, e acabando por ser derrubado, como tudo quanto é falso.

Um fidalgo (feito por dinheiro) deshonra a filha de um official carpinteiro e a despreza; ridicularisa seu pai, raciocina sobre o seu poder, e zomba da justiça, da consciencia e de Deos.

No 1.º acto, seducção; o ouro encanta a aldeã. No 2.º o fidalgo insulta o pai e a mulher deshonrada. No 3.º o pai desta está miseravel e o filho o salva. No 4.º o filho vinga a honra da irmã, matando o deshonrador. Nisto é que pecca o drama. Quereríamos ver o crime e o vicio expiados pela consciencia, este instrumento infallivel de expiação, que a divindade deu para supprir as lacunas da justiça social.

O Sr. Furtado Coelho caracterisou muito bem a impudencia e a insolencia. No 2.º acto, quando elle raciocina sobre *o seu poder*, é bello!

(Jornal do Recife, de 20 de Maio de 1863).

LXXVIII.

Francisco tem um peito de bronze; ali não reperceute ao menos o êcco de um sentimento nobre e generoso; ha uma só corda que vibra por todas, é a da negra e desenfreada ambição que *não olha a meios comtanto que consigu os fins*.

O Sr. Furtado Coelho desempenhou este papel com a mestria incontestavel que todos lhe reconhecem. Vemol-o, seductor indigno, desvairando com promessas brilhantes de sedas e joias, e por ultimo com a magica palavra—*casamento*—a môça inexperiente, e creada sob a benéfica influencia da virtude, que aformoseava o lar paterno; e o *ouro*, ainda mal! triumpho, lançando indelevel nodoa em uma familia honrada.

Filho ingrato e desnaturado, ostenta para com o pae, que aborrece, toda a insolencia de seu espirito, e uma dureza e uma perversidade taes, que nos fazem horrorisar do character do homem que representa, ao passo que nos labios expontaneamente rebentam brados de adinração pelo exinio artista, que tão bem traduz os mais sublimes, como os mais abominaveis sentimentos, que no coração do homem podem germinar.

É notavel a audacia, o desfaçamento com que arrosta a colera e a indignação de *Joaquim Ribeiro*, quando este, vindo pagar o aluguel, pelo qual *Francisco Vieira* lhe tinha mandado fazer uma penhora, dá de rosto com a filha de quem mais não soubera, e reconhece o vil

roubador da sua honra, da sua tranquillidade, no filho do seu amigo *Manoel Vieira!* E o requintado cynismo com que no 4.º acto apresenta ao *Marquez do Seixal* a obrigação falsa de cem contos de reis! É magnifico! Mas em breve, mudadas as scenas com a apparição do irmão de *Margarida*, que confunde e convence de falsario e ladrão o seductor de sua irmã, quando este forçava a filha do marquez a assignar a escriptura de casamento, admiramos-lhe então a confusão, o despeito, a raiva impotente, como pouco depois a baixesa e indignidade com que de novo se prostra aos pés de *Margarida*, e procura, fazendo-lhe vibrar a corda da compaixão, haver ás mãos, por meio d'ella, as provas dos seus crimes, com a fallaz promessa de ainda reparar a deshonra da triste!

(Diario de Pernambuco, de 20 de Maio de 1863).

LXXIX.

O Sr. Furtado, como sempre, manifestou a naturalidade, o talento, o genio, que o assistem nessa sua arena de glorias.

Seu papel éra o mais odioso do drama; talvez o unico odioso. Representava o *poder do ouro*, symbolisado em um individuo impudente, cynico, immoral, que comprava a honra com dinheiro illegitimamente obtido; que do ouro fiséra constituir a sua divindade, e que, finalmente, com elle entendia comprar, dominar o mundo.

Apreciava-se o actor-genio, mas repellia-se o papel que elle representava. O merito artistico sobressahia, não obstante tudo, porque a expansão do talento é uma luz que se derrama fulgurante, sempre, sejam quaes forem as condições em que elle se ache.

Recitaram-lhe uma linda poesia. O homem esteve sublime.

(O Paiz, do Maranhão, de 20 de Maio de 1863—Correspondencia de Pernambuco).

ALBERTO VIDAL.

NO DRAMA—O ACTOR—ORIGINAL PORTUGUEZ DO MESMO SR. FURTADO COELHO.

LXXX.

A execução do drama ensaiado e representado por seu author,

não podia deixar de corresponder ao que se tinha esperado. O Sr. Furtado interpretando a sua obra, deu-lhe se é possível mais vida e realce. *Alberto Vidal*, nos momentos de enthusiasmo e desgosto pela sua arte, e maneira porque em parte a exercem; na descripção do amor ardente que lhe abrasava a alma pela filha do conde de S. Roque; na nobresa com que, em casa deste, lhe pedia a filha, e repellia a afronta que se lhe pertendia fazer com o nome de—actor; nas angustias de um mal phisico e moral, que o levou á sepultura no 4.º acto; nos salutaes conselhos que dava á actriz novel, mostrou toda a pericia de um artista, todo o conhecimento que tinha da sociedade, e da importancia da missão de um verdadeiro actor dramatico. Ora arrebatando, ora impressionando, arrancando aqui um *bravo*, ali fasia correr uma lagrima!

Alcançou um verdadeiro triumpho nos applausos que lhe deram, e firmou uma reputação merecida para o seu drama.

(O Commercio, de Pelotas,—Provincia do Rio Grande do Sul,—de 1 de Junho de 1862).

LXXXI.

No domingo levou a companhia dramatica o drama—*O Actor*—do seu director o Sr. Furtado Coelho.

É, em nosso pensar, o melhor trabalho litterario que temos visto do Sr. Furtado Coelho, e ao qual elle póde ufanar-se de dar o seu nome.

O drama foi muito applaudido, já pelo merito da composição, já pela execução do Sr. Furtado Coelho, a qual foi primorosa.

Ao descer o panno, no ultimo acto, o publico chamou á scena o talentoso e sympathico artista, victoriando-o com a mais merecida e justa ovação.

Entendeu elle que não devia excluir do seu triumpho os seus companheiros de arte que o coadjuvaram na exhibição de sua obra, e os appresentou, os principaes, em scena, onde lhes concedeu o publico os applausos de que se fizeram. dignos por si, e pela recommendação tacita de seu sympathico director.

Repete-se amanhã o mesmo drama. Deixar de apreciar esse trabalho, a mais de um titulo, digno de consideração, seria seguramente um delicto de lesão—hom gosto.

(O Mercantil, de Porto Alegre—Rio Grande do Sul—de 5 de Novembro de 1862).

DR. EDUARDO.

NA COMEDIA EM 4 ACTOS—O DEMONIO FAMILIAR— ORIGINAL BRASILEIRO DO DR. JOSÉ DE ALENCAR.

LXXXII.

O Sr. Furtado Coelho no papel do *Dr. Eduardo*, do *Demonio Familiar*, sustentou a gravidade e siseudez daquelle character, rematando brillantemente com o epilogo da obra, quando se dirige ao publico e lhe appresenta a moralidade das scenas que nós acabavamos de applaudir.

O Sr. Furtado Coelho tem um aspecto tão insinuante e agradável, maneiras tão delicadas e polidas, um modo de diser tão doce e suave, que para logo adquire as sympathias e affectos de todos que o contemplam e o communicam, e depressa conquista os foros de homem bêm educado, e de perfeito cavalheiro.

(Jornal do Recife, de 4 de Maio de 1863).

PAULO DIDIER.

NO DRAMA FRANCEZ—LUCIA DIDIER—TRADUCÇÃO DE ***.

LXXXIII.

Furtado Coelho já não é o *cavalheiro Carnioli*, folgasão e stroina, para quem o casamento é a morte, e que ri de tudo e de todos; é, sim, o homem em familia, marido e pai ao mesmo tempo, em quem tudo revella o opposto áquelle.

Paulo Didier é creação sua, e nada deixa a desejar; por quanto nenhuma palavra ha neste drama que demonstre o valor do artista, se elle não tiver o sentimento ao coração, e, penetrando o intimo do author, descortinar ao publico as sensações por que deve passar o homem em iguaes actos.

Confronte-se esse artista na *Dalila* e na *Lucia Didier*, e conhecer-se-ha o seu immenso valor, pois tudo n'elle revella até os mais pequenos requisitos necessarios ao bom artista.

(Diario do Pernambuco, de 18 de Março de 1863).

LXXXIV.

A scena do baile, no drama—*Lucia Didier*—em que *Paulo* aponta aos circumstantes sua esposa adúltera, é inimitavel, é bastante para fazer a reputação de um actor.

(Diario de Pernambuco, de 21 de Março de 1863).

LXXXV.

Esse drama tão simples teve um effeito prodigioso.

O talento dos actores é uma força que engrandece a acção do drama. O Sr. Furtado Coelho esteve acima de todo o elogio. O seu talento é de uma força prodigiosa. Como suas transições eram soberbas! Que attitude nas situações! Que comprehensão rapida dos effeitos patheticos! Diser que é um grande artista, é um pleonasmõ. Quando elle leu, no segundo acto, a carta que explica sua deshonra, subio ao nivel da grandesa moral da scena.

Sua attitude foi magnifica; sua voz verdadeira, tudo, tudo era irresistivelmente bello. Quando elle diz: «*Lucrecia morreu, e Lucia ainda vive!*»—essa ironia á face de uma victima que o ama sem elle saber aonde está o vicio, é gigantesca. Quando elle muda repentinamente de character ao entrar *Sarzane*, e lhe offerece o braço de *Lucia* para a quadrilha, é sublime, sobretudo pelo movimento. Quando *Lucia* pergunta—lhe por sua filha, e elle lhe diz que ella está onde se ensina a amar a virtude e respeitar seu sexo e honra, é tudo.

O Sr. Furtado Coelho, para dizer tudo, tem tantas sympathias e palmas quantos os corações que o ouvem.

(Jornal do Recife, de 21 de Março de 1863).

MAURICIO FEDER.

NA COMEDIA EM 5 ACTOS—A REDEMPÇÃO—DE OCTAVE FEUILLET; TRADUCCÃO DO SR. E. A. ZALUAR.

LXXXVI.

O Sr. Furtado Coelho brilhou, como sempre. Quando elle disse a *Matheus*: *Pois é verdade, amo-a, e então?*—onde a precipitação da falla

é devida á febre que o agita; quando contou a historia de Margarida, quem não vio o *Carnioli* contando a morte de Amelia, e fazendo chorar os expectadores? A commoção fez chorar quando elle disse: *estava morto! perdêra o ultimo suspiro na derradeira canção!*—e finalmente quando elle com surda voz, no 5.º acto, diz: *não, não foi a morte; foi o amor, a vida, a salvação. Sé feliz, pobre anjo!*... Sublime! A mimica ahi foi perfeita. Seria preciso não ter alma, para deixar de olhar estas bellezas.

(Jornal do Recife, de 30 de Maio de 1863).

LXXXVII.

«Mauricio Feder» desde o prologo do drama excita o interesse pelo seu character honestissimo, que para logo se patenteia. Os sentimentos nobres, virtuosos, a linguagem modesta e digna, a naturalidade, a graça perfeita, os impulsos da paixão que a Magdalena consagra, com mão de mestre sopeados, até ao momento em que se lhe admira a explosão magnifica dos affectos d'alma, que por uma duvida cruel, máu grado seu continha,—tudo é arrebatador. Dizendo que o Sr. Furtado Coelho se inspirou do papel de «Mauricio», inutil é accrescentar uma palavra ácerca do respectivo desempenho. O publico, em cujo espirito se vai gradualmente innoculando o gosto pelas bellezas da arte moderna, tem já formado o seu juizo a respeito de tão insigne artista.

(Diario de Pernambuco, de 30 de Maio de 1863).

LXXXVIII.

«Mauricio» Feder attinge o sublime no ultimo acto, e extasiou e enthusiasinou por tal forma a assembléa, que esta rompeu em palmas e bravos prolongados, interrompendo por muito tempo a execução da scena.

(Jornal do Recife, de 3 de Junho de 1863).

ANTONIO FERREIRA.

NO DRAMA—*UM MYSTERIO DE FAMILIA*—ORIGINAL BRASILEIRO DO SR. DR. FRANKLIN TAVORA.

LXXXIX.

Tivemos depois o drama em trez actos—*Um mysterio de familia*—;

do distincto academico o Sr. Franklin Tavora. Esta representação era anciosamente esperada por quantos admiram no joven *poeta, romancista, e dramaturgo*, um brilhante talento, que promete tornar-se em breve uma das glorias do imperio de Santa Cruz; e a rapida extracção que teve a primeira edição do drama, patenteando a benevolencia com que foi recebido, augurava ao estudioso author um acolhimento benigno, lisongeiro, uma noite brilhante, memoravel, uma ovação esplendida, completa e bem merecida. Ainda bem que a realidade foi acima de toda a expectativa. Por sua parte, os artistas, em geral, compenetrando-se dos seus respectivos papeis, concorreram poderosamente para augmentar a gloria do author.

O Sr. Furtado Coelho esteve magnifico como sempre. Sob cada aspecto diverso que se appresenta, o publico vê constantemente o fulgurar scintillante do genio. *Antonio* é um mancebo honrado, amigo dedicado e sincero, que mede os alheios sentimentos pelos seus, e não pôde crer na perfidia.

Quando o *Dr. Carlos* o sensura pela sua demasiada boa fé, e accusa *Julio* de ter deshonorado *Amelia*, como é bello o accento de profunda convicção com que elle lhe responde: *Doutor, não o acredito; é impossivel!* . . . E depois a sua commoção ao ler o bilhete pela irmã dirigido a *Julio*, e que casualmente cahira em poder do *Dr. Carlos!* No segundo acto, ao sahir do quarto em que, occulto, presenciára a entrevista de *Amelia* com *Julio*, como é fina a ironia, e penetrante o sarcasmo, com que em cada palavra verbera a corrupção, a immoralidade do seculo!

Findo o drama, foram conjunctamente chamados á scena a companhia, e o author o Sr. Franklin Tavora, que apparecendo ante o publico foi entusiasticamente victoriado.

Recitaram-lhe poesias os Srs. Belmiro Salgado, Tiburcio Vellasques, e Virgilio Palmeira, todos saudando o joven dramaturgo, e dando-lhe o animador brado de *avante!* Depois o Sr. Furtado Coelho em seu nome e no de toda a companhia, offerceceu ao author uma mimosa coroa de flores com que lhe cingio a fronte.

Scena bellissima! Um poeta, um dramaturgo, laureando outro dramaturgo, outro poeta! Dous filhos da gloria, um já trilhando affeito, a passo firme, a senda da immortalidade, outro principiando a mesma carreira á sombra dos mais favoraveis auspicios!

Um, aguia gigante, fendendo o infinito do espaço com suas vigorosas azas, acena com horisontes de ouro e azul ao outro, aguiasi-

nha ainda tímida, mas a quem não assusta a missão de affastar-se da terra, remontando-se ás maiores alturas!

(Diário de Pernambuco, de 11 de Junho de 1863).

LXXXX.

O Sr. Furtado representou o caracter do pobre cheio de desgraças; a physionomia e a mimica foram sublimes.

(Jornal do Recife, de 12 de Junho de 1863).

DESGENAIS.

NO DRAMA—AS MULHERES DE MARMORE—DE THED: BARRIERE; TRADUÇÃO DE * * *

LXXXXI.

«Desgenais» conhece essas mulheres; são demonios que teem chifres e garras; estragam a alina que occupam, e matam o genio que as adora.

Um bello talento artistico soube desempenhar este papel que é sua face caracteristica. A força das reflexões, o espirito humoristico, a dedicação e o amor pelo bello e pela verdade, eis o papel que o Sr. Furtado Coelho soube representar com todas as côres locais. A scena do 3.º acto, quando elle quer tirar seu amigo das garras da leoa, foi o que ha de mais sublime.

«*Pylades está cansado de aconselhar Orestes.—Não sou Desgenais, chamo-me a opinião publica: Rafael Didier não te conheço mais!*» sublimes palavras recitadas com alma, com acção, com arte e com verdade.

(Progressista, de Pernambuco de 28 de Julho de 1863).

LXXXXII.

Ao Sr. Furtado Coelho coube o papel de «Desgenais». Lamentamos que a nossa platéa não esteja toda na altura do talento do Sr. Furtado Coelho.

Amar a arte pela arte é nobre e digno de uma alma elevada. Artista pelos impulsos do coração, o Sr. Furtado Coelho não pode esquivar-se á sina, que Deus lhe escreveu na fronte e que o impelle sempre alem por caminhos de triumphos e de ovações. Parece possuir na alma uma pedra de toque em que experimenta todos os corações para possuir-se de todos os sentimentos, que tumultuaram na alma dos personagens que elle representa. Sua intelligencia é um espelho em que a natureza humana se reflete em todos os seus trances. O talento tem a sua aureola de sympathias e de admiração. Que o grande artista prosiga no seu caminho de glorias. Nós, que o vemos passar, nos descobrimos e saudamos de todo e coração.

(Jornal do Recife, de 29 de Julho de 1862).

THEATRO DAS VARIEDADES.

(RIO DE JANEIRO).

LXXXXIII.

THEATRO DAS VARIEDADES.—Abre hoje as suas portas, trabalhando a companhia organizada pelo Sr. Furtado Coelho. Com o talento e vontade de que dispõe, pôde o Sr. Furtado dar á companhia que dirige um character de arte e progresso; os seus esforços devem merecer o apoio publico.

Compõe-se o espectáculo do drama de Octave Feuillet—*Dalila*, e da comedia *Bertha de castigo*.

(Diario do Rio de Janeiro, de 8 de Abril de 1860).

LXXXXIV.

THEATRO DAS VARIEDADES.—Um factio artistico digno de apreço e louvor nos persuade a dar-lhe hoje o primeiro lugar, inaugurando-nos assim com uma inauguração.

Verificou-se, emfim, domingo a primeira representação da companhia dramatica que, com o titulo de *Theatro das Variedades*, estabeleceu-se em S. Januario, sob a direcção do Sr. Furtado Coelho, seu empresario e ensaiador.

Dalila foi o drama escolhido para a inauguração da nova companhia dramatica, e á fé que a escolha foi condigna do acto da abertura de uma empresa, a que parece presidir mais o sentimento artistico, que o espirito mercantil.

Dalila é a obra prima da moderna litteratura dramatica, e ao mesmo tempo a prova mais eloquente do talento e gosto com que escreve o seu author, em um assumpto que parecia aliás esgotado nas *Mulheres de Marmore*, e no *Mundo equivoco*.

Sob a forma popular do drama, Octave Feuillet offerece-nos conceitos, exhibe-nos thesouros de pensamento, e semêa bellezas de lin-

guagem peregrina, cuja simples recitação fôra sufficiente para entreter e prender uma platéa intelligente e illustrada.

Assim vestido o assumpto, que é demais tratado com mão de mestre, o drama *Dalila*, no andamento e progresso da representação, vai assumindo aos olhos e no espirito do expectador um interesse vivissimo até á suprema altura do pensamento e da expressão do philosopho e do poeta.

Assistimos á primeira representação, e confessamos que em mais de um momento tomou-nos o enthusiasmo, mas aquelle enthusiasmo que não applaude externamente, que se concentra em si mesmo, com medo de que a propria explôsão lhe prejudique a plenitude do goso intimo, tão exclusiva, tão egoista ás vezes, que chega a revoltar-se contra o applauso estrondoso que o priva de parte d'aquillo que o produz.

Damos desde já ao Sr. Furtado Coelho os mais sinceros e expansivos parabens pela brilhante inauguração do seu *Theatro das Variedades*, titulo modesto que ficou áqueum da importancia da sua primeira exhibição artistica.

Temos fé no *Theatro das Variedades*, na sua companhia que não desmerece, antes excede em parte as já conhecidas, e principalmente no talento e gosto do artista que a dirige.

Assim saiba o publico corresponder com o seu concurso e animação aos primeiros e bem succedidos esforços do Sr. Furtado Coelho, que parece destinado a prestar realmente serviços á arte, a que com tão brilhante resultado se dedicou.

(Diario do Rio de Janeiro, de 11 de Abril de 1860).

LXXXV.

Ô THEATRO DAS VARIEDADES:—É um livro que se abre, deixando ver na sua primeira folha a esperança de um poema cheio de bellezas!

É um infante que se enfeita mimoso, em cuja cabeça pousa o desejo de proseguir, e o futuro promete-lhe uma aureola triumphal!

É uma flor apparecendo a sorrir por entre os vergeis da arte, expandindo já no seu embrião perfumado aroma!

E o poema se rasgará humido pelo esquecimento si o publico o não buscar soletrar constante!

E o infante trocará as brancas vestes que traja pelos andrajos da

indifferença, se o publico lhe não der a mão, louvando-o, e animando-o á posteridade.

E a flor morrerá, será crestada, inanimada, perderá o perfume e cahirá com o arbusto se lhe faltarem os raios do sol da animação, ou o orvalho do applauso.

É assim que se appresenta o *Theatro das Variedades*, estabellecido em S. Januario.

Não é um templo onde as paredes se vão demolindo pouco a pouco, e as alphas e os thronos estão cobertos do lixo do abandono, da especulação ou da avaresa!

É um novo altar aonde os filhos não degenerados da arte, desviam os espiritos da estrada, por um unico impulso—o amor da gloria—pertendem conservar-lhe todo o prestigio.

A companhia que hoje abrilhanta o palco de S. Januario, erêmos ser a primeira depois da remota empresa do artista João Caetano dos Santos; é composta dos Srs. Furtado Coelho seu empresario e director, da Sr.^a D. Eugenia Camara, D. Theresa Martins, D. Clotilde, Souza Martins, Corrêa Vasques, Victorino, Cyriaco Salles Guimarães, Pimentel, & c.

O Sr. Furtado Coelho é o actor já conhecido, cheio de triumphos colhidos á custa do estudo. Intelligente como é, promette restaurar ainda mais a escola moderna, que por ser nova, cedo está em decadencia.

(Correio da Tarde, de 12 de Abril de 1860).

LXXXVI.

THEATRO DAS VARIEDADES.—Com rasão nos disse quinta-feira a illustrada redacção do *Diario do Rio*, a proposito da representação do drama—*Dolita*—neste theatro, que o Sr. Furtado Coelho tinha vindo continuar a *tradição perdida* do bom gosto e do acerto em materia de arte dramatica.

Ha muito, com effeito, que não vemos em nossa scena um drama tão primorosamente montado: a tradição de bom gosto e do acerto tinha-se com effeito perdido; e não é já pouco que, logo na primeira representação do *Theatro das Variedades*, o Sr. Furtado Coelho viesse continual-a com tão brilhante succedimento.

(Correio Mercantil, do Rio de Janeiro de 15 de Abril de 1860).

LXXXVII.

Mas essa sugestão se compensa, porque nós também somos obrigados a dar-lhes conta do que se passa na capital. Reconhecendo esse dever, apresso-me em communicar-lhes que foi saudada com verdadeiro praser a inauguração do *Theatro das Variedades*, e que de dia em dia se faz mais justiça ao seu intelligente empresario—Furtado Coelho.

As representações do drama de Octave Feuillet—DALILA—vieram justificar as esperanças que se conceberam, quando se soube da formação de uma companhia dramatica sob a direcção de um artista de talento, que é ao mesmo tempo um homem de gosto delicado.

[Correio Mercantil, de 19 de Abril de 1860].

O ACTOR.

COMEDIA-DRAMA EM QUATRO ACTOS POR L. C. FURTADO COELHO.

JUISOS CRITICOS E OPINIÕES.

LXXXVIII.

O THEATRO E O ACTOR.—De todas as distracções admittidas na sociedade, o theatro é incontestavelmente a mais util, por isso que é uma escola de moral, apesar de todo o stygma que sobre elle descarregam. O drama é uma verdadeira escola pratica de moral, um dos estudos mais profundos do coração humano, o que lhe tem valido a reprovação da parte daquelles, a quem elle, em suas sabias lições, procura moralisar,—dos hypocritas que o repellem porque directamente lhes vai chegar.

O drama é a reprodução de todos os sentimentos, das mais intimas scenas da vida social; é o quadro vivo do crime e da virtude, da honra e da infamia, do egoismo e da generosidade.

O drama é uma escola verdadeira, em que só ha de falso o juizo de muitos contra aquelles que a professam. Ha muita gente que por sua posição ou occupações, não podendo praticar certos circulos, ou entregar-se a um estudo aturado da sociedade, vão n'elle, durante algumas horas, aprender na pratica, o que talvez lhe não ensinassem longos annos de theoria.

E que theorias! . . . Falsas, acobertadas com o manto das conveniencias, escondidas sob falsas distincções de classes, subjugadas pelo poder phantastico do seu oiro, e que lhes difficultaria o estudo das misérias humanas, se de todo o não paralysasse.

No theatro, porcm, aonde essas considerações não podem subsistir, porque o dramaturgo as não questiona, quando precisa encadear uma scena, e achar um lance para o seu drama, um desenlace em accordo com as idéas e a acção que tem desenvolvido,—no theatro desaparecem as difficuldades que podiam obscurecer a ver-

dade, e a virtude apparece em todo o seu splendor, o vicio debaixo de toda a hediondez, sejam quaes forem as classes em que se encontrem; embora a virtude brilhe por entre os andrajos da miseria, embora o vicio se envolva e pertenda esconder-se na purpura dos Cezares.

E é por isso que muitos condemnam o theatro.

Não querem saber, nem discutem se o theatro é ou não é um bem, se sua acção influe ou não no engrandecimento dos povos. Não querem comprehender que pela intelligencia dos artistas de uma companhia dramatica, pela grandesa e elegancia de um theatro, calcula o estrangeiro o estado de civilisação de um paiz, e o desenvolvimento que nelle teem as artes, esse poderoso agente do progresso de um povo.

Entram nesse templo como profanos, sem comprehenderem seus actos, porque é moda, e confundem os sacerdotes da arte, dignos de tal titulo, com aquelles que por desgraça—como em todas as corporações apparecem—disvirtuam por si a classe a que pertencem.

Uma parte da sociedade, accusando o artista, como um ente sem moral, sem costumes, sem principios e até sem honra,—degradando-o e excluindo-o ás vezes de seu gremio, esquece que nas differentes corporações e instituições em que se divide a sociedade apparecem sempre desses entes reprobos, sem que todavia os repillam em face.

Ao contrario alguns até são por demais festejados, quando o mundo, se soubesse ser justo para com o vicio doirado, deveria procurar expurgar-se d'elle, stygmatisando-o.

Fazendo estas rapidas e ligeiras considerações sobre o theatro, é nosso intuito tratarmos do excellente drama—*O Actor*—e portanto iremos tomar nelle uma falla de *Alberto Vidal*, para fundamentar o que deixamos expellido:

«.....Qual a classe na sociedade que não conta em si homens indignos da profissão que exercem? Qual mais digno de censura, mais merecedor da execração de todos? O artista que, se se desmanda, só a si é nocivo, só a si prejudica e faz mal, ou aquelles cujas faltas recahem sobre extranhos, cujos erros são em prejuizo de terceiro, cuja incuria, cuja ignorancia, ou cuja torpesa lesam a sociedade em geral?!—Meu pai é jurisculto no tribunal de justiça, e delegado do povo na assembléa legislativa. Quantos não teem manchado a toga mentindo á justiça? Quantos deputados não tem cuspidido na face da nação, vendendo o seu voto a uma facção politica,

vou a um governo máo? E ò que são esses homens? O que é o militar que deserta das fileiras? o general que se vende ao inimigo? o padre que abusa do sigillo do confessorio? o medico que põe a preço a vida do agonisante? o juiz que mercadeja a justiça? o deputado que põe a sua consciencia em almoedá? o jornalista que especula com a sua opinião? o governo que só cuida dos *afilhados*, e se esquece do paiz?.. O que é toda essa gente? que nome lhes cabe? Que direito tem toda essa sociedade de admittir e considerar estes, para condemnar aquelles? Como é que ella se julga com o poder de abrir os braços a uns, para escarnecer na face a outros? Quem lhes deu a authoridade de censores? qual o tribunal competente? quem lhes deu lá a cadeira de juizes?—O unico tribunal, meu pai, é o da nossa consciencia; o juiz que nos condemna são os «nossos proprios actos». &c. &c.

Ousará alguém contestar alguma das sublimes verdades contidas neste trecho um dos mais bellos do *Actor*? Será falso que grande parte daquelles que occupam essas posições, apesar de seus erros, são sempre acatados, emquanto que o artista laborioso, o ente predestinado que dá uma forma, uma vida, uma luz sem igual ás creações brilhantes dos grandes genios, é, muitas vezes, apontado ao dedo, proscripto da sociedade, constituido *Pariá*, a pretexto de que sua classe está degradada? E por que não pesa o mesmo anathema sobre as outras, quando tão altamente bradam seus escandalos? Por que os desvarios de seus funcionarios não lhes ataca as bases? Porque para elles a consideração, e para o artista o desprezo ou a indifferença?

É porque nenhuma dellas póde, tão altamente como o *theatro*, apresentar aos homens os vicios de que estão eivados, as chagas que lhes cobrem o corpo, a gangrena que corrompe e destróe a sociedade!

É a arte que esmaga a omnipotencia do seculo, é o drama que sustenta os direitos do povo, é a sciencia que confunde a ignorancia! E pela arte fazem soffrer os seus adeptos! O nome de—actor,—quando hem applicado, é synonimo de—martyr!

Não o tornaremos extensivo áquelles que da arte fazem apenas um meio de vida, que nas suas fadigas procuram só um resultado que lhes satisfaça as paixões e alimente os vicios. Para esses a sociedade é tão justa, quanto ingrata para com os primeiros.

Estas considerações sobre o *theatro*, a arte e os artistas, em referencia á sua apreciação, deram ao Sr. Furtado Coelho a idéa nobre e

grandiosa de rehabilital-os, descrevendo em toda a amplitude seus principios, fins, e prejuizos—defendendo os primeiros e condemnando os ultimos.

O *Actor* do Sr. Furtado não é só um bello e excellente drama, é a escola verdadeira da arte, sua historia em todas as phases, um triumpho para a arte, e uma coroa de gloria para o seu author.

O *Actor* em sua essencia, é o que em geral são já hoje os artistas, ou pelo menos a maior parte; em sua construcção, o retrato moral da sociedade actual, com mui pequenas excepções. Na arte que o Sr. Furtado abraçou com enthusiasmo, por convicção, e afrontando de face os taes preconceitos, ressumbra a honra, a virtude, a educação e a magnanimidade, embora veja-se ella combatida todos os dias, por novos *condes de S. Roque*, que nem sequer teem, como o fidalgo respeitavel do *Actor*, a nobresa de sangue legada por longa serie de avós, e o coração de pae com que accede ao pedido de *Alberto Vidal* e de sua filha a *Condessinha*. Ha muitos da mesma opinião, com seus pergaminhos e riquezas, calcando aos pés o artista quando, como diz o *Actor* (na idéa) nem podem ser comparados com *qualquer actor digno desse nome*.

O *Actor*, com quanto verdadeiro e positivo em suas idéas, é escripto naquella linguagem florida e fluente que só pôde empregar uma alma verdadeiramente poetica, um poeta como o Sr. Furtado Coelho. No 1.º e 2.º acto, em que o author desenha uma por uma em todas as suas particularidades, as personagens que teem de formar o seu drama, apesar de longos os dialogos, teem todavia tanta vida e tanta luz, que o quadro anima-se e brilha por assim dizer, destruindo em parte a extensão de que a principio parecem ressentir-se.

Um dos grandes successos do poeta nessa composição, é a verdade com que traçou o character da *Baronesa*, da mulher do grande mundo, fidalga do accaso, calcando os pergaminhos do marido, e a dignidade da esposa, para alcançar o amôr do homem que, no justificado orgulho de sua nobre altivez, affrontava desdenhoso os preconceitos dessa sociedade *aristocratica*; procurando por todos os meios, na cegueira de seus torpes desejos, disputal-o a uma rival, que, naquella lucha de paixões e affectos, apenas entrava com sua alma angelica e pura, com um ramo de flores e um nome!

Que differença nos contrastes! que contraste nas intenções! que exactidão nos traços! que firmeza nas cores!

Incontestavelmente o *Actor* é uma das produções de maior vulto litterario, de mais merecimento, de mais alcance philosophico e so-

cial que figuram no theatro moderno portuguez, cujas obras primas nos são familiares. É um drama que bastaria a firmar de uma vez a reputação do seu author, se essa não existisse já.

O 3.º e 4.º actos, de scena em scena, de peripecia em peripecia, prendem o expectador exaltando-o até ao enthusiasmo, comovendo-o até ás lagrimas. É a lucta do artista com a sociedade, do homem com o coração.

A nobresa d'alma e de character d'*Alberto Vidal*, a dedicação e amôr de *Amelia*, os prejuisos aristocraticos do velho *conde de S. Roque*, a perversidade da *Baronesa*, a integridade de *D. João*, o amôr casto de *Helena*, e finalmente a reconciliação infelizmente já tardia de *Vidal*, estão desenhados com traços de mestre; estão animados com tão vivas cores que teem necessariamente de commover os mais estoicos, de fazer envergonhar os mais pertinazes e ralapsosem questões d'arte e preconceitos.

O Sr. Furtado tocou delicadamente em quasi todas as chagas que desfiguram o nosso seculo, fez vibrar afinadas todas as cordas do coração, pôz em acertado jogo a lucta das paixões.

O *Actor*, só podia ser escripto por um actor, e um actor que dispondo dos recursos do Sr. Furtado, tivesse na sua vida direitos como elle a se constituir no lugar de *Alberto Vidal*.

Escrevendo a defesa da sua arte e da sua classe, o Sr. Furtado deixou entrever uma parte da sua vida, sua juventude em Lisboa, no centro de sua familia, fazendo parte dos circulos elegantes e instruidos de tão grande capital. O resto pertence ao drama, e o drama se curvou ante as exigencias de um bello desfecho, que não podia deixar de ser o que tanto nos impressionou.

O *Actor* é uma estatua de Canova talhada em marmore de Carrara. Analisal-o, pois, quem nunca o poderia pensar, seria uma tarefa tão ardua que por incapazes deixamos de continuar.

(O Commercio de Pelotas, Rio Grande do Sul, do 1.º de Junho de 1862).

LXXXXIX.

Domingo passado era o publico chamado ao theatro por uma grande novidade.

Era um drama novo que subia á scena, composto por um dos mais

felizes cultivadores da arte, e éra da propria arte que se tratava. Era emfim o *Actor*, do Sr. Furtado Coelho que se ia representar.

(Segue-se a narração do enredo da peça).

Tal é, em resumo, o enredo do drama—*O Actor*.

Mas o Sr. Furtado, a nosso ver, não quiz só escrever mais um drama; servio-se da forma para poder dizer á sociedade o que é a sua arte, e o que deve ser o artista.

O artista dramatico é o typo animado que deve imprimir na alma do povo as sublimes concepções dos grandes vultos da litteratura; nada ha nessa arte que obrigue o individuo que a exerce a ser des-honesto; nobilita-a é o dever de cada um, e se ha nella escoria como em todas as classes, cada qual procure extremar-se a si.

O Sr. Furtado quer arrostar no seu drama com o que elle mesmo arrostou.

Difícil é a tarefa, mas faz bem. É nobre, é digno esse proceder; pugna pela arte que abraçou, e nem seria digno dos sentimentos que lhe reconhecemos, se a não considerasse no ponto em que a tem.

(Correio do Sul, de Porto Alegre, de 8 de Novembro de 1862).

C.

ILL.M.^o AM.^o E SR. FURTADO COELHO.

A força das impressões de uma leitura mede-se pela do objecto que se leu.

Assim, passar pelos olhos a *Legenda* de V. Hugo é sentir fogo em brazas na cabeça e no coração; ler as *Paginas da juventude* de Lamartine, o velho cysne da França, que parece ter aprendido das brizas ou dos sylphos as harmonias dos campos, ou as orchestras das atmospheras para traduzil-as nos seus maviosos cantos,—ler Lamartine, o homem—poesia, o aecião que estudou no livro aberto da natureza os segredos dos sons e das melodias, e que verga a cabeça ao tumulto pelo peso das corôas de glorias que o engrinaldam—é pretender imitar o extremoso amante de Julia—a loura, nos seus colloquios nocturnos, nos seus passeios no lago, e até nas rudes conversações que encetava com os barqueiros, ao luar.

Eu li o seu—*Actor*—e senti-me tomado de tão serias impressões ao finalisal-o, que pretendi confiar ao papel algum pensamento a seu respeito. É uma especie de mania que me acompanha.

Mas, bem como os grandes prazeres arrebatam a alma até concentrá-la em um como extase de verdadeira contemplação, as grandes impressões que me sobrevieram apoz aquella leitura, obsorveram-me por algum tempo de semelhante guisa, que somente agora que já não são para mim uma novidade essas lindas paginas, por que o meu espirito, á força de contemplá-las, familiarisou-se com ellas, é que conheço-me capaz de expandir-me sobre o seu valor.

Se é possível que exista uma alma dentro de um livro, a sua alma inteira, meu amigo, toda flores de mocidade, toda chamas de sentimento porque é poeta, toda ulceras de martyrio porque é apostolo de uma arte, deixa-se ali perceber, desnuda de simulação, franca e verdadeira nos seus effluvios e expressões, como a physionomia candida de uma virgem.

As paginas d'esse drama não são apenas simples concepções de uma imaginação fecunda de dramaturgo, senão as revelações febris e sinceras do actor que faz da sua profissão o seu livro de Psalmos, e que nelle lê todas essas confidencias intimas, escriptas pela pena do sentimento, ensopada no sangue vivo das ulceras do coração.

Sem pretender por agora ampliar-me tanto, quanto as agradaveis impressões do seu trabalho me autorisam—objecto este para o qual me aguardarei com regosijo para uma occasião mais opportuna—não posso eximir-me de enviar-lhe esta, confiado antes no desejo de uma manifestação expontanea, do que na pretensão de julgar a obra de um author já conhecido pelos seus trabalhos.

Creia-o. É o amigo que felicita-o pelo bem acabado do seu—*Alberto*—o verdadeiro martyr do theatro, e pelo sympathico do character do seu *D. João*,—o fidalgo que «não duvidaria aceitar o cargo de regedor de uma parochia, se julgasse com isto prestar um serviço ao seu paiz». Estes dois typos salvariam com segurança o seu drama, quando elle já não merecesse um glorioso nome.

O ultimo acto inteiro, por si só, vale uma gloria. É a confirmação da pericia e do bom criterio do author de talento que reserva o brilho e o esmalte para a ultima de mão.

O sangue, que é a tinta com que se acha, em geral, manifestado o drama, é ahi vivo de mais para que deixe de sensibilisar até ás lagrimas os olhos do expectador.

Não é o author que escreve, é o actor que falla, que chora sentimento e dores nas suas palavras, que succumbe martyr pela religião da sua arte, como outr'ora os martyres do Christianismo pela religião do Sinai.

E aqui ficarei por agora. Dirijo-lhe esta para dizer-lhe que o apre-
ciei e admirei no—*Actor*.—Eu passaria sob a pressão de um pesa-
Jélio se não lhe revelasse esta opinião espontanea e franca.

Seu amigo e admirador,

FRANKLIN TAVORA.

Recife, 8 de Julho de 1863.

CORRESPONDENCIA.

CI.

ILLM.^o SR.—Tenho a honra de participar a V. S.^a, que tendo-se procedido hoje em assembléa geral da *Sociedade Propagadora das Bellas Artes*, á eleição do seu Conselho Administrativo que tem de funcionar no anno proximo futuro, foi V. S.^a eleito Conselheiro Supplente, e membro da Commissão de Redacção; o que lhe communico para seu conhecimento

Deos Guarde a V. S.^a Secretaria da Sociedade Propagadora das Bellas Artes no Rio de Janeiro em 8 de Dezembro de 1856.

Illm.^o Sr. L. C. Furtado Coelho.

F. J. BITTENCOURT DA SILVA,
1.^o secretario perpetuo.

CII.

MONSIEUR.—Vous me trouverez, sans doute, des manières un peu libres, vous voyant adresser une pareille demande par une personne qui n'a d'autres relations avec vous, que des sympathies.

Que voulez vous? Je suis ainsi fait! . . J'aime tout ce qui est beau, et j'admire le talent autant plus que mes faibles connaissances peuvent l'apprécier.

Bien que je ne sois pas Poete, j'éprouve un plaisir inexprimable en lisant la langue des muses. Heureux celui qui, comme vous, peut du Parnase, parler aux mortels le langage divin! . . .

En consequence, si vos occupations multiples vous le permettent, je vous serai extrêmement obligé, Monsieur, de me faire tenir une copie de la sublime composition musicale que vous avez executée. dimanche soir, au piano, avec tant d'expression artistique, dans votre jolie comédie nouvelle, intitulée:

Nem por muito madrugar amanhece mais cedo,

une de vos belles productions litteraires.

Continuez, cher Monsieur, et permettez-moi de vous dire, en ter-

minant, *sans flatterie aucune*, que tout décèle en vous un de ces génies supérieurs, capable d'augmenter le nombre de ces magnifiques brillants de l'imagination, qui ornent nos bibliothèques littéraires et musicales, dont Comoës, Racine, Rossini, et mille autres auteurs et compositeurs célèbres électrisent encore le cœur humain, comme vous l'avez fait l'autre soir, par votre romance et par votre brillante et très difficile Fantaisie exécutée sur le piano, avec l'urbanité et les bonnes manières qui vous distinguent.

Agréez d'avance, je vous prie, avec mes vifs remerciements, la ferme assurance de mon bien sincère attachement et de ma plus haute considération.

Votre tout dévoué serviteur,

P. B. D'ORNANO.

Rue de Bragança 170, Porto Alegre, le 18 Novembre 1857.

CIII.

ILLM.º AM.º E SR.—Se não se aborreceu na nossa anterior reunião, hoje teremos outra semelhante; traga-nos alguma composição sua.

Patr.º, am.º e cr.º,

CASTILHO.

S. C. Rio de Janeiro, 10 de Junho de 1859.

CIV.

ILLM.º SR. LUIZ CANDIDO FURTADO COELHO.

Meu artista.

Ahi vos entrego o meu—*Ricos e Pobres*—esperando vê-lo por vós recebido, como testemunho de quanto preso os vossos talentos artísticos.

Sei que, se vós protegerdes a minha obra, ella subirá ao grão que ambiciono; e que a haveis de amparar, sei-o eu já, por que ella, humilde, buscou as graças do artista, do poeta, do litterato, que em vós brilham com tanta rasão.

* Consul francez em Porto Alegre.

Todavia, se eu vol-a entrego no todo como vossa que é, ha com-tudo um pedido a que desejava ver-vos satisfazer. É o seguinte:

Quem fez *Luiz de Abreu* na Justiça, deve fazer o papel de *Leonardo* no meu drama. Perdoae se vos arredo do que mais desejarieis seguir, mas nem vós escolheis generos, pois em todos primaes, nem julgo eu que outro seja capaz de sustentar o cynismo d'aquelle caracter. Este favor é o unico que vos pede o amigo de ha muitos annos.

Meu amôr proprio faz-me sonhar já os triumphos de autor, não pela pobreza do meu—*Ricos e Pobres*—mas pelo realce que a vossa companhia lhe poderá dar.

O—*Ricos e pobres*—é vosso para todos os effeitos que vos possam convir. Desculpae a offerta, e aceitae-a como prova de meu respeito pelo artista que sois.

Vosso am.º compatriota e collega,

VALENTIM JOSÉ DA SILVEIRA LOPES.

Rio de Janeiro—Agosto de 1859.

CV.

FURTADO.—Os nobres da intelligencia e os peães d'ella nivellam-se quando o sentimento falla.

Recebe pois os meus emboras, não por teres hontem plantado mais um marco de gloria na tua carreira artistica, porque essa homenagem partida de mim, perderia de seu valôr; recebe-os sim pelas vi-vas sympathias que, como artista tens sabido grangear; recebe-os pelo jubilo com que a plateia inteira do theatro Gymnasio ligou-se hontem para te saudar.

Se me falta intelligencia para avaliar o artista, sobra-me coração para sentir sua gloria.

Teu amigo,

CAMILLO DE ANDRADE.

Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1859.

CVI.

S. Paulo, 15 de Abril de 1860.

FURTADO.

Retirei-me do Rio sem despedir-me de ti; não tive tempo com a pressa em que andei. Sei que tu me desculparás, por que sabes o que são vespas de viagem.

Soube da tua estreia no teu *Theatro das Variedades*; conheces que sou sinceramente teu amigo; não podia eu deixar de escrever-te para que conheças mais que não me esqueci de ti, e que foi para mim grande alegria vendo o triumpho que tiveste. Dou-te por conseguinte parabens, e desejo a maior prosperidade e gloria da tua empresa. È pena que esteja ainda tão distante o tempo em que tenha de ouvir-te.

Aqui trabalho ainda no drama—*O romance de um moço rico*; queira Deus que te agrade.

Aceita saudades de teu amigo muito sincero,
SALVADOR FURTADO DE MENDONÇA.

P. S. Sei que ensaias agora o drama—*O Romance de um moço pobre*; faço idéa do modo por que irás trabalhar.

Para diante sempre, meu Furtado; não desmintas o nome e a familia; coragem—que sempre achou admiradores o genio!

CVII.

ILLM.º SR.—Pela primeira vez que assisti á representação do drama—*Dalila*—fiquei fascinado pelo magistral desempenho da parte confiada a V. S.ª, e o meu entusiasmo levou-me a compôr essa poesia (Vide—POESIAS—CXXV) que tomo a liberdade de enviar-lhe.

Pretendia eu recital-a no theatro, porem a authoridade policial veio d'encontro aos meus desejos, vedando-me a manifestação do meu pensamento ali; quando este pensamento não era mais do que um encomio, ou, melhor dizendo, um feudo pago á arte, e ao talento.

Maravilhou-me este procedimento anti-constitucional, mas curvei-me submisso á ordem de repressão, e lancei mão do segundo meio que me restava, que era offerecer-lh'a.

Aceite pois V. S.ª essa pobre produção que se ressentem em demasia do acanhado talento de seu author, e que fica muito aquem de esboçar sequer o objecto que lhe deu vida.

Nem a lisonja, nem a adulação tiveram parte n'ella, e a maior prova é que nós, Sr. Furtado, nunca nos falámos; por tanto creia que as palavras que a compõem são a traducção fiel dos sentimentos do

De V. S.ª

Att.º Ven.ºr e Cr.º

DR. A. A. DE AZEVEDO LEITÃO E GOTHA.

Rio 29 de Junho de 1860.

CVIII.

FURTADO.—Envio-te um apertado abraço e minhas felicitações pela merecida ovação que hontem recebeste. Aceredita que ella me foi tão grata como se fôra recebida por um meu irmão de sangue, pois que pela alma comò tal me considero.

Parto neste momento para um perigoso ponto eleitoral, aonde o demonio da politica me leva; desculpa-me, pois, não ir pessoalmente diser-te adeos.

Teu do coração.

J. PEREIRA PINTO.

S. Paulo, Janciro 28 de 1861.

CIX.

ILLM.º SR.

Participo a V. S.ª que em sessão de 15 do corrente, foi V. S.ª nomeado Socio do Instituto Dramatico, tendo sido igualmente aprovado e bem recebido o seu drama—*Um episodio da vida*.

Deos Guarde a V. S.ª S. Paulo 28 de Junho de 1861.

Illm.º Sr. Luiz Candido Furtado Coelho.

CARLOS MARIANO GALVÃO BUENO,

1.º Secretario do Instituto.

CX.

ILLM.º AM.º E SR. DR. TAQUES.—DELEGADO DE POLICIA.

Eu, que como V. S.ª sabe, por que já tive a honra de lh'ò dizer, não tenho a meu cargo a administração externa do theatro, só hontem sube que a comedia «*Uma republica modello*» ainda não tinha a authorisação da policia. Ha mais tempo eu a teria enviado a V. S.ª se pudesse suppôr que tal descuido se daria por parte da administração do theatro. Esta comedia foi escripta expressamente para mim, e desejava merecer de V. S.ª a licença immediata, na certesa de que ella desenha costumes academicos, que em nada implicam com as exigencias da boa moral, e de todos os demais principios sociaes que cumpre respeitar no meio da maior jocosidade.

A muita bondade e sympathia que V. S.ª por mim tem desenvol-

vido, me levam a pedir-lhe igualmente desculpa de fazer por esta forma um pedido que devia endereçar-lhe pessoalmente. É ainda o theatro a causa disto, por que me rouba todo o tempo.

Aguardando as ordens de V. S.^a espero sua resposta, pela qual desde já me vejo satisfeito de poder juntar mais este aos muitos motivos, que mandam confessar-me, com a maior consideração e sincera estima,

De V. S.^a

Muito att.^o ven.^o e am.^o obr.^o

L. C. FURTADO COELHO.

S. C. S. Paulo, 6 de Agosto de 1861.

Resposta.

ILLM.^o AM.^o E SR. FURTADO COELHO.

Basta o nome do author para me convencer que a obra é digna do publico.

Nem leio; mesmo não tenho tempo hoje.

Entretanto para abafar os escrúpulos do «Paiz», delego-lhe os meus poderes para cortar o que merecer côrte.

De V. S.^a

Afeiçoado admirador.

TAQUES.

CXI.

ILLM.^o SR.—A mesa da Santa Casa da Misericórdia em sessão de hoje, deliberou se dirigisse a V. S.^a um testemunho de agradecimento, pelo beneficio que se dignou dar (repartido com o Asylo das orphãs desvalidas) no theatro desta cidade, na noite de 13 de Março, a bem dos infelizes a nosso cargo, o que, alem de exarado na acta, me cumpre levar ao conhecimento de V. S.^a

Deos guarde a V. S.^a por muitos annos. Secretaria da Santa Casa da Misericórdia de Pelotas, 6 de Abril de 1862.

Illm.^o Sr. Luiz Candido Furtado Coelho.—Mt.^o digno Empresario da Companhia Dramatica.

O escrivão da Mesa da Santa Casa,

JOSÉ VIEIRA PIMENTA.

CXII.

Salla das Sessões da Sociedade Portuguesa de Beneficencia em Pelotas—15 de Junho de 1862.

A directoria da referida Sociedade, tomando na devida consideração o beneficio que V. S.^a se dignou expontaneamente dar na noite de 5 do corrente mez, no theatro desta cidade, a bem da Sociedade, vai, por esta forma, tributar a V. S.^a seus mais sinceros agradecimentos; e como prova de gratidão a tão philantropico acto, offerece a V. S.^a o Diploma de Socio Beneemerito, que espera V. S.^a se digne accitar.

Deos guarde a V. S.^a

Illm.^o Sr. Luiz Candido Furtado Coelho.

Mt.^o digno Empresario da Companhia Dramatica Rio-Grandense.

ANTONIO JOSÉ DE OLIVEIRA LEITÃO,
Presidente.

DOMINGOS ANTONIO FELIX DA COSTA,
Vice-presidente.

JOSÉ VIEIRA PIMENTA,
Secretario.

JOÃO FRANCISCO MARCELLO,
Thesoureiro.

GASPAR FERNANDES DO NASCIMENTO,
Procurador.

CXIII.

ILLM.^o SR.—A commissão directora dos festejos pelo Anniversario da Independencia, cordialmente agradece a V. S.^a a obsequiosa offerta que lhe fez, do producto da recita de 3 do corrente, e assegura a V. S.^a seu reconhecimento.

Deos Guarde a V. S.^a Porto Alegre 13 de Agosto de 1862.

Illm.^o Sr. Luiz Caudido Furtado Coelho.

DARIO RAFAEL CALLADO,
Chefe de policia.

JOSÉ PINTO DA FONCECA GUIMARÃES.

JOSÉ LEAL DE AZEVEDO.

FRANCISCO ANTONIO DA SILVA BEKMANN.

FRANCISCO BAPTISTA DA SILVA.

CXIV.

MEU FURTADO.—A pequena producção que te dedico *, não tem outro merito senão o que pode ter uma poesia ou um desenho que eu pusesse no teu album; se o tem não lhe vem do valor intrinseco do trabalho, mas sim do sentimento que t'o consagra.

Desde que te vi sympathizei com esse teu arrojado character, que, fazendo volta-face ás ridiculezas da sociedade, arcou cara a cara com os seus preconceitos.

Eu sempre pensei como tu; nunca admitti que houvesse um paiz com a propriedade especial de só crear homens de bem, ou um outro que fosse igualmente especial a respeito de velhacos. E disto seguiu-se um pensamento identico ácerca das profissões. Entendi sempre que se a arte dramatica comporta muitos individuos despidos de certas qualidades, é porque quando para lá vão, já estão viciados; e depois—coitados!—a sua profissão dá tanto na vista, que se muitos dos seus censores passam por melhores, é por que estão menos á mostra.

Desde muito que estas idéas me povoavam a mente, envolvidas em um nevoeiro de preoccupações, mas eu não o dizia a ninguem; e hoje se t'o digo é aqui baixinho, e por que sei que és homem de segredo.

Quando me appareceste, achei-te modelado como o typo das minhas ficções.

A impressão que me causaste foi uma especie de alchimia. De um homem de algarismos em pleno seculo XIX, fizeste um author dramatico!!

E ahí tens tu a historia do meu livro. Se tive uma idéa arrojada em sua concepção, fui talvez acanhado em seu desenvolvimento. Mas eu nunca lhe quiz a publicidade, e muito menos o nome de author agarrado a ella, assim com ares de quem quer subir á immortalidade.

Fiz este trabalho só para ti.—entendes?

Modellei-te no que pude. Fallei mais do coração do artista do que da arte. A respeito da profissão, disse mais o que ella devia ser, do que o que ella é. Naquelles humbraes estaquei. O instincto já me dizia que o resto ficava a cargo do teu —*Actor*—do qual o meu livrinho é um pallido reflexo.

* FERNANDO—Comedia-drama em 3 actos.

Não o desprezes por isso; guarda-o como uma reliquia sagrada pela amizade que t'ó dedica.

JOÃO BAPTISTA TALLONE.

Porto Alegre, 20 de Agosto de 1862.

CXV.

ILLM.º SR.—Vice-consulado de Portugal em Porto Alegre.

É do meu rigoroso dever agradecer a V. S.ª a offerta que se dignou fazer-me por seu officio de 15 do corrente do bilhete de camarote do theatro, para eu, na qualidade de agente consular de Portugal, assistir ao expectaculo que V. S.ª resolveo dar no dia 16, em festejo pelo feliz consorcio de Nosso Augusto Monarcha o Sr. D. Luiz I, com S. A. a Princeza D. Maria Pia de Saboia.

Ao governo de S. M. Fidelissima darei parte de mais este rasgo de seu reconhecido patriotismo.

Deos guarde a V. S.ª muitos annos. Vice-consulado de Portugal em Porto Alegre, 20 de Novembro de 1862.

Illm.º Sr. Luiz Candido Furtado Coelho. Dignissimo Empresario da Companhia Dramatica Rio Grandense.

FRANCISCO JOSÉ BELLO,

Vice-consul.

CXVI.

ILLM.º AM.º E SR. LUIZ CANDIDO FURTADO COELHO.

S. Paulo, 21 de Maio de 1863.

Esta tem por fim saudar ao grande genio do palco, que nesta capital passou como um meteóro, mas cuja luz ainda hoje brilha na memoria de todos os apreciadores do que é bello e grande.

Serve tambem como uma prova de sympathia e amizade, que por certo deixou muitas em S. Paulo.

Tenho lido com grande praser os artigos que o Jornal do Recife tem publicado a seu respeito; nem era possível que nessa Athenas Brasileira o Genio, que até hoje nos arrebatava só com a lembrança do pouco que gosámos, não achasse admiradores entusiastas.

Honre a esse distincto escriptor; e se o conhece, um abraço de colega a colega.

Faço votos para que a estrada que o meu amigo vai trilhando, seja sempre juncada de flores, e peço-lhe que nas occasiões de seus mais bellos triumphos, lembre-se dos amigos ausentes que só sentem não poder compartilhar essas glorias.

Aceite estas toscas expressões do seu

Am.º e admirador,

* JOAQUIM ROBERTO D'AZEVEDO MARQUES.

CXVII.

Vice-consulado de S. M. Vittorio Emanuele II Ré d'Italia—in Pernambuco.

ILLM.º SR.—Tendo V. S.ª se prestado com a melhor boa vontade e genio caridoso a axiliar o beneficio que este vice-consulado promoveu, e teve lugar hontem no theatro de Santa Isabel a favor das familias desvalidas e perseguidas pelos salteadores das provincias ex-Napolitanas, corre-me a obrigação de appresentar a V. S.ª os meus agradecimentos e eterna gratidão por tão assignalado obsequio, o que faço com tanta maior satisfação, quanto foi o disvello, promptidão e desinteresse com que V. S.ª se houve, sobrecarregando-se e tomando a si a ardua tarefa de promover os trabalhos, e ordem do respectivo expectaculo, o que tudo levarei ao conhecimento do meu governo.

Deos guarde a V. S.ª—Vice-consulado de Italia em Pernambuco aos 26 de Junho de 1863.

A S. S.ª o Sr Luiz Candido Furtado Coelho.

ED: P. WILSON J.º,

Vice-consul.

* Proprietario e Redactor em chefe do Correio Paulistano.

POESIAS.

CXVIII.

A FURTADO COELHO.

Tu passas—vais alem tua viagem,
Da saudade nas ondas christalinas,
De odor banhando tua azul plumagem,
Aos céos remontas, inspirado trinas!

Cysne de Lysia, mavioso e terno,
A ventura no mundo é transitoria!
Se tu deixaste áquem teu lar materno,
Tens outra patria que se chama—a gloria!

Lá, do talento que te exime a frente,
A eterna realeza é quem impéra!
Vôa!—não teem os genios horisonte. . . .
Ella te acena! lá Camões te espera!

DR. FELIX XAVIER DA CUNHA.

Porto Alegre, 9 de Outubro de 1857.

CXIX.

AO ARTISTA FURTADO COELHO.

Não basta a voz dos bardos que apregôa
Unisonos louvores
Ao teu talento, não! eu tambem quero
Ser um de seus convivas!

De sobra na minh'alma adejam phrases
Que eu não posso exprimir,

De simples, sem poesia, tremem, coram
De á luz desabrochar!

*

Como as roupas da flor que pela tarde
As auras despedaçam,
De modesta occultando o seio aos beijos
Do tremulo crepusculo :

*

Eu rasgo essa cortina que te esconde
O talento mestril,
E co'os hymnos que posso farei d'elle
Un trait pour mes idées!

*

Na terra, irmã da tua, onde soluçam
As vagas do Amazonas,
Onde co-habitam filhos de Viriato
De Affonso e de Camões.

*

Saberão que o teu nome as artes honra
Com fé e com orgulho;
Saberão que as divicias não se inscrevem
No marmore das sallas.

*

Para felizes esgotar a vida
São outras as riquezas;
N'alma rebentam, d'elle a c'roa entalham
Na fronte dos eleitos!

*

E tu és bem feliz! tens a harmonia
Na linguagem da lyra,
Na tunica do céo bebes teus carmes
Livres como o pensar.

*

E na scena, e na musica, e no trato
És delicado e terno,
Como a avesinha que scismando amores
Ulula pela patria.

PEDRO ANTONIO DE MIRANDA.

Porto Alegre, 30 de Novembro de 1857.

A FURTADO COELHO.

Avante!

Mancebo orgulhoso, prosegue na senda,
 Avança ufanoso nos campos da gloria,
 Poeta, caminha que o céo te destina
 No termo da lucta fulgente victoria!

Não temas torpeços, não curves a vista,
 Que Deos te prepara lusente porvir,
 Artista, levanta teu collo garboso,
 Na arte que honras tens muito a luzir!

A sorte fadou-te no genio—gigante!
 A fronte c'roou-te de louro inmortal,
 Cercou-te de luzes que aclaram teu nome,
 Marcou-te um futuro, na gloria, real.

Avante, mancebo, poeta e artista,
 Não deixes teu nome sumir-se um momento
 Que aos evos voando p'ra sempre t'eleve
 Nas azas da fama ao zenith do talento!

FRANCISCO ANTUNES GOMES DA COSTA.

Pelotas, 22 de Janeiro de 1858.

Chega-se á gloria pela estrada d'arte,
 De mil abrolhos essa senda é;
 Mas breve tempo tu verás de flores
 O trilho egregio aonde tens o pé.

E não trepides! Se uma sorte adversa
 Tornar martyrios os exforços teus,
 Sê sobranceiro ao rigoroso fado. . . .
 —O poeta e artista é quasi um Semi-Deus!

Oh! não invejes o falaz imperio
 D'esses monarchas que no palco entôas;
 Na ubiquidade que te abrange o craneo
 Encerras mundos, potentados, c'róas!

Chega-se á gloria pela estrada d'arte,
 De mil abrolhos essa senda é;
 Mas breve tempo tu verás de flores
 O trilho egregio aonde tens o pé.

ANTONIO JOAQUIM DA SILVA FARIA.

Pelotas, 1 de Fevereiro de 1858.

CXXII.

AO MEU AMIGO O EXIMIO ARTISTA L. C. FURTADO COELHO.

Ergue a frente de louros c'roada
 Em mil noites de gloria!
 Já na senda coberta de triumphos
 Acena-te o porvir—artista—rei!

Regenerando o gosto, alem surgiste
 Orgulhoso *Bernard**, filho do povo,
 Nobre d'intelligencia.

Inda uma vez firmaste essa victoria
*Pedro***—poeta, que nasceste baixo
 E filho de um mordomo.

Conquistaste o futuro, e em tua frente
 Seguraste a corôa!—és rei—*Soares!****
 —Já na senda coberta de triumphos
 Acena-te o porvir!

Alem te applaude a turba; lá na arena
 Recebe o campeão o premio digno
 Do sob'rano trabalho!

* Na comedia—«Por Direito de Conquista».

** No drama—«Pedro».

*** No drama—«Prohibidade».

—Aqui te abraça o amigo entusiasta
Do artista e do homem!

SALVADOR DE MENDONÇA.

Rio de Janeiro, 1 de Maio de 1859.

CXXIII.

AO DISTINCTO ACTOR O SR. L. C. FURTADO COELHO.

Hoje o artista, desatada a gleba,
Que em outra éra lhe cingia o peito,
Pode na arena conquistar a fama
Da verde rama merecer o preto.

Tumida gloria, que legára o berço
Só tem o apreço que deslumbra a vista;
Honras herdadas de que vale tál-as,
Se o mer'cél-as é melhor conquista?!

Vistosa campá despedaçá ao nobre
Se o peito cobre d'esse orgulho innato;
Em quanto o genio sobranceiro á lousa
Tranquillo poussa sem nenhum ornato.

Foi miserando o lusitano Homero,
Pacheco fero recurtio mil dores,
Triste sepulchro lhes cavaram ingratos,
Viudouros gratos lhes doaram flores.

Do triste bardo sem coeva gloria
Fica a memoria em divina trova;
Sem vista, encontra perenal futuro
No cinzel puro, o prespicaz Canova.

Em quanto o rico, no correr da orgia,
Gasta a alegria, escarnece o pranto;
Trilhe a virtude que será mais nobre,
Trabalhe o pobre, que o trabalho é santo!

A. MACEDO.

Rio do Janeiro, 5 de Fevereiro de 1859.

CXXIV.

A FURTADO COELHO.

Nasceste em meio de festins e galas,
 Entraste as salas ao deixar a infancia;
 Rasgando o espaço nos delirios d'alma
 Colheste a palma que almejaste em ancia.

Depois—subiste quando a voz dos povos
 Nos vãos novos te exaltou a mente!
 Tribuno—a imprensa traduzio-te a idéa
 Rasgando a veia de um pulsar ardente.

E quando d'arte franqueaste o trilho,
 Ditoso filho de uma gloria infinda,
 Fadou-te o céu d'inspiração brilhante:
 Subiste.—Avante! subirás ainda!

Poeta, artista, defensor do justo,
 Valeu-te o custo do talento a gloria.
 Avante—avante! colhe mais um loiro,
 Páginas de ouro te reserva a historia.

ERNESTO CIBRÃO.

Rio de Janeiro, de 22 de Setembro de 1859.

CXXV.

AO INSIGNE ARTISTA O SR. L. C. FURTADO COELHO.

Se pudesse, hoje vibrava
 A corda que eu afinava
 Da Lyra em que cantei!
 Mas o meu estro?—Finou-se!
 Inspiração?—Acabou-se!
 Aonde a Lyra?—Não sei!!

Nem estro, nem Lyra tenho,
 Tão pouco, subido engenho

Nem já mesmo vocação....
 Porém o Genio Divino
 Que te c'roou o destino
 Ha-de dar-me inspiração !

*

Tu és artista sublime !!
 Tua voz, teu gesto exprime
 O riso, tristesa, amôr
 Quando queres; e radiante
 És da scena astro brilhante
 Do palco Rei e Senhor !

*

Vejo esse genio da arte
 Vir por vezes admirar-te
 E, de contente, sorrir,
 Quando tu estás na scena
 Em linguagem amêna
 Eccos d'alma a traduzir.

*

Outras vezes pressuroso
 Vejo-o com ar magestoso
 Ir-te na frente beijar !!
 C'roar-te de verde louro
 E, dando-te esse thesouro,
 A teus pés se ajoelhar !

*

Foi na *Dalila* que eu vi
 Que o Genio junto de ti
 Pasmado se ajoelhou !
 E quando te vio em pranto
 Por esse divino canto,
 O Genio tambem chorou !

*

Avante, Furtado, avante !
 Esse colosso Gigante
 —O povo—já te aprecia;
 Nos—*bravos*—que te dispensa

* O Canticó do Calvario.

Bem se vé a sua crença,
Bem te mostra sympathy!

DR. AZEVEDO E GOTHA.

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1860.

CXXVI.

A FURTADO COELHO.

N'esse livro p'la gloria sagrado
Onde Talma seu nome gravou,
E que os annos passando, em legado
Qual padrão para a historia ficou,
Com mão firme uma pagina abriste!
—O teu nome de artista esculpiste
Adornado de louros e palmas;
E na senda da gloria correndo
Vais segredos d'ess'arte prendendo,
Como presas nos deixas as almas!

Eia avante! que a gloria não cansa!
Nem tu debes cessar a conquista
De mil—*bravos!* Mil palmas alcança!
Cinge a c'roa virente do artista!
Nos teus gestos dá jubilo e dôr;
E na frente de mago 'splendor
Tens altivo o imperio de rei!
Eia avante! colosso de genio!
D'esse throno chamado proscenio
Rege as turbas! decreta uma lei!

Diz a c'roa que vés a teus pés,
Diz um brado de todos geral;
«Que na scena pisando uma vez
Não encontras na scena um rival!»
Eia avante! poeta e artista!
Eia avante! É sublime a conquista!
Acurvado de leuros e palmas,
Vai na senda da gloria correndo

Os primores d'ess'arte prendendo
Como presas nos deixas as almas !

BAZILIO J. DA GAMA E SILVA.

Santos, 3 de Dezembro de 1860.

CXXVII.

A FURTADO COELHO.

Na noite de sua despedida de S. Paulo, em 27 de Janeiro de 1861.

IMPROVISO.

Quem és tu que não tremes ante a lucta
Das paixões em que o mundo se debate?
E orgulhoso caminhas impassivel
Das procellas sorrindo ao negro embate?

Que espirito immortal em tuas veias
Se agita e move—actor predestinado?
E soberbo transpões da gloria os atrios
Vendo um povo a teu gesto avassalado?

Que nome tens escripto n'essa fronte
Que ao sol de um mundo novo s'illumina,
Como ao cedro gigante da montanha
Envolve em luz a hora matutina?

Que mysterio és tu? Que força extranha
Te arrasta pelas sendas espinhosas,
Onde o teu coração ás vezes sangra
C'roada a fronte d'immurchaveis rosas?

Tu és o peregrino do talento,
Martyr na dôr e rei na magestade !
E por isso te offertam duas c'roas
Os homens uma,—a outra a Divindade !

AUGUSTO EMILIO ZALUAR.

S. Paulo, 27 de Janeiro de 1861.

CXXVIII.

AO DISTINGTO ACTOR E. C. FURTADO CORLEO.

A gloria, a gloria, artista, é treva e luz,
 —Risos, prazer, ventúras, esperanças;
 Algumas flores adornando a cruz,
 Na cova humilde divinaes lembranças !

Anjo, que as azas bate peregrino,
 Vive em jardins que secam a sede d'alma;
 Visão da mocidade ao som de um hymno,
 Das noites bellas engrinalda a palma !

A gloria é onda sobre largas aguas,
 Deste oceano que chamamos vida,
 É sonho immenso de ventura e maguas,
 Flôr que atraíçoa entre espinhaes perdida !

.

E tu caminhas pela senda agreste,
 Ouvindo os trinos do accordar do dia !
 Pesa-te o louro que essa fronte veste,
 A linda palma da visão sombria !

Ensinou-te a paixão que nega altiva,
 O prazer que murmura entre queixumes,
 A voz do coração que a dôr aviva,
 Deu-te as flores do val, dos ceus os lumes !

E vaes e vens, na senda perfumosa,
 Hymnos soltando á beira do caminho !
 Em verdes relvas, n'um topiz de roza
 Abriste as azas, fabricaste o ninho !

És grande, artista, és rei!—no altar da gloria
 Vê-se o clarão que os passos te alumia !
 Como extremeço ao contemplar-te a historia,
 Esses afagos da visão sombria ? ! . . .

.

A gloria, a gloria, artista, é treva e luz,
 —Risos, prazer, venturas, esperanças!
 Algumas flores adornando a cruz,
 Na cova humilde divinaes lembranças!

DR. ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA.

S. Paulo, 27 de Janeiro de 1864.

CXXIX.

AO EXIMIO ARTISTA O SR. FURTADO COELHO.

Ave, rei do pensamento!
 Artista—tens no talento
 Aureolas que os reis não teem!
 E mais que elles dominas
 Com tuas phrases divinas
 As turbas que se ahí vêem!

Se são reis os soberanos
 Que em seus palacios, ufanos,
 Pela realeza deliram,
 Oh! tu ainda és mais rei,
 Por que prescreves a lei
 Ás turbas que te admiram!

Rei de um povo convulso
 Que se agita ao impulso
 De frenetica ovação;
 Esses thronos de grandezas
 Das fingidas realezas
 Junto do teu—o que são?

Ouropeis, fingidas sombras
 De parasitas alfombras
 Que o povo pisa e esquece!
 Mas o teu—oh! não se allue,

Que o povo nunca polue
Grinaldas que o povo tece.

Vés-lo ainda tremente ?
É um povo intelligente
O que te sagra essa c'roa,
E que nunca a profanou
Nem seus louros barateou
Mercadejando-os á tóa !

E nem fazendo o contrario
Fél-o a ti—rei do scenario,
A ti—artista e poeta,
Que tão depressa da gloria,
E de victoria em victoria
Soubeste attingir a meta !

Guarda-a pois ! Não é uma paga
É apenas—pobre e vaga
Mais uma flor do proscenio,
Que deviamos somente
A ti—fronte intelligente,
Onde Deos plantou o genio !

DR. JOÃO GABRIEL DE MORAES NAVARRO.

Campinas, Provincia de S. Paulo, 25 de Fevereiro de 1861.

CXXX.

A FURTADO COELHO.

Soberbo artista de laureis c'roado,
Teu throno erguido está sobre o proscenio;
Tu tens na frente o sol da intelligencia,
Tu'alma illuminou-se á luz do genio!

Na flor da mocidade—artista ingente,
Deu-te o talento um pavilhão de glorias!

Cingio-te a fronte uma c'roa de poeta,
 Já tens um sceptro nas tuas victorias !

Não ha-de a terra que consome os corpos
 Teu nome aniquilar no esquecimento !
 Teu nome escripto em caracteres rubros
 Nas letras tem eterno monumento !

Filho das artes, caminhando á pressa
 Corres em busca do porvir brilhante !
 E a voz da gloria que aniquila a inveja
 Vae-te seguindo a repetir: avante !

Caminha artista—sem deixar um dia
 A tua c'roa se tombar no pó !
 Tu és o cedro da montanha, altivo,
 Que ri-se ao val, dominando só !

Avante! avante! teus laureis não murcham,
 E o genio a caminhar marcha sem lei;
 Se assim caminhas sem parar, um dia
 Serás da scena predilecto rei !

JOÃO SOARES.

S. Paulo, 7 de Agosto de 1861.

CXXXI.

HOMENAGEM AO MERITO.

A FURTADO COELHO.

Junca-se o palco de virentes louros,
 Rompe o silencio triumphante brado;
 É que na scena o magestoso vulto,
 Assoma altivo, de tropheos cercado !

Cingida a fronte d'immortal aureola
 Fallam seus labios um falar divino;
 Ao vél-o, as turbas em ardentes vozes
 Arrancam d'alma victorioso hymno !

Sublime interprete das b'lezas d'arte,
Astro brilhante a derramar fulgores;
Um throno ergueste nos degrãos da scena,
Onde os espinhos para ti são flores !

*

Novo Moyses que sem temor caminhas
Por sobre as ondas d'infernaes paixões;
Os teus imigos de vergonha oppressos
Curvam-se humildes a implorar perdões !

*

Solida c'lumna do sanctuario d'arte,
O empenho é grande, e a missão é nobre;
Avante! avante! o pavilhão da gloria
Somente ao genio se desfralda e cobre !

*

Levanta a fronte oh! immortal artista
Caminha ovante á eternal memoria;
Que a heroica Lysia te dirá sorrindo:
«Não morre o nome aonde vive a gloria».

ANTONIO MANOEL DOS REIS.

S. Paulo, 7 de Agosto de 1881.

CXXXII.

À L. C. FURTADO COELHO.

HOMENAGEM AO GENIO.

Ergue teu vôo esperançoso e bello
Condor altivo pelo céu de anil;
Que Deus na fronte bafejou-te o genio
Cercou-te a vida d'esperanças mil !

*

A arte é grande—caminheiro avante !
O louro e a gloria teu valor sustem;
Embora o mundo, como o vento á noite
Às flores brade—não ireis alem:

*

Embora o mundo com friez procure
Do bello as sendas transformar n'um ermo,

Idéas brotam, vocações rebentam,
E o artista vôa por um céo sem termo.

Se em dura tela Rafael traçára
D'ethereo sonho a deslumbrante imagem;
E o amôr que n'alma se agitava em ondas,
Cantou Petrarka de Vaucluse á margem:

Se as tempestades da existencia humana.
O odio em chamas e a loucura fria,
Da frente ardente reflectio no mundo
Barbare filho de Albion sombria:

Se a alma grande d'inspirado Weber
Fundio-se em ondas de harmonia infinda,
E a voz de Byron, e o pincel de Sanzio
Ao mundo encantam do sepulchro ainda:

Tambem a voz d'illuminado artista
Pisando o palco, despertando o enleio,
Sublime sôa, os corações captiva,
E a dôr e a magua nos derrama ao seio.

Tambem tão santo lhe veceja o louro
D'eterna gloria na escolhida frente,
E a fama deixa, como os raios fulgidos
Do sol poente no azulado monte.

Ergue teu vô esperançoso e bello
Condor altivo pelos céos de anil;
O Deqs das artes bafejou-te a fronte
Encheo-te o seio d'esperanças nil.

Se tu suspiras, a tristesa cõa
Da voz sonora no vibrar sentido,
A dor despertas quando á noite exalas
De triste amante o soluçar dorido.

Na luz dos olhos, no dizer das fallas,
Ha fel gelado de sarcasmo infindo
Quando descrido contra o mundo te ergues,
E a humanidade consideras rindo.

Se o amôr e a gloria teus herôes alentam
 O homem foge, se levanta o artista,
 Os labios tremem, se illumina a fronte
 Sobre o futuro distendendo a vista.

Fidalgo altivo, com airosos passos,
 O chão sopeas de soberbas sallas,
 O tom das cortes, a etiqueta fria,
 Partem dos gestos, das soberbas fallas.

Ergue teu vô esperançoso artista
 Que o Deos das artes bafejou-te a fronte;
 Se o tempo estraga da planicie o arbusto
 Respeita o cedro d'elevado monte!

Cysne emigrado da formosa Lysia
 Deixaste a patria procurando a gloria,
 Deu-te ella o berço, mas aqui topaste
 Folha dourada d'eternal memoria.

Aqui risonhas nossas auras virgens
 Soprando abriram de teu genio a flor,
 E o halito nosso levantou-te ao seio
 Viva centelha de divino ardôr.

Se o corpo e a alma são da patria tua,
 Teu genio é nosso como o seio é d'ella;
 Falla oh! artista! teu talento é grande
 Canta oh! poeta! tua voz é bella.

LUIZ NICOLAU F. VARELLA.

S. Paulo, 23 de Agosto de 1861.

CXXXIII.

AO INSIGNE ARTISTA DRAMATICO L. C. FURTADO COELHO.

SONETO.

Loureis tão altamente merecidos
 Jamais d'algum mortal a fronte ornaram,

Nem de melhor vontade se ofertaram
Aureos listões de pedras guarnecidos.

As grinaldas que heróes ennobrecidos
Recebem por triumphos que alcançaram,
Encobrem o sangue humano que custaram,
E o pranto dos miserrimos vencidos.

Esses festões compostos sò de flores
Colhidos nos jardins da singelesa,
— Digno prêmio de celebres actores—

São tropeços que alcanças pela belesa
Com que unis os artisticos primores
Aos mais sublimes dons da natureza!

MARCIANO F. DE SOUZA.

Destreto, Provincia de Santa Catharina, 24 de Novembro de 1861.

CXXXIV.

AO DISTINCTO ARTISTA—L. C. FURTADO COELHO.

SONETO.

Na pyra do enthusiasmo puro e santo,
Nos inflama teu genio portentoso,
E o coração palpita jubioso
Do praser que nos dá teu doce encanto!

Essa flama de luz, que eleva tanto
Teu talento sem par, prodigioso,
Respira meigo odor tão generoso,
Que reclama de nós um novo canto.

Da lista dos heroes do palco amado
O teu nome immortal e esclarecido
Não pode mais riscar o negro fado!

Pela fama acclamado, e esclarecido

Pela gloria, no templo sublimado
Da memoria immortal—eil-o subido!

PADRE FRANCISCO LUIZ DO LIVRAMENTO.

Desterro, 24 de Novembro de 1862.

CXXXV.

A FURTADO COELHO.

POR OCCASIÃO DA REPRESENTAÇÃO DO SEU DRAMA—O ACTOR.

Nos mares da sciencia as ondas domando
Thesouros immensos soubeste alcançar,
Thesouros do genio, occultos arcanos
Que mãos de profanos não podem tocar!

No amplo horisonte de tuas idéas
Que terras e climas! qu'estrellas! que ceos!
A mente surpresa sentiste abrasada,
Ardente, inspirada n'um raio de Deos!

Estão alma e corpo á arte entregaste,
Á arte que sempre teu ser dominou,
E o numen do Genio olhando-te attento
O genio e talento em ti bafejou!...

E como o Argonauta potente e altivo,
Tens visto, sereno, passar os tufões,
A inveja arrostando d'espinhos pungentes,
Co'os louros virentes de mil ovações.

Porem é do fado querer a inveja
Á gloria roubar merecido louvor,
E a gloria te diz que á lucta resistas
Que as palmas conquistas d'*Artista e Author*.

JOÃO BAPTISTA TALLONE.

Porto Alegre, Provincia do Rio Grande do Sul, 2 de Novembro de 1862.

CXXXVI.

SAUDAÇÃO AO DISTINCTO ACTOR, DRAMATURGO E POETA, FURTADO COELHO.

Da Grecia soberba no templo da gloria
Seus genios sublimes lembrar-vos não quero;
Aos carmes da lyra, das folhas da historia,
Não venho trazer-vos imagens d'Homero !

Qu'importa que Roma, coberta de louros,
Nos braços da gloria que a fama traduz,
Terencios e Plautos aponte aos vindouros
De flores c'roados, cingidos de luz ?

Qu'importa que a França com alma recorde
Racine, Voltaire, no palco a fulgir:
Que a altiva Britannia dos gelos accorde
A ver *Shakspear'* qual aguia a subir ?

Qu'importa que os Lusos tivessem outr'ora
No heróe *Gil Vicente*, de *Ennio* o rival ?
Tivesse a Helvecia um *Shiller*, embora,
Garret—lá surge, divino, immortal !

Ao lume do genio que a mente lh'exalta
Qual mimo do eterno nos deu *Frei-Luiz* !
É nova a escola, tão nobre, tão alta,
A França a applaude, Allemanha a bem diz.

Depois quantos genios com elle inspirados
A mente e o peito sentindo escaldar,
Em novas conquistas, á arte abraçados,
Lá vão aos proscenios mil c'roas buscar ?

E o fogo sagrado que o Eterno derrama
Que a lyra nos move, que dotes exprime,
O genio da scena, o genio do drama,
Em ti os contemplo, artista sublime !

De *Dumas* os louros, os louros do *Talma*
Em ti os vislumbro, tão bellos, iguaes !

Na scena uma c'roa, no drama uma palma,
Amigas no templo, nas glorias rivaes!

Recorda-se a turba das festas d'Athenas
Ao fogo excitante d'altivas paixões;
Amores e glorias, sorrisos e penas
Se prendem, se ligam n'um céu d'illusões.

E tu és o genio do Eterno fadado
Que as turbas arrastas do genio captivas,
N'um riso, n'um gesto, no aspecto mudado
Tu creias, tu pintas as dores mais vivas!

Ou mostres loucuras, triumphos, revezes,
Ou scenas d'amor nos venhas trazer,
Que genio! que genio! repetem mil vezes
As turbas que anceiam, de gosto e prazer!

Revelam-se os traços do vulto que ostentas
Nas faces, na fronte, do peito aos ardores,
Nas azas do genio, de gloria sedentas,
Tu vòas ás nuvens, e atiras-nos flores!

Que mimo, que graça teu genio revela
Nas formas que envidas á luz do proscenio!
Qual *Phidias* no marmor', qual *Rubens* na tela
Que imagens tão puras, tão filhas do genio!

Na phrase, o encanto que a turba arrebatada
Bellini saudoso direis a gemer;
Se fallas irado, em ondas de prata
Nas vozes direis ouvir *Mayerbeer*!

Que lida afanosa, que nobre fadiga,
No palco luctando por entre os parceis!
Que gloria é vencel-os? a turba que o diga,
Mil c'roas tecendo de verdes laureis!

Que o diga a memoria na mente desperta
Ao ver *Carnioli* no paleo a brilhar;
Que o digas tu mesmo qual flor entr'aberta
Ao som dos applausos perfume a exalar!

De *Dumas* os louros, os louros do *Talma*
 Em ti os vislumbro tão bellos, iguaes!
 Na scena uma c'roa, no drama uma palma,
 Amigas no templo, nas glorias rivaes!

E ahi sobre o palco, das turbas saudado
 Bem digo os triumphos que alcanças ness'arte,
 É teu o meu canto por ti inspirado
 Só tive um desejo!... eu venho saudar-te!

Meus versos são fracos—recebe-os, ardente,
 Sem culto nascêram, brotaram dos céus;
 Teu genio os ampare, teu nome os alente,
 São fracos meus versos, mui fracos—são meus.

FRANCISCO IGNACIO FERREIRA

Pernambuco, 18 de Março de 1803.

CXXXVII.

A FURTADO COELHO.

... genios como tu—Byron no verso,
 Na tela Raphael, Cesar na espada!

CALAZANS.

Quando eu cria, poeta, no meu craneo
 Já morta a inspiração, já morto o genio,
 Vejo-te artista! Um canto subitaneo
 Voa dos labios meus para o proscenio.

Oh! é que eu vejo reviver na scena
 A alma divina dos sublimes *Talmas*;
 Um novo athleta sobre nova arena
 Conquistando soberbo novas palmas.

Artista! Irmão! no fim do teu caminho
 Vislumbro a eternidade que te acêna;
 Se pisares, romeiro, sobre o espinho
 Sofre, sé martyr, mas não foge á arena.

Soffre, sé martyr: o martyrio é palma
 Que, bem feliz quem póde-a conquistar;
 Derrama effluvio jubiloso n'alma
 Que teve crenças a poder lutar.

O destino embalou teu berço augusto
 Sob o ceo aureo azul de Portugal;
 Mas dá-te a gloria e guardará teu busto
 Este Imperio da Cruz, que mais te val.

Se a noite sobre o sol o véo saccode
 E o faz em fundas trevas meditar;
 Da tua gloria, artista, a luz não póde
 No manto de uma nuvem se occultar.

És rei! Rei—te saudo sobre a scena!
 Rei que impera no espirito de um povo,
 Que sempre p'ra cantar-te em voz amena
 Encontra uma palavra, um termo novo.

Chegou a minha vez: eu, fraco embora,
 Não quiz deixar de te render meu preito;
 Não é um canto, sei, de voz sonora,
 Mas é grito espontaneo do meu peito.

Artista! quando eu eria no meu craneo
 Já morta a inspiração, ja morto o genio,
 Vejo-te e pasmo! Um canto subitaneo
 Lá vai dos labios meus para o proscenio.

VICTORIANO PALHARES.

Pernambuco, 28 de Março de 1863.

CXXXVIII.

A FURTADO CORLHO.

Semeaste o porvir. Virás um dia
 Rever-te da colheita nos thesouros,
 Das gerações a grata sympathia
 Será teu premio, avivará teus louros.

MENDES LEAL.

Do talento á magestade
 Venho hoje a fronte curvar;

Que apoz Deus e a liberdade
 Sei ao merito exaltar.
 Minha lyra se ennobrece
 Quando a Deus e á patria tece
 E á virtude uma canção,
 Não creio em outra nobresa,
 Onde falha a natureza
 Só ha chimera, illusão.

Nas palmas que no proscenio
 Te acolhem, sublime actor,
 Vejo o triumpho do genio
 Vejo da gloria o esplendor;
 Uma idéa aqui fulgura
 Que altos destinos augura
 Á terra da Santa-Cruz;
 D'aqui, como da arca santa,
 A moral já se alevanta
 E aos povos aponta a luz.

No drama, um dia a verdade
 Ha-de, porfim, se encarnar,
 E ao seio da humanidade
 A virtude transplantar;
 Então a quadra sonhada
 Se verá realisada
 Delicias mil off'recer,
 E todos irmãos seremos
 E a virtude encontraremos
 Na alma fonte do dever.

Eu te saúdo, ó artista!
 É nobre a tua missão,
 Prosegue n'essa conquista
 Das molas do coração.
 Aos pés o vicio calcando
 Vae o labaro hasteando
 Do progresso e da moral;
 Sempre fé:—na patria historia
 Teu nome cheio de gloria
 Ha-de inscrever-se a final.

Avante? pois, na jornada!
 Alem te acena o porvir;
 Nos trasflores da alvorada
 Não vês um astro a luzir?
 Se na França outr'ora um *Talma*,
 Colhendo virente palma,
 Soube o nome eternisar,
 Tu—o Talma Lusitano—
 Na scena, genio sob'rano
 Sabes a patria elevar.

ANTONIO JOAQUIM DE PASSOS.

Pernambuco, 28 de Março de 1863.

CXXXIX.

AO SR. FURTADO COELHO.

Tu és, artista, quem revive as éras
 Quem reanima palidos perfis,
 Genio elevado—idéas tu geras;
 Genio!—este nome quanto vales, diz!

FRANKLIN DORIA.

Do genio a estrada é difficil,
 Mas é brilhante tambem,
 Se o genio marcha entre cardos
 Marcha entre a rosa—a cecem.
 Ao vel-o o mundo então pasma,
 No peito a inveja marasma
 E cala-se o odio ignavo,
 E quem tem fogo na fronte
 Quem tem n'alma rica fonte
 De amores, ergue o seu bravo.

Ergueste a voz em *Dalila*
 Comtigo o artista adorei,
 Depois em *Lucia* choraste
 Comtigo Lucia chorei.
 Fallaste apoz duro e frio

No *Cynismo*—um calafrio
 Passou-me gelado n'alma.
 Eia pois, Protheo da arte,
 Que assim sabes transformar-te,
 Que a Protheo levas a palma:

*

Eia! o povo já admira
 O genio que em ti transluz,
 Nem passa o genio sem palmas
 Na terra da Santa-Cruz.
 Na terra das primaveras
 As glorias não são chimeras,
 Nem o talento é um nome.
 Aqui se admira o genio,
 Aqui se adora o proscenio,
 Aqui se eleva um renome.

*

É bem risonha esta estrada
 Das glorias ao brilho santo,
 Ao ouvir vivos applausos,
 De—hossanas—a ouvir um canto;
 Em cada dia uma palma,
 Em cada momento um'alma
 Teu genio sabe alcançar;
 Deus ungio-te altiva fronte,
 E, apontando-te o horisonte,
 Disse: «Eia! podes voar!...»

*

Quanto és grande,—disem todos
 Que tem á arte amôr e fé:
 Quanto és grande,—dil-o o povo
 Que ardente e sincero é.
 Quanto és grande,—o alaude,
 Que entôa só canto rude,
 Dizer-te procura em vão;
 Que ao genio só se admira....
 Retratar não pode a lyra
 Mesmo em toda a inspiração,

*

Eia—avante! que o talento
 Brilha sempre triumphal,

Como o sol ardente a pino
 Aclara a montanha e o val.
 Eia! D'arte ó viajante
 Co'a fronte, de luz, brilhante
 Vaes ornado de laureis;
 Tens c'roas em vez d'espinho,
 E, pois, no pó do caminho
 Lanço uma flor a teus pés.

ANTONIO DE CASTRO ALVES.

Pernambuco, 16 de Abril de 1863.

CXL.

A FURTADO COELHO.

Do talento á magestade
 Venho hoje a fronte curvar,
 Que apoz Deus e a liberdade
 Sei ao merito exaltar!

(A Furtado Coelho) A. J. DE PASSOS.

Da arte dos Talmas que tanto ennobreces
 Teu nome enriqueces de palmas e louros;
 Marcaste uma éra feliz, venturosa,
 Tornando-a ditosa por tantos thesouros!

Teu nome querido, que a fama apregôa,
 Nas plagas já vôa do vasto Brasil!
 Artista, não temas a negra peçonha,
 A baba medonha de negro reptil!

Prosegue altaneiro no bello caminho
 De dores e espinho que á gloria conduz,
 Conquista mais palmas, mais louros ainda,
 Na terra tão linda—na terra da Cruz!

Guerreiro das artes, teu nome sublime
 P'ra nós o qu'exprime?—grandesa... poder!
 Dirige teus passos, não curves a fronte!
 —As aguias do monte não sabem descer!

Dirige teus passos! já trôa festiva
 A fama—conviva do nobre festim!—

Mancebo na idade—artista no genio,
Ahi no proscenio, quem ha grande assim ?

Na estrada coberta de tantos odores,
Derramas mil flores aqui . . . acola !
Commoves, exaltas as castas donzellas,
Esquivas e bellas das plagas de cá !

Que bello triumpho na scena alcançado
De louros c'roado, de tantos tropheos !
Se queres mais glorias—tu, genio fecundo,
Procura outro mundo, procura outros céos !

Da terra qu'illustram Garret, Herculano,
Que o grande oceano soberbo defende,
Tu, filho ditoso—não vés que fagueiro,
Qual outro luseiro, teu nome se estende ?

Tu deixas em breve a terra mimosa
A amiga extremosa do artista gentil;
Mas lembra-te sempre que foste saudado
De louros e roado no grande Brasil !

VIRGILIO PEIXOTO D'ARAÚJO PALMEIRA.

Pernambuco, 4 de Abril de 1863.

CXLI.

AO INSIGNE ACTOR, POETA E DRAMATURGO FURTADO COELHO.

Havia um pobre que habitava triste,
Lá do deserto n'um mesquinho albergue,
Fugindo ás festas, que as cidades ornam,
Á dôr somente, e ao soffrer entregue.

Passava os dias em scismar profundo,
Sem querer do mundo partilhar as galas,
Vendo em o érmo seu jardim formoso,
Do poderoso não crusava as salas.

Ave nascida nos sombrios bosques,
Da vida a aurora despontou-lhe ahi;

Para seus dias de amargura infindos
Um lenitivo encontrava ali.

Agreste planta, pequenino arbusto,
Vivendo a custo em seu terreno amado,
Cria o mesquinho que da festa os brilhos
Matassem filhos de longiquo prado.

Mas um dia . . . (coisa estranha!)
O pobre a choça largou,
E a vareda da cidade
Precipitado tomou;
Envolvido em seus andrajos,
Porque não tinha outros trajos
O misero p'ra se ornar,
Lá chega ao fim do caminho;
Das praças no burburinho
Eil-o que vai-se lançar!

Agora alegre e contente
Vai por entre a multidão,
Em o seu peito arquejante
Forte bate o coração!
«Um logar a mim!» exclama,
«Ao genio de quem a fama
Me foi ao bosque accordar;
Despresando as proprias dores
De minh'alma, quero flores
Hoje a seus pés derramar!»

E a frente que aos potentados
Nunca, nunca se humilhou,
Ante o genio que passava
Reverente se curvou!
A frente aonde a alegria
Não transluzira um só dia,
Porque só melancolia
Éra ao pobre habitual,
Estava risonha agora
Porque era feliz ness'hora,
Viesse a desgraça embora
A feril-o por seu mal.

Mas ai delle! ai do mesquinho!
 —Ave fóra do seu ninho,
 Com medo de se perder,
 Subito abandona a festa;
 Ergueo o vôo, e na floresta
 Se foi de novo esconder!

O genio—és tu, a prepassar brilhante
 Qual meteóro de fulgente luz;
 Eu sou o pobre, a divagar errante
 Buscando a chama que de ti transluz!

A. DE SOUZA PINTO.

Recife, 10 de Maio de 1863.

CXLII.

A FURTADO CORLHO.

Eil-o na scena arrebatando *bravos!*
 De um povo livre convertendo escravos
 Em extase a seus pés!
 Bonito—artista! Destribue o pasmo
 N'essas almas febris d'entusiasmo;
 —Conquista mais laureis!

Abre os teus braços e recebe palmas,
 Fita os teus olhos que verás mil almas
 A render-te oblações!
 Na peleja das artes como esta
 Por adornos numeram-se da festa
 Não rosas—corações!

Corações, corações, que o genio é grande
 Como o altivo condor que o vôo expande
 Nos espaços do ar;
 Ninguem lhe tolhe a arrebatada aza
 Do firmamento na dourada gasa,
 Que o seu verbo é—voar!

É voar, é subir p'ra Deus sorrindo,
 E devassar um novo mundo lindo,
 É sonhar novos ceus!

É—crente no Senhor—erguer-se ousado
 E depois repousar divinizado
 No regaço de Deus !

Os genios, como tu, sobem aos astros
 Deixando os homens—typos de alabastros—
 A fitarem o sol,
 Como do céu nas regiões infindas
 Filtam os sylphos—pelas alvas lindas—
 Do dia o arrebol.

E o sol que elles encaram n'esse enleio,
 Por quem seu peito sentem raso, cheio
 De fogos mil—a fluz,
 São as chispas do olhar da divindade,
 Que de—*genios*—alcanha a humanidade,
 —Chispas d'infinda luz !

Vôa mancebo de robustas azas
 Que todos esses corações que abrazas
 Á luz do genio teu,
 Querem sentir mais chamas, e mais pasmo,
 Mais prazer, mais fervôr e enthusiasmo,
 Querem olhar para o ceu !

Eu que sinto na mente o ardor de moço,
 E que guardo em meu peito um alvoroço
 Capaz de suffocar,
 Quero tambem, no meio desse povo,
 Ver o condôr buscar um mundo novo,
 Quero ver-te voar.

Oh ! abre as azas e recebe palmas,
 Ergue-te aos ares que verás mil almas
 A render-te oblações;
 E quando olhares lá do céu sorrindo
 Os teus caminhos has-de ver cubrindo
 Não rosas—corações !

FRANKLIM TAVORA.

Recife, 9 de Maio de 1863.

FIM DA 2.ª E ULTIMA PARTE.

APPENSOS.

—NO MARANHÃO.—

FURTADO COELHO.

Acabo de ler as bonitas paginas escriptas pelo Dr. Filgueiras Sobrinho, a teu respeito.

É bello ver um grande talento render preito e homenagem a um outro grande talento.

Depois das palavras do teu biographo, não tenho equivalentes para fazer um complemento ao que ficou escripto.

A phrase nervosa e viril do distincto academico ahi está gravada, como se o papel fosse marmore.

Eu, que sei admirar o bello em todas as suas manifestações, não tenho entretanto a sciencia de fazer que o verbo tradusa os arroubos da minha admiração.

O artista com todas as cordas da alma bem afinadas, o artista, como eu o comprehendo e como tu és, não extranha as flores que chovem sobre sua cabeça e que rebentam sob seus passos.

A estrada alcatifada de rosas é o seu caminho. Entes como tu não poderão nunca ser lisongeados.

O que se ha-de dizer de demaziado, elogiando-os?

Vi-te na scena, e sinto não poder exprimir as sensações que o teu talento em mim produziu.

A arte dramatica moderna, passando pelo crisol da escola realista, apurou-se e chegou ao supremo grão de perfeição.

O furor da colera, o extase do amor, tudo quanto a alma huma-

na possessão de terrível, doçoroso e profundo, pode ser fielmente trazido para a scena sem os acrobatismos da escola romantica.

Tu és o mais aproveitado dos sectarios da nova escola.

Triumphas porque és natural e verdadeiro; porque sente-se palpitante a fibra e bater a arteria quando pões em scena alguma paixão; porque estudas as dobras e reholhos do coração humano, sem essas terriveis contorsões, que, tirando a elevação dos papeis, póde, quando muito, acreditar o artista como uma obra prima de mecnica.

Triumphas, porque não concedes um gesto á arte vulgar; não dás arras e nem fazes concessões a essas popularidades parvas e balofas, que degradam a arte. Não sacrificas a verdade ao effeito e nem a harmonia e ritmo de palavra, ao tropejar da voz, que desnatura a verdade.

O que parte do coração vae ter ao coração. O que tu fazes em scena parece uma novidade sem o ser: é apenas a aclimação do bello. E por isso triumphas, arrebatas e colhes louros.

Não te dou conselhos, que não tenho vozes senão para te admirar, e não escrevo largamente o que dizem essas vozes da minha admiração, porque, no laconismo do enthusiasmo, não sei coordenar pomposos periodos.

Guarda estas linhas como lembrança de quem tanto te aprecia. E comigo te está apreciando esta illustrada capital, que teve a gloria de merecer a tua preferencia, quando, indeciso em Pernambuco, procuravas um local onde se construísse mais um templo ao teu nome.

Transcreve os meos pobres folhetins, já que o queres, como simples feudo prestado a ti pelo jornal de minha redacção.

Esses folhetins nada valem; mas tu queres provar que é exacto o dito christão de que—o óbolo azinhavrado do pobre, cabe tambem na salva opulenta, onde se guardam as offerendas dos ricos.

Maranhão, 26 de Setembro de 1863.

J. SERRA. *

* Journalista, Redactor politico do jornal—A Coalição, o Deputado á Assembleia Provincial do Maranhão.

..... Si j'avais des paroles
Des images, des symboles
Pour peindre ce que je sens!...

.....
LAMARTINE.

FURTADO.

Bem rasão tem o poeta francez, o velho cysne das Gallias: para exprimir-se certas cousas faltam-nos ás vezes *palavras, imagens e symbolos*.

Li o teo—*Actor*; estou sob a impressão d'estas maravilhosas paginas, e (cré-me) estou estúpido, nada sei dizer em referencia a ellas! Singular particularidade das obras selladas com a marca do genio!

Para estes casos é que foi inventado o ponto de admiração (!); para estes momentos é que serve a eloquencia muda do bello signal orthographico.

Este livro é um passaporte para o Pantheon da immortalidade. Estas folhas de papel estão embebidas de lagrimas, de sorrisos e de canticos divinaes. Parece que a alma do actor-poeta deluio-se e veio dar um banho aromatico n'ellas!

Outrem, eu mesmo, poderia discutir contigo as bellezas do teo *drama*, mas por certo que o não poderia fazer agora.

N'este momento sinto, não discuto.

De que essencia sublimada forma Deus as almas como as tuas, meo Furtado? A's vezes quero crer que não vives e nem participas d'este viver chilro e chato, que nos foi daído em partilha! Vive lá no teo mundo, e deixa que eu te admire em silencio.

13-7-63.

J. SERRA.

VARIOS ARTIGOS, E OPINIÕES EXTRAHIDAS DA IMPRENSA DO MARANHÃO.

I.

—DA COALIÇÃO.—

FOLHETINS PELO SR. JOAQUIM SERRA.

.....
O Sr. Furtado Coelho é uma celebridade no theatro moderno; gosando de uma justa nomeada, o distincto artista, por muito que digam delle, acha-se sempre superior a todo o elogio.

(Coalição, de 22 de Agosto de 1863).

Foi á scena o drama *Dalila*, e reservando-nos para uma detalhada analyse no folhetim de sabbado, não podemos contudo deixar de dizer agora duas palavras.

O publico maranhense, que ansioso aguardava o momento de apreciar o Sr. Furtado Coelho, possuiu-se do mais ardente enthusiasmo vendo e ouvindo esse admiravel artista, tão festejado em todo o imperio.

Juiz consciencioso e seguro, o publico maranhense confirmou com os seus applausos, tudo quanto a opinião publica tem apregoado em bem do illustre actor. Hospedes d'essa natureza, honram o nosso theatro, e fazem-no emparelhar com as primeiras scenas civilisadas. De facto o Sr. Furtado Coelho é artista de reconhecido merito, que ninguem se lembrou ainda de contestar, merito que não vive de benevolencias e proteções incabiveis, porem que se impõe como uma realidade.

Tambem os espectadores do theatro de S. Luiz o ouviram com uma admiravel attenção, tornando-se eredora de todo o elogio uma platéa que tão bem se sabe conduzir em occasião como esta.

(Coalição, de 26 de Agosto de 1863).

O folhetim sahio da modorra em que jazia, ao estrepito das ovações theatraes. As portas do S. Luiz forão abertas para dar entrada em sua scena ao Sr. Furtado Coelho.

O publico acaba de ouvir a *Dalila* de Octavio Feuillet, imitada por Antonio de Serpa. Ouvio uma das mais bellas producções do theatro moderno e ao mesmo tempo um artista-typo da nova escola dramatica.

Furtado Coelho é não sómente o primeiro sacerdote, como tambem o maior propagandista das praticas e theorias da escola realista. Vê-o é admiral-o.

Inimigo jurado das extravagancias melodramaticas e d'esse romantismo pernicioso, que estragou a scena, qual lepra contagiosa, Furtado Coelho, assim como Gustavo Planche, tem fé em que a escola realista é a doutrina seria que hade regenerar a arte, corrigindo as disparatadas phantazias de imaginações enfermas, e disciplinando os caprichos excetricos de compositores transviados. A escola que quer a logica da verdade, a observação exacta, o facto preciso e nada mais, por força fará proselytos e hade absorver e arregimentar em seo gremio todas as vocações nasecentes, máo grado os estereis protestos de um ou outro sectario do antigo systema.

Quem ha ali tão estupidamente robusto, que não estremeça vendo em scena essas chagas vivas que todos os dias nos ferem as vistas, com preferencia das ereações imaginarias, que, por nimiamente abstractas não podem ser julgadas e nem colher resultados de sua acção coercitiva?

É soberba e moralisadora essa escola onde se vê o predominio do facto sobre a belleza plastica; a procura constante do verdadeiro, sem as nevoas do ideal; a interpretação fiel do naturalismo, secundado tudo pela novidade da linguagem, quando falleça a novidade do assumpto.

É sempre bem acolhida essa sinceridade que regula o colorido imaginoso do poeta, sem sobrearregal-o de adornos demasiados e mentirosos.

Por isso as bellas composições realistas provocam sempre grande fanatismo, quando representadas por artistas da esphera de Furtado, artistas que ignoram esse trabalho de exterioridades gesticulatorias; mas que estudam e discutem intimamente o drama, sem o acrobatismo e gymnastica dos nervos e pulmões.

—É uma obra sublime esta *Dalila*! A exactidão e a poesia caminham de mãos dadas.

O titulo do drama é um symbolo; uma synthese rapida da obra. Não se trata da perfida esposa da tribu de Dan, mas da mulher dominadora, que dobra e esmaga sob suas frageis plantas o homem forte

e vigoroso. É a tentação da voluptuosidade em todo o seo criminoso delirio; o abuso da fraquesa feminina, que subjuga—contra a mascula energia, que supplica. A victoria do quebro de olhos e sorrir seductor, sobre as lagrimas e gemidos de uma victima allucinada. É uma pagina profunda de inspiração, e que não pode ser miudamente copiada para as toscas columnas do folhetim."

Octavio Feuillet apresenta o vicio em toda a sua asquerosa nudez e com todas as suas mais perfumosas galas.

Desenrola a nossos olhos as anthiteses mais horrorosas e entretanto as mais veridicas das que presenciarnos quotidianamente. O drama chega á sua ultima scena mostrando o vicio triumphante e jubiloso, e tendo a seus pés todas as victimas aniquiladas e clamando de balde pela vindicta social.

O poeta segue a escola mais philosophica da actualidade. O triumpho do crime neste mundo, faz-nos levar os olhos para os ceos em busca de uma região de suprema justiça e santas compensações. O crime fica mais aborrecido, e o espectador retira-se maquinando na eterna punição, vendo-o ficar impune.

Quando a victima innocente recebe n'esta vida a recompensa do seo soffrimento, o drama faz o papel do advogado que pleiteia em prol da pureza e da virtude; mas no genero a que pertence a *Dalila* o drama toma o lugar do ministerio publico; é a voz do accusador unicamente encarregado de apresentar o tremendo libello contra o crime ou o vicio coroado.

E Octavio Feuillet foi arrojadamente bello no desenvolvimento da sua accusação!

Tratemos, porem, da execução da peça, já que é impossivel resumil-a toda aqui.

—*Carnioli* é o Mephistopheles da actualidade, mas o Mephistopheles sem os laivos satanicos do tentador de Goethe. É o homem que só vê da sociedade o lado ridiculo e apodrecido, e que, louco por uma unica paixão—a musica—tudo o mais não lhe merece um sorriso de satisfação ou piedade, seja o amor angelico de um anjo, ou a infelicidade completa de um poeta. É um homem solido e frio, que mais se dirige ao espirito do que ao sentimento.

Mas *Carnioli*, sob aquella apparente frivolidade, tem um coração não atrophiado totalmente. Desperta nos momentos extremos e o louco tentador passa a ser um moralista de força, um açoute desapiedado vibrado sobre os preconceitos sociaes.

Furtado Coelho é um artista surprehendedor. Por aquella

molde é que são vazados os verdadeiros apóstolos da arte immorttal.

Bem fadado pela natureza, parece ver-se-lhe na vasta frente os signaes inda quentes dos dedos do Eterno, sagrando-o—genio!

Que expressão e viveza de linguagem! Que attitudes naturaes e da mais profunda e evidente verdade! O drama real vive e palpita nos seus menores gestos. A frase sempre bem accentuada, incisiva e penetrante, dobra-se a todas as propriedades dos tons.

N'aquella dualidade do papel de *Carnioli*, dualidade apparente, porque n'essas duas nuances do character é que existe a perfeita unidade do personagem, elle mostrou uma finissima comprehensão.

Tem sciencia e consciencia do que diz e faz. Mordaz ou cheio de sentimento, conforme o pede a situação, apresenta-se zombeteiro, sarcastico, ou de uma severidade digna nos momentos apropriados.

Quando, no quarto acto, sorprendido pela princesa, crusa com ella aquelle olhar onde a ira fuzila e relampeja, para moderar-se depois, e responder com uma placidez subita e sem affectação, o lance é magistralmente traduzido.

E nem é possivel enumerar as scenas soberbas quando, em todas ellas, elle é admiravel; é o Furtado Coelho tão perfeito e sem rival. O publico, da primeira scena em diante, achava-se dominado por elle e acompanhava os seus menores gestos com enthusasticas e bem cabidas ovações.

(A Coalição, de 29 de Agosto de 1863).

O Sr. Furtado Coelho bastava apresentar-se em scena no papel do *General*, * para, sem falar, receber os signaes da mais viva admiração.

O typo historico do veterano, com todas as manias da idade, escravo da inexoravel gotta, benevolo e assomado; maricas quando lhe bolem na corda sensivel, e n'esses momentos desfazendo-se em ternezas; mas gritador intratavel quando o seu rheumatismo o contorse ou algueum contraria as suas opiniões; esse typo lindissimo e de difficultosa execução foi cabalmente representado pelo eximio e sempre festejado artista.

Como elle é sublime nos seus ralhos e pirraças quando amesquinha

* No Gaiato de Lisboa.

a impertinente irmã, cheia de preconceitos nobiliarios, fallando do povo donde elles são oriundos. Como diz ali palavras mal finalizadas por um gesto arrancado pelos seus achaques, ou por uma bravata inoffensiva da sua colera de bonachão!

E quando conversa com o gaíto e, a seo pesar, se vê convencido pelo endemoninhado fedelho, e constrange-se todo para não confessar que bate em retirada, como em todas essas occasiões a naturalidade reverberava-lhe nos gestos, no som da voz, nos mais simples movimentos, desde o arrastar dos passos, até no brandir pausado da bengala.

Porem onde o Sr. Furtado Coelho mais fanatizou o seo auditorio foi nos apartes—*não falo com a Sr.ª*—quando a baronesa interrompia as exprobações com que elle fulminava o seo Fernando.

Somente os filhos predilectos da arte dramatica podem dar tão primoroso desempenho a um papel d'aquella ordem. O publico não sciou-se de applaudir o grande artista.

(A Coalição, de 5 de Setembro de 1863).

A *Omphalia* é um reflexo da *Dalila* de Octavio Feuillet; ao terminar-se a representação da primeira o expectador diz logo que o auctor bebeu recentes inspirações na concepção da segunda. O pensamento é o mesmo, diversificando porem em alguns pontos do enredo e essencialmente no desenlace. A mythologia pagan servio de symbolo á *Omphalia*; a legenda hebraica prestou-se como base á *Dalila*.

Ou seja pela differença das fontes, ou porque a imitação nunca emparelhe com a ideia original, o certo é que, com pesar o disemos, o trabalho do escriptor francez mais nos agradou e mais completo nos pareceu que o do nosso talentoso compatriota Quintino Bocayuva.

Se nos permittissem a comparação, diriamos que a *Dalila* é para a *Omphalia* o mesmo que o arco-iris para o reflexo que o acompanha.

Em ambos os dramas a mulher é a protagonista; as robustas figuras de Sansão e Alcides esmorecem e apagam-se ante a fragilidade irresistivel de *Omphalia* ou *Dalila*.

Chame-se a mulher Leonor ou Lucilia, em ambos os dramas acham-se ellas molduradas pelos dous bellissimos vultos feminis da criação pagânica ou legendaria, que serviram de symbolo áquellas.

N'esses dous trabalhos artisticos a mulher tem por fim escravisar o homem.

Escravisa-o por meio do amor; põe-no a dormir no seo regaço ou a fiar a seus pés com roupas do outro sexo—por meio dos seus encantos e de sua calculada seducção. Mas esse amor, que dá morte aos dous subjugados, não é o sentimento casto e puro da virgem, nem o verdadeiro e profundo da mulher, que já foi de outrem, e que dedica-se com sinceridade ao segundo, que escolheu. O amor de Lucilia na *Omphalia* e o de Leonor na *Dalila* são dois caprichos diabolicos, que tiram sua origem do estado de corrupção moral a que ambas achavam-se reduzidas. Para debellar uma paixão real, a princesa Leonor apodera-se da alma de André Roswein como Fausto da de Margarida; para ter um salvaguarda ao seu viver desregrado, a baronesa Lucilia conquista o estudante Jorge, e converte o joven medico em seu marido. O typo da segunda é mais corrompido; a primeira foi ao menos sollicitada por um antigo amante e serviu como instrumento de um capricho, que se suppunha util e em proveito da arte. A segunda, não; recebeu de si propria a iniciativa do mal e, como o Satan serpente, destruiu as pacificas esperanças de uma pobre familia, guiada unicamente por seus máos instinctos. Foi por isso talvez, que o escriptor da *Omphalia* collocou a sua heroina arrependida e lagrimosa em presença do leito do marido agonisante e á vista do expectador.

Ha na *Dalila* mais brilho de imaginação do que na *Omphalia*. Comprehende-se por outro lado que seja mais facil reduzir um grande artista á lamentavel posição de Sansão, do que pôr um estudante de medecina a fazer de fraco Alcides. O primeiro, organização sensível e apaixonada pela particular tendencia do seu espirito, deixa-se mais naturalmente dominar por esses excessos de imaginação tão communs n'aquelles que em gráo subido a receberam das mãos do Creador; o segundo, familiarisado com a anatomia e embrenhado n'esse difficil e por demais positivo estudo do corpo humano, parece menos proprio para ser arrastado pelas fascinações seductoras de uma paixão desregrada, provinda de uma mulher perdida.

Alem d'isso André Roswein não teve amigo, que o aconselhasse antes da seducção, e o estudante Jorge ouviu por mais de uma vez a voz sincera da amizade fallando-lhe no tom frio da razão. A perdição do segundo parece que devia ser mais difficil que a do primeiro; mais impressionavel organização era de mister que houvesse n'aquelle para que o esboço typico tivesse em seus contornos as linhas da verdade.

Não hesitamos na preferencia que houvessemos de dar entre um e outro trabalho. A *Dalila* é de um colorido mais vivo, mais real, mais poetico e mais arrebatador; a *Omphalia* mais demorada, mais envolvida em incidentes que a intibiam, menos surpreendente, mais derramada em predicas moralistas, mais frouxa.

Aquellas sensações da *Dalila* ao ouvir as inspiradas harmonias do joven musico; aquelle beijo de fogo, que André Roswein recebe; aquella saciedade posterior á seducção; aquella angustiada morte sobre um banco de pedra, após a vista do feretro da verdadeira amante, e aos sons dos canticos da perfida, que foge a proseguir na sua vida de loucos praseres e passageiros amores,—naða d'isso encontra parallelo na *Omphalia*.

O caixão da pobre meça morta seguindo em tristissima romagem para as nevoas da Allemanha mais impressiona do que o leito agonizante do Dr. Jorge, inda que o auctor do drama cercasse-o de um grupo familiar desolado, e das lagrimas sentidas de uma mulher arrependida.

Todavia, ninguem poderá deixar de reconhecer na *Omphalia* grande merecimento artistico e litterario. A bellissima linguagem que n'esse drama se falla; o delicado espirito espalhado com profusão por sobre os finos dialogos da peça; o hem conduzido do enredo; a excellente disposição dos grupos; a originalidade da horrivel confidencia feita pela baronesa Lucilia ao Visconde, começada ao finalizar de um acto e terminada no outro; o quadro da seducção;—tudo o que enumerado fica dá ao trabalho do talentoso Bocayuva um valor subido, e converte o drama em uma magnifica corôa de gloria para o escriptor. É um poema de fogo a sua *Omphalia*.

Quintino Bocayuva tem adiante de si um lisongeiro futuro; superabundam-lhe os dotes intellectuaes, e o joven auctor ha-de certamente colher muitos e immarcessiveis louros no seu mui distincto viver de litterato e poeta.

A execução da *Omphalia*, bem como a da *Dalila*, esteve por parte do Sr. Furtado Coelho acima do mais entusiastico elogio.

Em o nosso theatro ainda não vimos actor, que possa hombrrear com aquelle. Perfeito representante da moderna escola realista, aquelle soberbo interprete da difficil arte dramatica admira-nos em nossa curiosidade de espectador e analysta. Ainda nada vimos que se assemelhe a elle. O completo apuramento da arte, que elle tem em gráo subido, e que lhe dá a mais verdadeira naturalidade, jámais encontramos em nenhum dos actores, que temos applaudido,

Fôra difficil especialisar as scenas em que mais se elevou o primoroso actor. São muitas; são todas.

O Sr. Furtado Coelho no picante dialogo do 2.º acto; na petulancia com que trava por diversas vezes a lucta de espirito e sarcasmo com Lucilia; e na gravidade e digno porte com que se apresenta a ella no sexto acto, não é possivel conceber-se penetração e execução artistica mais aprimorada.

(A Coalição, de 12 de Setembro de 1863).

Agora cumpre fallar da *Viuvinha*, comedia fina e de sala, escripta pela delicada penna de *Mery* para o Theatro Francez.

Essa deliciosa producção traduzida pelo poeta Emilio Zaluar, foi transplantada para o nosso clima com todas as suas bellezas primordiales.

É um trabalho que encanta pelo torneado da linguagem, pela agudeza de observação, pela finura do espirito e pela concisão e meias-phrases, que a matisam.

Mery propondo-se a escrever a *Viuvinha*, não tinha em mente cousa alguma; desejava conversar e, sem intenção e nem proposito deliberado, escreveu algumas paginas mimosas e de uma critica picante e perfumada.

O Sr. Furtado Coelho fazendo o papel de *Roberto* identificou-se com o espirito do poeta. Disse prodigiosas bagatellas, que tomavam o valor de grandes cousas passando por seos labios.

Suas falas, gesticulação e ademanes eram reveladores de sua rara penetração; d'esse sexto sentido que os grandes artistas sómente possuem.

Por aquella forma é que se deve representar nos grandes theatros de Paris. Lafontaine ou Laferriere não o farão melhor.

(A Coalição, de 16 de Setembro de 1863).

Paulo Scudo, um dos melhores analyistas em materias theatraes, disse com muita verdade, que se não deve confundir a popularidade com a fama ou com a gloria.

As vezes o artista ou drama muito festejado e bem recebido pelo

publico, nada tem dos elementos indispensaveis para poder viver e sustentar-se; dura apenas por um capricho, por uma aberração das platéas.

Em materia de gosto não se discute com a multidão; a cara enfarinhada de Arlequim chama a concorrência, assim como os dramas *larmoyants* de Kotzebue ou as mais delicadas concepções de Feuillet e Legouvé.

O que se póde, porem, é explicar as rasões porque as platéas applaudem a *Dalila*, por exemplo, ao passo que não se sabe assignalar os motivos porque tambem ellas recebem. . . . o *Poder do ouro*.

Entretanto o facto existe e as platéas, do Maranhão, Pernambuco, e Rio de Janeiro, não cessam de saudar o drama do Sr. Dias Guimarães.

Terá essa peça merito litterario? basea-se a sua fama no valor intrinseco? É um dos casos em que a tal *popularidade*, de que fala *Scudo*, apparece para tomar o lugar que compete á gloria e ao merito indisputavel.

A popularidade do *Poder do Ouro* funda-se, em bem pequena cousa. E o thema já estafado do villão honrado á esbofetear moralmente o ricasso corrompido; é a rançosa mas sempre festejada situação do vicio encarnado no homem que possui o ouro e a virtude dada em apanagio ao pobre paria da fortuna. Anthitese por demais aproveitada, discutida e uzada na scena.

O que é que o autor quiz dramatisar?

Não ha uma ideia sua ou nova; não ha mesmo uma situação colorida ou retocada com tintas diversas, embora já vista por outra forma.

Todos os caracteres são falsos e mal sustentados. O visconde de Gondomil é um personagem inaceitavel. Aquelle monstro de casaca e luvas é mais abominavel do que o Han de Islande; é mais falso do que qualquer tyranno descabellado de drama ultra-romantico.

O drama do Sr. Guimarães diz-se realista e pertencente á nova escola, mas não é possivel estar-se mais constrangido do que elle se acha nas formas do drama moderno.

De vez em quando alça o colo e sacode-se para o romantismo puro, para todas as inverosimilhanças do melodrama impossivel.

Como livro, este drama é intragabilissimo, não resiste a uma leitura.

Como espectáculo, promove a concorrência, porque a multidão gosta d'aquelles altos e baixos de um romantismo safaro e de mão

gosto, ao passo que os homens de bom paladar, a plateia *d'elite* não se pôde conformar com semelhante drama.

A vinda do filho do carpinteiro é uma das cousas mais semsaboronas que se pôde imaginar.

O seo crime é ir para o Brasil; a sua felicidade é ter ido ao Brasil! Faz mal em emprender semelhante viagem no primeiro acto, é abençoado no ultimo por tel-a realisado! O *Poder do ouro* é uma cousa medonha e detestavel; entretanto pelo poder do ouro é que João se rehabilita, se vinga e salva a todos!

Um filho da ordem de João, depois de uma scena tão commovente, como a havida entre elle e a familia, no primeiro acto, não se deixa fascinar logo em seguida por uma narrativa chata e incolor, que faz o visconde, acerca do ouro que anda á rodo no Brasil.

Margarida é uma personagem obrigada; apparece para encerrar os actos, e chorar de quando em vez.

Deixa-se seduzir com uma facilidade demasiada; não parece que ouviu sinceramente os santos conselhos do seo venerando pae.

Corre atraz do amante sem este empregar grandes esforços e isto quando a familia está entregue á maior desolação. É uma *virtuosa* muito repugnante;—uma Eva muito impressionavel, e com a qual a serpente pouco teve que fazer.

O marquez de Seixal é um character desigual. Faz a figura da Providencia encasacada. Mas é uma Providencia soffrivelmente parva, e que se deixa lograr com muito desaso pelo diabolico Visconde.

Resigna-se á pagar cem contos de reis, que não deve, com uma paciencia evangelica, e como se a questão fosse de vintens; cathequiza a filha para unir-se com um tratante (desmascarado por elle) com uma eloquencia, que o autor quiz que fosse triste, mas que é apenas imbecil e asquerosa.

Os dous typos mais bem condusidos são os dos dous selvagens, pae o tio do Visconde; ha alguma verdade n'aquellas figuras.

A linguagem que se fala nesta peça, não pôde ser mais pesada e insupportavel. Ha monologos capazes de fazer dormir um exercito, e exclamações retumbantes que despertarião os sete dormentes.

No meio de tudo isto destacam-se phrases e respostas preparadas como minas, que arrebetam ao primeiro signal.

E o mais é que essas minas produzem effeito e dão em resultado—estouro contra estouro.

Aplaudese o dito encaixado ali para a explosão, e a cousa parece a mais bem achada da vida,

O certo é que o drama é muito applaudido, e continuará a sel-o apesar das censuras que se lhe tem feito.

Mas assim como a critica nada faz em prejuizo de sua representação, assim os applausos das plateias de forma alguma embaraçarão as objecções que ella tenha a fazer.

O Sr. Furtado Coelho faz um grande esforço artistico no desempenho da parte do velho carpinteiro. Quem o admira no general do *Gaiato de Lisboa*, prevê o seo triumpho todas as vezes que elle tocar n'aquelle genero.

Não ha nada mais incompativel com a verdadeira arte dramatica do que— *fingir*—por que a escola moderna exige só o natural, a verdade e nada mais do que a verdade. E o Sr. Furtado Coelho não se *finge* um velho decrepito; toma todos os caracteriscos da velhice: andar alquebrado, a voz gasta e quasi sumida, os gestos cançados, movimentos frouxos e mal seguros. Parece que elle possui aquelle anel de que fala V. Hugo, anel que tinha o meritø de encurtar e avançar a idade de quem o trouxesse.

No seo difficil papel (difficil porque era preciso crial-o) o Sr. Furtado soube impressionar mui vivamente; sobresahindo mais o seo trabalho quando quiz amaldiçoar o filho e é presa dos mais encontrados sentimentos, e tambem quando passa-lhe pela mente a sinistra ideia de roubar. Ao perdoar a filha, solta um grito tão do fundo d'alma, acompanhado de frases articuladas em tom tão doloroso, que ninguem pode conter-se sem aplaudir o trabalho apurado do eximio artista.

—A *Filha de Gringolet* é uma composição cheia de mimo e de frescura.

A musica da comedia é muito original e harmoniosa. Os romances de *Nina*, do *Tambor* e o da *Costureira* são muitos delicados e expressivos; porem os trechos que mais revelo de originalidade apresentam são os dous duetos de Paulo, sobretudo o das gargalhadas, e tambem o côro dos artistas quando entram.

O Sr. Furtado Coelho é o auctor dessa musica, e o publico, aplaudindo-a, admirou mais uma face do seo talento.

(A Coalição, de 26 de Setembro de 1863).

Depois do *Poder do ouro* seguiu-se *Lucia Didier*; é realmente um consolo para aquelles que desejam ver no theatro as obras de arte unicamente.

Apoz o drama mascavado e sem merito algum litterario, a composição mimosa, cristalizada e finissima.

Que importa que o *Poder do ouro* tenha descido ao esquecimento, muito empalhado de bravos, palmas e *bis*, se o elogio não pode dar merito áquillo que não o tem, assim como a censura não prejudica as cousas dignas de apreço?

Os proprios apologistas da peça do Sr. Guimarães são incapazes de apontar as bellezas que elles apreciam e ver-se-hiam embaraçadissimos se tivessem de discutir as intenções do autor do drama e os recursos de que elle se servio para leval-o ao ultimo acto.

Na *Lucia Didier* conhece-se a these proposta pelo poeta, pode-se discutir com elle os paradoxos que pretendeo sustentar, e as consequencias que quiz tirar da questão proposta.

No *Poder do ouro* chega-se ao fim do drama sem enxergar-se o principio da ideia do dramaturgo; por isso a critica laudativa não contenta-se com chamal-o de bom; essa classificação pediria palavras que a comprovassem; a critica diz que o drama é sublime, bellissimo e *arrebatador*. Isto é mais facil; o superlativo corta a discussão.

Máo grado as observações quadradamente desenxabidas do *grosso* da plateia; máo grado as incriveis analyses de certos criticos ainda não aclimatados com as composições delicadas, que fazem hoje as delicias dos grandes circulos litterarios; as peças como *Lucia Didier* serão sempre bem recebidas pelo publico illustrado e amigo de obras que duram e podem viver nas bibliothecas do bom gosto.

É certo que as plateias que applaudem o *Poder do ouro* devem, por coherencia ao menos, pateiar as composições como *Lucia Didier*.

Lucia Didier é um drama intimo, uma scena de familia. É o drama realista em toda a sua pureza. Quer no pensamento, quer nos accessorios; quer no fundo da ideia, quer na forma por que elle está revestido, o seo autor não se apartou uma linha da escola da verdade.

Não é um drama de scenas estrepitosas e cuja acção parece, como de muitos outros, que teria absorvido as vistas de toda uma sociedade, no centro da qual elle se passasse.

Lucia Didier é uma lagrima sem ruido; um soluço suffocado; um d'esses tristes episodios passados no fundo de uma casinha, ao nosso lado, ignorado por muita gente, não obstante a vehemencia das paixões que se acham em jogo.

O estylo da composição é delicado e singelo: dialogo animado e na-

tural, tão natural que o expectador julga possível tomar parte n'aquella conversação tão verdadeira, tão pouco apumada.

Simplicidade de idéas; sobriedade de palavras, eis o fundo e a fórma desse bello drama, que não encerra uma scena de effeito sobrenatural, nem retumbante.

Na *Lucia* pretende-se mais acalmar a alma do expectador do que turbal-a; o autor sabe que o equilibrio das sensações é o que melhor effeito produz e maior merecimento acarreta.

A these do drama é a ideia tão em moda hoje entre os autores modernos:—A reabilitação, ou pelo menos a attenuação da falta da mulher que se transvia.

O poeta colloca a esposa pura e fiel em uma terrivel posição; fal-a peccar á contragosto, tornando-a purissima ainda na sua culpa. Deixa-a culpada aos olhos da sociedade, mas quer abafar a voz da moralidade offendida, apresentando as razões poderosas, que levaram a victima ao sacrificio.

É um embargo á censura social; um caso em que o autor quer que o crime seja justificado.

Assim pensa elle; mas terá razão?

Vacillamos na affirmativa; antes parece-nos que as esposas no caso de *Lucia* são injustificaveis, embora *aquella Lucia* se possa justificar.

A mulher amante poderá, para salvar o objecto amado, sacrificar tudo, até mesmo a sua honra; mas isso em quanto essa honra for *sua* só, porquanto aquelle por quem ella faz o sacrificio pôde ter o direito salvo de não acceital-o, e, embora desventurado, não ser envolvido na deshonra. A *Marion*, de Victor Hugo, comette tal arrojo, mas essa poderia fazel-o sem vehementes censuras do amante. A esposa virtuosa, porem, não pôde levar o seu amor a esse crisol, porquanto a sua honra não é sua unicamente.

O que obriga *Lucia* a tornar-se criminosa é, alem do amor pelo esposo, o medo de ver sua innocente filhinha com um nome deshonrado, caso fosse o seu marido levado aos tribunaes, como estellionatario. Para evitar a deshonra proveniente do nome paterno, ella lança-lhe deshonra mais pungente, nodoando o nome da mãe e o do pae!

O tribunal de justiça poderia absolver, ou encontrar justificação no crime de Paulo; mas que tribunal absolver-a-hia?

É porisso que achamos viciosa a defesa da these. Se a esposa-modelo pensasse por esta forma não daria o passo reprovado; mas, tambem se ella pensasse por esta forma não haveria o drama.

A intenção do poeta, portanto, cifra-se nesta hypothese: dado o caso de pensar a esposa por aquella forma, o seu crime é ou não atenuante, pelo desenvolvimento que apresenta? N'esta *especie*, seguramente, parece-nos que elle tem alguma rasão, mas não podemos aceitar um aresto para solução de todos os casos n'aquelle genero. A these não se salva.

O certo, porem, é que não é possível escrever-se com mais brilhantismo, sentimento e poesia, do que está escripta esta linda peça, tão recommendada como obra litteraria.

O papel de *Paulo* é uma criação monumental do Sr. Furtado Coelho; aquelle typo do homem honrado e soffredor, resignado, mas já sem alento pelo martyrio o mais atroz; aquella bella criação artistica, é um triumpho do Sr. F. Coelho. Não podemos conceber eloquencia mais dominadora do que tem elle n'aquelle gesto pavoroso quando obriga sua mulher a dar o braço ao homem que a levou ao adulterio.

N'aquelle movimento ha um drama inteiro; é uma fagulha electrica que de si irradia as mais horrorosas cores.

Na exprobação que se segue, calma e digna, mas travada de fel e azedume; na leitura da carta compromettedora, e quando as suas feições tomam aquella expressão sinistra ao entrar na sala o Sr. de Sarzane; n'estes lances o artista produziu verdadeiro fanatismo entre os expectadores.

Porem, trabalho que deve ser estudado pelos demais artistas com o mesmo interesse com que é admirado pelos entendedores, é o momento final do drama, quando, estortegado pelo martyrio, transportado á vida pela revelação da esposa moribunda, e delirante por vel-a sem vida, Paulo ouve a voz do seu inimigo a profanar o nome de sua esposa, e, allucinado, nervoso e fóra de si, lança-se para elle sem um pensamento certo e determinado. A scena de loucura, que apoz se segue, é tão admiravel que não ha palavras capazes de significarem o quanto ella vale.

(A Coaligão, de 7 de Outubro de 1863).

DO PAIZ.

O Sr. Furtado Coelho não podia deixar de ser o artista que é. Reunindo aos melhores dotes physicos, talento brilhante, instrucção e

grande vocação para a scena, não lhe falta um só predicado para ser um consummado artista dramatico. Desempenhou com tanta intelligencia e naturalidade o papel do cavalleiro Carnioli, que o publico entusiasmado não fez mais do que confirmar com applausos repetidos a justiça da grande nomeada que gosa. Para nós em tudo brilhou; mas, onde tocou ao sublime da arte, foi nessa discripção pausada que faz a André do deploravel estado de Amelia. Essas palavras, pronunciadas calculadamente para produzir uma impressão desejada sobre a alma enferma do amigo, eram, pelos gestos que a acompanhavam, pela phisionomia do artista, de uma eloquencia tão arrebatadora, que se o autor do drama assistisse a esta representação supporia que a sua alma n'aquelle momento animava o corpo do Sr. Furtado Coelho.

(O Paiz, de 28 de Agosto de 1863).

É *Dalila* que está se representando.

Furtado Coelho, esse Duchesnois no tragico, Potier no mimico, essa mistura talentosa de riso e dores, emfim, Furtado Coelho, gigante da scena, modêlo da eschola moderna, com naturalidade commove, faz rir, faz chorar, alegre e entristece ao mesmo tempo, é um composto de tudo, e tudo representa sublimemente. É o astro luminoso do nosso horisonte dramatico; elle tem o brilho do sol, a claridade poetica da lua, o scintilar das estrellas.

Quem o duvidar que ouça n'esse momento sublime, quando diz no 1.º acto:

«Um artista casando, suicidou-se... Olha Rossini, o grande Rossini!... Casou, e sabes o que agora faz? Pesca ao anzol».

O Sr. Furtado Coelho não é magnifico só neste pedaço. é em tudo.

No acto 2.º o Sr. Furtado Coelho representando de Carnioli, um genio um pouco extravagante e liberal para com os artistas, o Sr. Furtado Coelho dá toda a expansão ao seu talento, pela forma de exprimir-se para com a Princesa Leonor, quando lhe diz lamentando o seu protegido:

«O meu poeta vibra-me um golpe de uma perversidade atroz... Este homem... este portento... este genio...»

LEONOR.

«Que tem?»

CARNIOLI.

«Vai casar».

Aqui no sentimentalismo do protector de André, d'esse artista que elle lamenta, o ir casar-se, o Sr. Furtado Coelho nada deixa a de-sejar.

Se tivéssemos de catar os pedaços magníficos de *Dalila* aonde o Sr. Furtado Coelho é applaudido e ganha os louros de artista consummado, teríamos de reproduzir aqui o drama do Sr. Serpa, e para tanto não tínhamos espaço. Mas limitamo-nos a lembrar aos que ouviram ao Sr. Furtado Coelho as expressões deste sublime artista no 5.º acto:

«Desconfia igualmente das mulheres que não saem das igrejas e das que ali não vão nunca: são duas especies venenosas. . . . A mulher que não é de Deos, pertence ao diabo».

As palavras desprendem-se dos labios do artista com a facilidade e claresa que é possível! A rapidez do seu fallar é harmoniosa, poetica, e realça na parte de Carnioli.

É tragico, mas não d'esses que gesticulam, fazem momices, movem os olhos, suspiram, gemem e choram, não; é tragico como deve ser o actor que não dobra a lei da natureza aos caprixos estudados de agradar pelas bufonarias ao publico que o vê.

Quando Leonor desmente a Carnioli, o Sr. Furtado Coelho torna-se magestoso, grave e admiravel, dizendo á sua ex-amante, quando esta o expulsava de sua casa: «Sinto enconral-a, Princesa, não gosto d'estas scenas».

A figura do Sr. Furtado Coelho, ao dizer estas palavras, é a fiel copia de um homem de bem de quem a linguagem da mulher perdida quer mariar a honra. Mas aonde o Sr. Furtado Coelho é sublime neste mesmo acto, é no solemne momento em que narra ao seu protegido André o estado em que encontra Amelia, sua primeira amada, mortalmente doente, e como ouvira de Sertorius esse *Cantico do Calvario*, que prometteu o velho musico tocar no dia das nupcias de sua filha.

Com a voz suffocada pelos soluços, não d'esse chôro descomedido e berrador, mas pelo pranto de um homem de coração verdadeiramente amigo, foi como o Sr. Furtado Coelho fez filtrar no coração e animo de André os sentimentos de um amor perdido, mas que devia orgulhar o homem que fôra assim amado.

Vibrando as cordas da alma de André, o Sr. Furtado Coelho faz o riso desaparecer de todos os labios, e as lagrimas arrebitarem em todos os olhos, que pareciam querer sorver palavra por palavra que seus labios desprendiam: É Carnioli quem falla:

«Ouvi então o famoso *Cantico do Calvario*. . . o cantico sublime! . . .
 «Em quanto tocava, grossas lagrimas lhe cahiam, uma a uma, sobre as mãos tremulas e inspiradas. . . chorava! . . . Chorava o instrumento. . . choravam as cordas. . . o arco, a madeira, o cobre. . . tudo chorava. . . O medico afastava os olhos. . . e eu cumprimia os soluços! . . . Só ella não chorava. . . porque já não tinha lagrimas».

É tocante este pedaço do drama, e o Sr. Furtado Coelho dá-lhe toda a expressão, que o sentimento do seu grande genio inspirou-lhe nesse momento solemne.

Bon, na sua arte dramatica, não ensina melhor do que o Sr. Furtado Coelho pode ensinar aos demais artistas.

O Sr. Furtado Coelho, alem de um inimitavel actôr, é optimo poeta e distincto litterato. O seu talento não lhe pôde negar o lugar glorioso que se lhe ha-de dar sempre entre os homens celebres que o mundo tem tido na arte dramatica.

(O Paiz, de 4 de Setembro de 1863).

Aquelles que assistiram á representação da *Omphalia* não poderão dizer o que prima mais, se o drama, como trabalho litterario, ou se o desempenho que elle teve. Semilhante á *Dalila*, é este drama a historia de uma paixão desgraçada, é a vida de um mancebo honrado, toda de amor e dedicação por uma mulher corrompida, que, depois de fazer-lhe experimentar os mais crueis amargores, joga-o na sepultura, coberto de ignomia e deshonra. O typo da mulher de salão, corrompida e seductora, o character do homem extravagante e leviano, a vehemencia de uma paixão que tudo sacrifica, mãe, irmãos, mocidade, ambições, são n'um e n'outro drama, quadros traçados com a mesma inspiração.

O desempenho foi mais uma confirmação da reputação merecida do Sr. Furtado Coelho. O maior elogio do Sr. Furtado está em que, se querendo mencionar uma scena em que mais sobresahisse, é séria a difficuldade, porque em todas, quer se o considere nos primeiros actos, extravagante, alegre e folgasão, quer no fim, homem reflectido e pensador, fez tudo que se podia esperar e exigir do mais talentoso. Á seu respeito já houve quem dissesse que Deos gravou-lhe na fronte a palavra genio, e é uma verdade que cada dia se vê.

(O Paiz, de 11 de Setembro de 1863).

DO PUBLICADOR MARANHENSE.

Visconde.—O Sr. Furtado Coelho:—a sua gloria está completa, e não sabemos como juntar mais este florão á sua corôa de artista. Deixando de analisar seu trabalho, por concordarmos com as apreciações feitas por diversos criticos do imperio, limitarmo-nos-hemos d'ora avante a comprimental-o todas as vezes que por junto de nós tenha de passar.

(Publicador Maranhense, de 10 de Setembro de 1863).

DO ARTISTA.

Reabriu-se o theatro de S. Luiz em o dia 25 do passado mez com a representação da Dalila, excellente producção de Octavio Feuillet, imitação de Antonio de Serpa.

Este drama, que, vasado em modernos moldes, occupa lugar distincto entre os outros da eschola realista, foi bella e completamente desempenhado, sobretudo por um artista de elevado merecimento, que de presente honra a nossa scena.

Furtado Coelho, fiel interprete do pensamento do poeta, arrebatou os expectadores, produziu o mais justificavel enthusiasmo no desempenho do papel de Carnioli.

A reputação de que goza não é, portanto, o resultado da lisonja, nem da condescendencia; é o reconhecimento do merito que em alta doze possui tão distincto artista.

Este jornal, fazendo côro com as ovações e louvores, que com justiça são tributados á essa gloria do theatro moderno, comprimenta a Furtado Coelho, a esse nobliarcha da arte.

(O Artista, de 11 de Setembro de 1863).

À FURTADO COELHO.

(NO SEU ALBUM).

STANCES.

Eu sei que tu desejas n'esta pagina
 Apenas da amisade a mais vivissima
 Um ligeiro signal;
 Nem eu tambem me apego á ideia estolida
 De mostrar-me poeta, que o meo cantico
 Eu sei que nada val.

Mas não é da amisade a voz angelica,
 Esse som divinal, nota balsamica,
 Que eu vou soltar aqui;
 O amigo emudece, e, todo em extase,
 Fala só quem venera e adora o genio
 Que vê brilhar em ti!

Na vasta fronte a mão de Deus lançou-te
 O nimbo do talento, linda aureola
 De luz, de inspiração;
 Poeta e artista immenso, nas arterias
 O sangue não te corre doce e placido;
 Tu tens n'alma um vulcão!

No papel escrevendo ou no scenario
 Tu crêas, tu traduzes mil delirios,
 Dominas como rei!
 Queres prantos? Ninguem contem as lagrimas,
 Queres risos? Desata-se elle subito...
 Aos homens dás a lei!

Oh! eu folgo de ver-te bello e impavido
 Colhendo saudações, flores suavissimas,
 Que o povo ao genio dá!
 Eu prostro-me humilhado e com delicias,
 Quando vejo brilhar com luz esplendida
 Ou Furtado ou Talmá!

J. SERRA.

MEU FURTADO,

Ahí vão essas tiras de papel nas quaes escrevi uma comedia-drama, que te dedico, em testemunho da minha homenagem ao teu talento.

Fizeste-me dramaturgo, porque o teu merecimento artistico foi quem despertou em mim uma tal idéa.

Se o meu trabalho vale, pois, alguma cousa, recolhe essas glórias e experimenta esse prazer, porque tudo é obra tua.

O assumpto da comedia-drama, que te consagro, é uma dessas paginas da vida, bem conhecida de todos nós; em carestia de outros titulos, que recommendem o meu trabalho, elle sobresahe pela realidade e vivacidade dos caracteres e dos factos.

O meu ensaio recebeu no baptismo o pavoroso nome de—*Caminho da perdição*; examina-o, concerta-o, faze o que te parecer, pois a minha intenção, escrevendo um drama para ti, é dar-te uma prova solemne do apreço em que tenho o teu merecimento e, ao mesmo tempo, tornar bem patente a amizade, que te tributo.

Acceita esta minha insignificante offerta, e cré no

Am.º sincero e obr.º

JOSÉ JOAQUIM TAVARES BELFORT.

S. Luiz do Maranhão, 8 de Outubro de 1863.

* Bacharel formado em sciencias sociaes e juridicas e em bellas lettras, redactor politico da COALIÇÃO, e deputado reeleito á Assembléa Provincial do Maranhão.

FIM.

TITULOS E LOCALIDADES

DOS JORNAES, CUJOS EXTRACTOS COMPÕEM A—2.ª PARTE—DESTA OBRA.

| | | | |
|------------------------------------|---|---------------------------------|--------------------------|
| CORREIO MERCANTIL | } | Rio de Janeiro. | |
| DIARIO DO RIO DE JANEIRO | | | |
| CORREIO DA TARDE | | | |
| CORREIO PAULISTANO | } | Provincia de S. Paulo. | |
| REVISTA DRAMATICA | | | |
| O TYMBIRA | | | } S. Paulo |
| FORUM LITTERARIO | | | |
| A LEGENDA | | | |
| REVISTA COMMERCIAL | | | |
| O PROGRESSO | | | } Santos |
| A CIVILISAÇÃO | | | |
| O ARGOS | | Provincia de Santa Catharina. | |
| DIARIO DO RIO GRANDE | } | Provincia do Rio Grande do Sul. | |
| O COMMERCIAL | | | } Rio Grande |
| O ECCO DO SUL | | | |
| O MERCANTIL | | | } Porto Alegre |
| O CORREIO DO SUL | | | } Pelotas |
| O COMMERCIO | | | |
| DIARIO DE PERNAMBUCO | } | Pernambuco. | |
| JORNAL DO RECIFE | | | |
| O PROGRESSISTA | | | |
| A COALIÇÃO | } | Maranhão. | |
| O PAIZ | | | |
| O PUBLICADOR MARANHENSE | | | |
| O ARTISTA | | | |

INDICE.

CARTA DO AUTHOR DA BIOGRAPHIA.

RETRATO.

1.^a PARTE.

| | | |
|---------------------|------|---|
| BIOGRAPHIA. | Pag. | 3 |
|---------------------|------|---|

2.^a PARTE.

| | | |
|--|---|----|
| DESCRIPÇÕES, NOTÍCIAS E APRECIÇÕES GERAES. | « | 43 |
|--|---|----|

VARIOS ARTIGOS E OPINIÕES EXTRAHIDAS DA IMPRENSA Á CERCA DA REPRESENTAÇÃO DE ALGUNS PAPEIS:

| | | |
|--|------|----|
| <i>Pedro</i>—Pedro. | Pag. | 64 |
| <i>Carnioli</i>—Dalila. | « | 73 |
| <i>Filippe Plumet</i>—Herança do Sr. Plumet. | « | 76 |
| <i>Luiz de Abreu</i>—A Justiça | « | 76 |
| <i>Rafael</i>—Rafael. | « | 77 |
| <i>Alfredo Tovar</i>—Purgatorio e Paraiso | « | 80 |
| <i>Henrique Soares</i> —Probidade. | « | 80 |
| <i>Carlos</i>—Cynismo, Scepticismo e Crença. | « | 83 |
| <i>O General</i>—Gaiato de Lisboa. | « | 84 |
| <i>Visconde</i>—Omphalia. | « | 86 |
| <i>Francisco Vieira</i> —O Poder do ouro | « | 89 |
| <i>Alberto Vidal</i>—O Actor | « | 91 |
| <i>Dr. Eduardo</i>—Demonio Familiar. | « | 93 |
| <i>Paulo Didier</i>—Lucia Didier. | « | 93 |
| <i>Mauricio Feder</i>—A Redempção | « | 94 |

| | | |
|---|------|----|
| <i>Antonio Ferreira</i> —Um mysterio de familia | Pag. | 93 |
| <i>Desgenais</i> . . .—Mulheres de Marmore | « | 97 |

| | | |
|----------------------------------|---|----|
| THEATRO DAS VARIEDADES | « | 99 |
|----------------------------------|---|----|

| | | |
|-------------------|---|-----|
| O ACTOR | « | 103 |
|-------------------|---|-----|

CORRESPONDENCIA:

| | | |
|--|---|-----|
| Sociedade Propagadora das Bellas Artes no Rio de Janeiro | « | 111 |
| P. B. d'Ornano | « | 111 |
| Conselheiro J. F. de Castilho | « | 112 |
| Valentim José da Silveira Lopes | « | 112 |
| Camillo de Andrade | « | 113 |
| Salvador Furtado de Mendonça | « | 113 |
| Dr. Azevedo e Gotha. | « | 114 |
| J. Pereira Pinto | « | 115 |
| Instituto Dramatico de S. Paulo. | « | 115 |
| Dr. Taques | « | 115 |
| Mesa da Santa Casa da Misericordia de Pelotas | « | 116 |
| Sociedade Portuguesa de Beneficencia de Pelotas | « | 117 |
| Commissão dos Festejos da Independencia em Porto-Ale- gre | « | 117 |
| João Baptista Tallone. | « | 118 |
| Vice-consul portuguez em Porto-Alegre | « | 119 |
| Joaquim Roberto de Azevedo Marques | « | 119 |
| Vice-consul d'Italia em Pernambuco | « | 120 |

POESIAS.

| | | |
|--|---|------|
| Dr. Felix Xavier da Cunha. | « | 121. |
| Pedro Antonio de Miranda | « | 121 |
| Francisco Antunes Gomes da Costa | « | 123 |
| Antonio Joaquim da Silva Faria. | « | 123 |
| Salvador Furtado de Mendonça. | « | 124 |
| A. Macedo. | « | 125 |
| Ernesto Cibrão | « | 126 |

| | | |
|---|------|-----|
| Dr. Azevedo e Gotha. | Pag. | 126 |
| Bazilio J. da Gama e Silva | « | 128 |
| Augusto Emilio Zaluar | « | 129 |
| Dr. Andrada | « | 130 |
| Dr. João Gabriel de Moraes Navarro | « | 131 |
| João Soares | « | 132 |
| Antonio Manoel dos Reis | « | 133 |
| Luiz N. F. Varella | « | 134 |
| Marciano F. de Souza | « | 135 |
| Padre Francisco Luiz do Livramento | « | 137 |
| João Baptista Tallone | « | 138 |
| Francisco Ignacio Ferreira | « | 139 |
| Victoriano Palhares | « | 141 |
| Antonio Joaquim de Passos. | « | 142 |
| Antonio de Castro Alves. | « | 144 |
| Virgilio Peixoto de Araujo Palmeira | « | 146 |
| A. de Souza Pinto | « | 147 |
| Franklin Tavora. | « | 149 |

APPENSOS.

—NO MARANHÃO.—

| | | |
|---|---|-----|
| Carta do Sr. Joaquim Serra. | « | 153 |
| Na ultima pagina do drama—O Actor—. | « | 155 |
| Extractos dos Folhetins do Sr. Joaquim Serra, no Jornal | | |
| A Coalizão | « | 156 |
| Do Paiz. | « | 169 |
| Do Publicador Maranhense. | « | 173 |
| Do Artista. | « | 173 |
| Poesia do Snr. Joaquim Serra. | « | 174 |
| Carta do Dr. J. J. Tavares Belfort. | « | 175 |
| Titulos e localidades dos jornaes citados nesta obra. | « | 176 |

FIM DO INDICE.



HARVARD UNIVERSITY
WIDENER LIBRARY

